

*Viagem á Provincia de
Santa Catharina (1820)*

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
 Sob a direcção de FERNANDO DE AZEVEDO - Série 5.ª - BRASILEANA

- Volumes Publicados.
- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outras esculptas.
 - 2 — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena.
 - 3 — Alcides Gentil: As Idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
 - 4 — Oliveira Vianna: Ruça e Assominação (3.ª edição augmentada).
 - 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) - Tradução e prefacio de Antonio de E. Taunay.
 - 6 — Baptista Pereira: Vultos e episodios do Brasil.
 - 7 — Baptista Pereira: Directrizes de Ray Barbosa (segundas textos escolhidas).
 - 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil (2.ª edição).
 - 9 — Nina Rodrigues: Os Afrances no Brasil (Revisão e prefacio de Honório Heres Profusamente illustrado - 2.ª edição).
 - 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro (2.ª edição illustrada).
 - 11 — Luiz da Câmara Cascudo: O Conde D'Eu (volume illustrado).
 - 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe (Volume illustrado).
 - 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da Historia do Brasil.
 - 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira (2.ª edição).
 - 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas (3.ª vol. da serie Relat. ecos Exteriores do Brasil).
 - 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
 - 17 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
 - 18 — Visc. de Taunay: Pedro II.
 - 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
 - 20 — Alberto de Faria: Manó (com tres illustrações fóra do texto).
 - 21 — Baptista Pereira: Povo Brasil maior.
 - 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
 - 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
 - 24 — Pandiá Calogeras: Problemas de Administração.
 - 25 — Mario Noroiquim: A lingua do Nordeste.
 - 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
 - 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistanas.
 - 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Aracaju (3.ª edição).
 - 29 — José de Castro: O Problema da alimentação no Brasil. Prefacio do prof. Pedro Escudero.
 - 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Povo Brasil Central (ed. illustrada).
 - 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
 - 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio (edição illustrada com 12 figuras).
 - 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
 - 34 — Anyone Costa: Introdução á Archeologia Brasileira - (ed. illustrada).
 - 35 — A. J. Sampaio: Phytogeographia do Brasil (edição illustrada).
 - 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Reino do Maranhão (2.ª edição).
 - 37 — J. P. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil (ed. illustrada).
 - 38 — Iny Barbosa: Mecidade e Exilio (Cartas Ineditas, Prefaciadas e annotadas por Americo Jacquin Lacombe) - Ed. illustrada.
 - 39 — ... Roquette-Pinto: Rondônia (3.ª edição augmentada e illustrada).
 - 40 — Pedro Calmon: Espelho da Sociedade Colonial (ed. illustrada com 13 grav. acas).
 - 41 — José Maria de ... A Inteligencia do Brasil.
 - 42 — Pandiá Calogeras: Formação Historica do Brasil (2.ª ed. com 3 mapas fóra do texto).
 - 43 — A. Sabola Lima: Alberto Torres e sua obra.
 - 44 — Everson Pinho: Os Indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas).
 - 45 — Bastião de Macêdo: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
 - 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil (edição illustrada).
 - 47 — Manoel Romão: O Brasil - Com uma rota explicativa de Carlos Maul.
 - 48 — Urbano Viçosa: Bandeiras e sertanistas balthianos.
 - 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil (Ed. illustrada com 50 gravuras e mapas).
 - 50 — Mario Levasseur: Projecção Continental do Brasil - Prefacio de Pandiá Calogeras. (2.ª edição ampliada).
 - 51 — Octavio de Farias: Doenças africanas no Brasil.
 - 52 — Gel. Couto de Magalhães: O Selvagem.
 - 53 — A. J. de Sampaio: Biogeographia Synoptica.
 - 54 — Antonio Gonçes de Carvalho: Calogeras e Bibliobranco Arcyoli: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos d'America.
 - 55 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brasil. Tradução, Prefacio - Nou de Gastão Peraiva.
 - 57 — Fláudio Rodrigues Valle: Elementos de Folk-Lore Musical Brasileiro.

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
Série 5.^a BRASILIANA Vol. 58

Auguste de Saint-Hilaire

Membro da Academia de Sciencias do Instituto de
França, Professor da Faculdade de Sciencias de Paris,
Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da
Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, etc.

Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820)

TRADUCCÃO E PREFACIO DE
Carlos da Costa Pereira



1 9 3 6

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Título original desta tradução:

VOYAGE DANS LA PROVINCE DE
SAINTE-CATHERINE (Edição de 1851)

Do mesmo autor:

SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A
MINAS GERAES E A SÃO PAULO (1822) —
Tradução e prefácio de Afonso E. de Tauray —
Vol. 5 desta Série.

*Ao erudito historiador e eminente coestaduaño
dr. Affonso de E. Taunay.*

*A' memoria do inesquecível mestre e amigo
dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto*

O TRADUCTOR

I N D I C E

Prefacio	9
Traços geraes	13
A villa, ilha e districto de S. Francisco	67
A armação de Itapocoroia	113
A ilha de Santa Catharina — A cidade do Desterro	143
Estada do autor na cidade do Desterro	177
Viagem do Desterro á Laguna	193
A villa da Laguna	219
Fim da viagem á provincia de S. Catharina	239

P R E F A C I O

Quando da inauguração, em outubro de 1928, do busto de Saint-Hilaire, no Museu Nacional, disse o promotor da homenagem, dr. Tobias Monteiro, no final do magnifico discurso que então proferiu:

“E’ de lamentar que os nove volumes onde (Saint-Hilaire) expoz com tanta lucidez o estado do Brasil no começo do seculo XIX, não estejam traduzidos em nossa lingua e divulgados ao menos nas provincias a quem parte delles interessa. Só no Rio Grande do Sul começou-se a fazer parceladamente esse trabalho, muito longe de findar. Como aconteceu na Bahia com as *Cartas de Vilhena* e a viagem de Spix e Martius, e em Pernambuco com as *Notas Dominicæes de Tollenare*, deveriam proceder no Rio de Janeiro, Minas, Goyaz, S. Paulo, Paraná, S. Catharina e no Rio Grande do Sul com a obra de Saint-Hilaire, em falta de uma edição nacional de todo esse monumento, erguido para esclarecer-nos a respeito daquelle trecho do nosso passado.”

A partir de 1928, pouco existe da obra de Saint-Hilaire que não tenha merecido traducção. Ainda recentemente o

dr. Affonso de E. Taunay dava á publicidade a *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas e a S. Paulo* (Companhia Editora Nacional), e no Paraná o dr. David Carneiro, seguindo as mesmas pegadas, traduzia os capitulos referentes ao seu Estado.

Incumbido em 1929, pelo saudosissimo amigo e mestre, dr. Luiz Gualberto, de fazer a traducção relativa ao nosso Estado, para publical-a em numeros successivos da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina*, puzemos mãos á obra, sem leval-a a termo, por haver sido suspensa a *Revista*. Como, no entanto, o trabalho já estivesse adiantado e a narrativa de Saint-Hilaire seja de tanto valor e de innegavel interesse, muito especialmente para Santa Catharina, ousamos levar a empreitada a remate, não obstante a convicção de que a outrem com melhores credenciaes cumpriria vasar para a nossa lingua essa parte da obra meritoria do grande naturalista francez.



Auguste de Saint-Hilaire chegou ao Brasil a 1.º de junho de 1816, em viagem de estudos, e aqui permaneceu até agosto de 1822, quando regressou á França.

Durante esse tempo visitou as antigas provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, Goyaz, S. Paulo, inclusive a comarca de Curitiba, hoje Estado do Paraná; Santa Catharina, Rio Grande do Sul e a Cisplatina, publicando dessas viagens, além de outros trabalhos sobre a nossa flóra, varios volumes relativos á historia, aos costumes, á lavoura, ao commercio e ás industrias das regiões que visitou, dentre os quaes dois subordinados ao titulo — *Voyage*

dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine, sahidos em Paris no anno de 1851.

E' dessa obra, na parte pertinente a Santa Catharina, que, decorridos oitenta e quatro annos, fazemos a presente versãõ, sendo de resaltar a minuciosidade, o interesse pelas nossas coisas e o conhecimento profundo dos nossos antecedentes historicos que o autor revela, como provas do carinho extremado que elle tinha pelo Brasil e que dizia amar quasi tanto como o seu paiz.

S. Francisco, maio de 1935.

CARLOS DA COSTA PEREIRA

CAPITULO I

TRAÇOS GERAES (1)

Historia — Colonização — Limites da provincia — População — Divisão da provincia — Administração ecclesiastica — Instrucção pública — Administração judiciaria — Milicia — Riqueza publica — Costumes.

(*) V. a nota final deste capitulo.

A ilha de Santa Catharina, até meados do seculo XVII, era uma densa floresta habitada por indios carijós e inçada de onças e veados.

Descoberta pelo navegador Solís (1515) (1), cerca de dez annos depois Sebastião Cabot, a quem fôra confiado o commando de uma expedição hespanhola ao Rio da Prata, ancorava em sua bahia, sendo bem recebido pelos carijós. No anno seguinte, ahí tambem aportava o piloto portuguez Diogo Garcia, que singrava esses mares por conta do rei

(1) O A. dá a ilha de Santa Catharina como tendo sido descoberta por Solís. Effectivamente, nada de positivo existe sobre a passagem de anteriores expedições pela costa catharinense. Contudo, pelo mappa de Maiollo (1519) verifica-se que houve uma expedição portugueza que perlustrou este litoral e baptisou-lhe varios de seus accidentes, encontrando-se no alludido trabalho cartographico, registada pela primeira vez, a designação — *G. de Patos*. Isso induz-nos a suppôr com Lucas Boiteux (*Notas*, p. 116), caiba á expedição armada por Christovão de Haro e d.

de Hespanha. Como faziam com todos os europeus que por ali escalavam, os indios proferiam-no de viveres, queixando-se, ao mesmo tempo, com acrimonia, da ingratidão de Cabot, que lhes retribuira os beneficios recebidos levando comsigo alguns de seus filhos.

Quando Pero Lopes de Souza pei correu em 1531 a costa do Brasil, aproximou-se de um porto a que denominou *Porto dos Patos* (2). Era a bahia de Santa Catharina. Deu-se tambem por esse tempo á ilha o nome de *Ilha dos Patos*, por existir em sua orla maritima grande quantidade desses palmipedes. Muito antes, porém, de 1559, como se infere

Nuno Manoel, e commandada por João de Lisbôa (1514), a autoria da denominação de *Golpho dos Patos* dada á bahia de Santa Catharina. — Em cartas posteriores tambem figuram as designações — *rio dos patos* e *porto dos patos*. Mais esclarecimentos encontram-se no *Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa* commentado por Eugenio de Castro, v. I, p. 210. — O nome que Solis teria dado á ilha de Santa Catharina seria *ysla de la Plata*, comquanto Medina julgue se tratasse da ilha de S. Francisco. — F. M. Esteves Pereira, in *Hist. da Col. Port. do Br.*, v. II, p. 379, nota 128; Felix Outes, *El Puerto de los Patos* (Contribución al estudio de la geografia historica del Brasil); Eugenio de Castro, *op. cit.*, v. I, ps. 210/211; L. Boiteux, *Notas*, ps. 113/115. — N. do t.

(2) No mappa de Diogo Ribeiro, datado de 1529, já se encontra a denominação — *p.º de los patos*. — N. do t.

da narrativa de Hans Staden (3), não se lhe dava mais essa denominação, continuando-se a chamar *Rio dos Patos* apenas ao canal que separa a ilha da terra firme.

Comquanto fizesse perto de quarenta annos que a ilha de Santa Catharina fôra descoberta, os carijós não conheciam outros europeus além desses navegadores, talvez mais barbaros que os proprios selvagens. Dentro em pouco, elles iriam entrar em relações com homens de outra tempera e de outro feitiço moral. Onde houvesse indios para converter á fé christã, ali estariam os missionarios da Companhia de Jesus. Logo que o padre Leonardo Nunes ouviu fallar nos carijós de Santa Catharina, vòou até elles, segundo a expressão de que os indios se serviam para caracterizar a surpreendente actividade do companheiro de Anchieta. Nunes pregou entre os carijós a verdade e o amor evangelicos, e estes, de inicio, deram-lhe provas de o haver comprehendido. Os hespanhoes achavam-se então em guerra com esses selvagens. Tendo elles apri-

(3) "Quando este homem chegou perto de nós, diz Hans Staden, e lhe perguntamos onde nos achavamos, respondeu-nos elle: Encontrae-vos no porto que os indigeas chamam *Schirmte-rein* (por *Jucumrem* — aliás *Jurumrin* — bocca pequena); e para que melhor comprehendaes, acrescentarei que os seus descobridores lhe deram o nome de bahia de Santa Catharina."

sionado alguns fidalgos castelhanos que se dirigiam com suas familias para o Rio da Prata, o missionario pediu-lhes em nome de Jesus que puzessem seus inimigos em liberdade, e foi attendido sem a menor reluctancia.

Não foi possivel a Leonardo Nunes permanecer por muito tempo entre os carijós. Os jesuitas, porém, não os abandonaram. Eram elles os indios mais doces e mais catechisaveis do Brasil. Em 1618, o p. João de Almeida e seu companheiro João Fernandes Gato sahiram de Santos para Santa Catharina a pregar o Evangelho. Os carijós ouviram-n'os attentamente e com bastante pezar consentiram que elles regressassem a Santos. Maravilhados com o resultado dos seus esforços, os dois religiosos solicitaram do geral da Ordem a fundação de um estabelecimento em S. Catharina para a catechese dos indios. Attendendo ao justo e piedoso pedido, o geral enviou para a ilha um missionario com o titulo de superior, sendo em 1622 construida uma casa, que ainda existia em 1824.

Os jesuitas, porém, não podiam lutar contra os aventureiros europeus que continuamente desembarcavam na ilha de Santa Catharina, e, por isso, os carijós, fugindo ás perseguições e ás violencias dessa gente, abandonaram a ilha, dispersando-se pelo interior do continente, de modo que dos pri-

mitivos habitantes da *Ilha dos Patos* resta hoje sómente o seu nome que se transmittiu a uma liana e ao aqueducto do Rio de Janeiro (4).

Parece que até o segundo quartel do seculo XVII, a occupação portugueza não ia além do porto de Cananéa, e durante muito tempo a ilha de Santa Catharina serviu apenas de abrigo transitorio aos corsarios que então eram numerosos, e aos navios que por qualquer circumstancia necessitavam arribar.

Por fim, em 1650 o paulista Francisco Dias Ve-

(4) A liana é o *Davilla rugosa*, Poir., vulgarmente chamado *Cipó de Carijó*, e que se encontra nas provincias de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geraes. Figura na minha obra — *Plantes nouvelles des Brésiliens*, e a registei (n.º XXII) como adstringente. — O nome do aqueducto do Rio de Janeiro é *Arco da Carioca*. Se, como se tem escripto, esta palavra viesse de *caryba*, homem branco, e *oca*, casa, Lery teria dado essa etymologia, pois elle conhecia o ribeiro e a aldeia já assim denominados no seu tempo, e foi do numero dos primeiros brancos chegados a essas paragens. Eis, no entanto, como elle se exprime: — "*Kariauh bé*, Aldeia assim denominada devido a um ribeiro com esse nome, que lhe corre proximo, e significa a *casa dos Karios*. De *karios*, supprimindo *os* e acrescentando *auh*, fizeram *Kariauh*." (*Hist. d'un voyage, etc.*, 3.ª ed., 315). Tanto se escreve *Carios* como *Carijós*. (S. — H.). — Define Th. Sampaio, *O Tupi na Geogr. Noc.*; — "**CARIOCA**, o mesmo que *carió* ou *carijó*; corr. *carí-oca* ou *cari-bac*, o m. stico descendente de branco. Pode vir ainda de *cary-oca*, significando a casa do branco, a residencia do europeu." — Segundo o mesmo autor, *carios* é a "graphia usada por autores hespanhoes para o nome da nação tupi-guarani". — N. do t.

lho Monteiro (5) ahi se estabe'eceu com dois filhos, duas filhas, 500 indios domesticados (6) e

(5) Desde 1901, quando o dr. Luiz Gualberto publicou no *Jornal do Commercio*, do Rio, ed. de 2 de março, o seu trabalho — *Denominação de Santa Catharina*, ficou esclarecido, de accôrdo com a autoridade de Pedro Taques de Almeida, que "Francisco Dias Velho não tinha o sobrenome de *Monteiro*; não tinha filha que se chamasse Catharina e não foi em 1651 (ou 1650, como diz Saint-Hilaire, repetindo Millet) que partira do porto de Santos para povoar a ilha de Santa Catharina", como se acreditou por muito tempo e affirmavam o visconde de S. Leopoldo (*Annacs*), Almeida Coelho (*Mem. hist.*) e outros. Segundo o autor da *Nobiliarchia Paulista*, Francisco Dias Velho, o povoador de Santa Catharina, era filho de outro de igual nome. Este ultimo foi quem primeiro palmillou os nossos sertões desde o Rio de S. Francisco até o Rio Grande do Sul. Em 1673, Francisco Dias Velho, conhecedor destas paragens, pois acompanhara seu pae na excursão que o mesmo fizera até aqui, — mandou o seu filho José Pires Monteiro (diz L. Boiteux — *Dias Velho, o colonizador*, in *Annacs do Museu Paulista*, t. IV, p. 444, — que "indubitavelmente o velho linhagista confunde o filho com o irmão do povoador, José Dias Velho, que o acompanhou posteriormente") ao sertão do sul com uma centena de homens afim de escolher um local apropriado para fundar uma povoação. Agradando-se da illa de Santa Catharina, Pires Monteiro ali se estabeleceu e deu começo ao cultivo da terra. Em 1675, Dias Velho foi a essa povoação tratar do seu desenvolvimento, e regressando tres annos depois, requereu ao governador da Capitania de S. Paulo diversos terrenos situados uma na ilha, "onde já havia igreja de Nossa Senhora do Desterro", e outros no continente. — Francisco Dias Velho (senior) falleceu em 1645 e, portanto, "não poderia ter sido o fundador de Santa Catharina em 1651", e Francisco Dias Velho (junior) "só veio fundar a villa depois que seu filho José Pires Monteiro fez plantações na ilha de Santa Catharina em 1673". — N. do t.

(6) Diz Pizarro numa passagem de sua obra, que Monteiro levou consigo 59 indigenas (*Mem. hist.*, III, 77), e noutra, 500

um branco de nome José Tinoco, que também fôra acompanhado de sua família. A fé, então, dominava em todos os corações e o primeiro cuidado dos recém-chegados foi construir uma igreja, que consagraram a Santa Catharina, padroeira da ilha (7).

Decorridos alguns annos, após a fundação do novo povoado, cujo desenvolvimento era promissor, desembarca na ilha de Santa Catharina o capitão de um navio holandez que voltava do Perú, com um carregamento de ouro e que precisava reparar algumas avarias. Dizem que Monteiro atacou de surpresa os estrangeiros e estes reembarcaram precipitadamente, deixando em terra a sua preciosa

(IX, 269) Cito no texto o ultimo desses numeros, porque foi o adoptado por José Feliciano Fernandes Pinheiro, Ferdinand Denis e Milliet; mas, para mim a primeira indicação é a mais verossimil.

(7) Segundo um historiador muito recommendavel (J. F. Fernandes Pinheiro, *Atuacs*, 2.^a ed., 389). Dias Velho "cuidara logo em levantar um templo, e o dedicara a Santa Catharina, do nome de sua primeira filha; daqui derivou appellar-se assim toda a ilha". Ha aqui em engano, pois já em 1540 Hans Staden fazia menção da ilha de Santa Catharina sob o nome actual. Vasconcellos citava o mesmo nome no seu livro impresso em 1663 e Ferdinand Denis o encontrou numa carta datada de 1554. (S. — H.) — A carta citada por F. Denis possivelmente é a de Jacopo Gastaldi. Antes desta, existiam as de Diogo Gutierrez (1530), Sebastião Caboto (1544) e Diogo Ribeiro (1529), nas quaes a ilha de Santa Catharina já figurava com essa denominação. Foi ainda o Sr. Luiz Gualberto, *op. cit.*, quem primeiro tratou de elucidar

carga. Um anno depois, os holandezes, que tinham jurado vingar-se dessa perfidia, voltaram a essas paragens, e tomando um pratico em S. Francisco, rumaram cautelosamente para a ilha de Santa Catharina. Monteiro, prevenido de sua chegada, esperava-os de emboscada no local em que se acha situada hoje a cidade do Desterro, por ser esse o ponto mais apropriado para um desembarque. Os holandezes, porém, desembarcam em outro local, atacam os paulistas e aprisionam Monteiro, exigindo-lhe a restituição das barras de ouro que se achavam depositadas na igreja de Santa Catharina. Nesse meio tempo, òs companheiros do capitão holandez ultrajavam indignamente as filhas de Mon-

esse ponto de historia catharinense, deixando provado caber a Sebastião Caboto a paternidade dessa denominação. Varnhagen e Candido Mendes já eram desse parecer, sem que, aliás, tivessem documentado a asserção. O autor da *Denominação de S. Catharina*, após referir-se á arribada do navegador ao nosso litoral, em sua expedição de 1526, diz: "...o certo é que Caboto... seguiu para a ilha de Santa Catharina, á qual assim denominou como recordação de sua esposa, que se chamava Catharina Medrano", chegando a esse resultado depois da leitura dos docs. publicados por Harrisse na sua obra *John Cabot th: Discoverer of North-America and Sebastian his son*, taes como o *Islario* de Alonso de Santa Cruz, o depoimento de Caboto em Sevilha e os mappis de Diogo Ribeiro e do proprio Caboto. — Depois de publicação esse trabalho no *Jornal do Commercio* (1901), o illustre historiadador teve o seu aserto confirmadado pela farta documentação publicada por José Toribio Medina, em 1903, na sua obra — *El veneciano Sebastian Caboto*. — N. do t.

teiro, e quando este, apoderando-se da arma de um dos assaltantes, ia desafrontar sua honra, cae mortalmente ferido (8).

Desesperados com essa triste occurrencia, os filhos de Monteiro e a maior parte de seus companheiros retiraram-se para a Laguna, onde, pouco tempo antes, outro paulista, Domingos de Brito Peixoto, se havia estabelecido.

Quasi deserta, Santa Catharina ficou submettida durante alguns annos á jurisdicção dos capitães-móres da Laguna, aos quaes o governo encarregara de não permittir que os estrangeiros ali fossem commerciar, sendo tambem enviado para a ilha um official afim de, tanto quanto lhe fosse possivel, manter a ordem em meio de homens que viviam entregues á sua sorte e em estado semi-selvagem.

(8) J. F. Fernandes Pinheiro limita-se a dizer que Monteiro foi atacado pelos hollandezes e morreu em defesa de sua igreja; em nota elle rejeita inteiramente os factos acima relatados de accordo com Pizarro pois os mesmos não se compadecem com o character justo de Monteiro e são narrados unicamente pelo autor das *Memorias historicas*, que, aliás, não cita a fonte de que se abeberou para dar taes noticias. (S.-H.). — O dr. Luiz Gualberto publicou em 1925 no diario *O Tempo*, de Florianopolis, uma serie de artigos restabelecendo a verdade sobre a integridade moral de Dias Velho. — Noticia mais extensa sobre o fundador de Florianopolis, encontra-se no erudito trabalho já citado de Lucas Boiteux, — *Dias Velho, o colonizador* — N. do t.

A ilha de Santa Catharina e a parte da terra firme della dependente, achavam-se comprehendidas na donataria de Pero Lopes de Souza, voltando em 1711 ao dominio da corôa que desde então começou a interessar-se seriamente por essa região.

Comprehendendo o conde de Sarzedas, que em 1732 assumira o governo de S. Paulo, quão importante seria para a defesa e beneficio da colonia o repovoamento de Santa Catharina e terras adjacentes, para ali enviou familias tiradas de Santos e mais tarde, repetidas vezes, familias procedentes das ilhas dos Açores. Um decreto de 1794 determinava que os criminosos que até então eram enviados para o Maranhão e o Pará, fossem encaminhados para Santa Catharina. Esse decreto foi, porém, revogado em 1797, por julgar-se o clima dessa ilha *muito benigno para elles*. Assim, deve ser diminuto o numero de habitantes de Santa Catharina, se é que existam alguns, descendentes de condemnados.

Até 1738, Santa Catharina e seu territorio faziam parte integrante de S. Paulo, sendo nesse anno constituído em governo separado, dependente do Rio de Janeiro.

Entre os governadores para ali enviados até a época em que foi proclamada a independencia do

Brasil, uns foram homens pouco estimados pela sua tyrannia e outros impuzeram-se pelo seu valor moral. No numero destes, devem incluir-se muito especialmente Francisco Antonio da Veiga Cabral, que, durante a sua administração, deu provas de probidade, de aptidão e de generosidade, e se mostrou ao mesmo tempo paternal para soldados e colonos: Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Homem, que apesar de octogenario, foi cumpridor de seus deveres, administrou com prudencia e justiça, fomentou o commercio e fundou o Hospital de Caridade; e José (9), cujo interesse pelo desenvolvimento da agricultura e cujos conhecimentos e aptidões se tornaram merecedores de elogios.

E' de lamentar que, para honra da metropole, não estivesse um desses homens, recommendaveis pelo seu valor, no governo de Santa Catharina, quando as tropas hespanholas atacaram a ilha. Não havendo Portugal e Hespanha entrado em entendimento com relação aos limites de suas colonias, foi declarada a guerra entre os dois paizes. Uma poderosa esquadra sahira de Cadiz a 13 de novembro de 1776, conduzindo 10.000 soldados, sob o

(9) O major de artilharia José Pereira Pinto, que governou de 7 de junho de 1786 a 17 de janeiro de 1791. — N. do t.

commando de d. Pedro de Zeballos, e chegando á costa de Santa Catharina, fundeou na enseada de Cannasvieiras, onde os hespanhoes fizeram um desembarque durante a noite, sem que fossem presentidos. Os fortes renderam-se sem dar um tiro e o governador da provincia, Pedro Antonio da Gama Freitas, tomado de panico, retirou-se para o continente, onde depois se rendeu á discreção.

Alguns officiaes não participando desse acto de covardia, recusaram-se a assignar a capitulação e invectivaram acreniente o seu general, tendo Fernando da Gama, coronel do regimento da illha, rasgado suas bandeiras para que não servissem de trophéos aos inimigos. Os colonos, por seu lado, demonstrando profundo horror pelo dominio hespanhol, preferiram refugiar-se nas mattas, onde muitos pereceram de fadiga e de fome, a submeter-se ao jugo estrangeiro. Os hespanhoes, porém, não gozaram de sua conquista por muito tempo. No anno seguinte, as côrtes de Lisboa e de Madrid concluíram um tratado de paz, e Santa Catharina voltou novamente ao dominio de seus antigos possuidores.

Após esses acontecimentos, a provincia de Santa Catharina passou a usufruir uma duradoura phase de tranquillidade. O desbravamento do solo, iniciado de longa data, continuou activamente; o cli-

ma da ilha, outr'ora insalubre, saneara-se, e a região attingira a um alto gráo de prosperidade, aliás de curta duração. As medidas tyrannicas postas em pratica pelos governadores e o penoso systema agricola adoptado pelos brasileiros levaram-na rapidamente á decadencia.

Quando o Brasil se separou da metropole, os habitantes de Santa Catharina recusaram-se a reconhecer o governador Joaquim Pereira Valente, que lles fôra enviado do Rio de Janeiro. Mas, logo se submeteram á nova situação e actualmemente a provincia, como as demais do Brasil, é administrada por uma assembléa provincial e pelo presidente, que, encarregado do poder executivo, representa o governo central (10).

(10) Pero Lopes de Souza, *Diario*, 30. — Hans Staden, *Histoire d'un pays situé dans le nouveau monde*, in Ternaux, *Voyages*, 50. — Vasconcellos, *Noticias*, 40; id., *Chronica*, 72. — Southey, *Hist.*, III, 648. — Graham, *Journal*, 73. — Pizarro, *Mem. hist.*, III, 75, 82; IX, 268, 277, 300. — J. F. Fern. Pinheiro, *Annaes prov. S. Paulo*, 2.^a ed., 383 e segs. — J. J. de Abreu e Lima, *Synopsis*, 37, 251. — Mil. e Lop., *Dicc.*, II, 281. — F. Denis, in Aubé, *Notice*, 5. — O estintadissimo historiador J. F. Fernandes Pinheiro lamenta a precipitação com que os viajantes europeus estreveram sobre o Brasil (*Annaes*, 2.^a ed., 392), e cita, por exemplo, Lesson, que, após ter dito "depende a ilha de S. C. em 1822, de uma capitania geral abrangendo a região situada entre o Rio Grande e o governo de S. Paulo, aponta esta ilha como um lugar de degedo para os vagabundos das provincias centraes, etc." — As minucias em que entrei, baseado, como se vê, nos melhores autores, provam á sociedade que os reparos do autor brasileiro

Situada no caminho do Rio da Prata e do cabo Horn, a ilha de Santa Catharina teria de ser forçosamente visitada por grande numero de navegantes. Muitos delles deixaram-nos descripções da ilha, e suas narrativas dão-nos a conhecer, melhor talvez que os proprios historiadores, as mudanças que ali se foram operando successivamente.

Frezier aporta a Santa Catharina em 1712, sendo então essa ilha dependente do governo da Laguna, denominada Alagôa. Existiam ali 147 brancos, alguns negros e indios voluntariamente alliados aos portuguezes ou apresados em batidas pelo sertão.

Toda a ilha era uma densa floresta habitada por onças, achando-se desmattada apenas a vizinhança das casas dispersas á beira-mar, em doze ou quinze

não são infelizmente desprovidos de funiamento. Observa o mesmo escriptor que a ilha de S. C., fazendo parte da doação de João III a Pero Lopes de Souza, não podia ser dada a Dias Velho em 1750, como pretendia o sophista Raynal, nem em 1650, como dissera Casal e, após este, o illustre almirante Duperrey (*Voyage Coquille*, 59). E' tambem evidente o engano de Barral quando assegura que "os europeus desembarcaram primeiramente na ilhota de Inhatimir, onde construíram um forte, e, pouco a pouco, em frequentes incursões feitas na ilha e no continente, conseguiram afastar as nações selvagens para o interior." (*Ann. marit.* 1833, II, 334). Baseando-se nos mesmos dados que serviram a Barral, diz a historia da *Voyage de la Coquille* (56) que "a fundação da fortaleza de Santa Cruz data do primeiro estabelecimento colonial". A época dessa fundação é conhecida; ella occorreu em 1739, no governo de José da Silva Paes, de quem R. Walter disse tanto mal.

lugares differentes. O continente encontrava-se completamente deserto, e devido ao temor despertado pelos indios e pelos animaes ferozes, os colonos só ousavam penetrar em suas mattas em grupos bem armados, de trinta a quarenta homens. “Estes homens, diz Frezier, acham-se em tão grande carencia das commodidades da vida, que alguns dos que nos traziam viveres, não queriam ser pagos em dinheiro, dando mais importancia a um pedaço de fazenda para cobrir-se, do que a uma peça de metal. Bastam-lhes, para vestir-se, camisa e ceroulas. Os que se trajam melhor acrescentam a essa indumentaria véstia e chapéo. E quando vão á floresta usam perneiras de pelle de onça. Essa gente é mais feliz do que os europeus, pois ignora as curiosidades e as commodidades superfluas que se obtêm na Europa com tanto trabalho. — ...A unica coisa que se lhes pode lamentar é que vivam na ignorancia. E’ bem verdade que são christãos; mas, como poderão instruir-se na religião se apenas nas principaes festas do anno é que vem da Lagóa um esmoler dizer-lhes missa?” (11).

George Schelvoeke, que arribara a Santa Catharina em 1719, confirma Frezier e elogia a ma-

(11) Frezier, *Voyage dans la mer du Sud*, 18 e segs.

neira como fôra recebido pelos habitantes da ilha, accrescentando, entretanto, que elles constituíam uma quadrilha de salteadores procedentes das provincias vizinhas (12). É possível que alguns criminosos perseguidos em sua terra pela justiça, se tivessem homiziado em Santa Catharina, como ainda hoje succede, passando elles de uma para outra provincia, afim de evitar merecido castigo. Quando, porém, a asserção de Schelvocke, feita de modo geral, não encontrasse contestação na narrativa de historiadores fidedignos, bastariam as suas proprias palavras para contradictal-as, pois os habitantes de Santa Catharina demonstraram, diz elle, grande probidade nas relações que mantiveram consigo e revelaram-se bastante polidos com todos os seus companheiros de viagem. Os salteadores, aliás, vivem de rapinas. E de quem os habitantes de Santa Catharina poderiam roubar, se viviam num deserto onde, além delles, existiam apenas veados, onças e indios selvagens?

Os navegadores francezes que, de 1702 a 1714, pouco mais ou menos, singraram os mares do Sul, tiveram de Santa Catharina a melhor impressão. Elles ali se abrigavam do lado do continente, na en-

(12) *Voyage of George Shelvocke in Harris collection*, 1, 200.

seada a que denominaram *Bon port* e onde se proviam de agua e lenha, e eram recebidos hospitalmente (13).

Em fins de 1740, o almirante Anson passou um mez em Santa Catharina. O primeiro governador da provincia, José da Silva Paes, recebeu-o mal, e, naturalmente, para não serem desagradaveis ao seu superior, os habitantes da ilha seguiram-lhe o exemplo. A narrativa da viagem do almirante inglez accusa Paes de malversação e de perfidia, e se esforça por destruir o bom conceito que outros navegantes europeus faziam da provincia de Santa Catharina e de seus habitantes. Por esse tempo, a sua população havia augmentado, graças á immigração; na ilha existia uma guarnição e o governo se tornara mais regular, achando-se, entretanto, o deflorestamento apenas em inicio (14).

Quando em 1763, Bougainville arribou a Santa Catharina, a villa possuia cerca de 150 casas terreas. A sua população era composta de brancos, negros e, sobretudo, de mulatos, ou antes, de mestiços feiissimos — cruzamento de negras com indios. Quasi todos andavam descalços, sem chapéo

(13) Walter, *Voyage round the world by George Anson*, 45.

(14) Walter, *id.*, 42.

e com o cabello em desalinho. Não se vestiam melhor que os seus antepassados, pois usavam apenas camisa, calças e, ás vezes, pala. Os mais remediados usavam chapéo alto, calçados e um capuz que lhes cobria o rosto. Os escravos de ambos os sexos viviam quasi nús. Existiam na villa muito poucas casas de negocio. Os homens brancos e suas mulheres viviam na maior ociosidade. No continente haviam-se estabelecido algumas familias. Mas, fóra do perimetro da villa só existiam algumas choças, o desbravamento do solo pouco progredira e toda a ilha continuava a ser uma vasta floresta, onde se acoutavam serpentes e tigres. Jamais os raios do sol penetravam por entre as arvores, unidas umas ás outras, e das baixadas elevavam-se vapores mal-sãos e fetidos (15).

No intervallo de vinte annos, de 1763 a 1783, quando La Pérouse passou por Santa Catharina, quasi nada ainda haviam feito pelo desenvolvimento da ilha. O illustre navegante encontrou ali uma população de 3.000 almas, sendo de 1.000 a do Deserto. O desmattamento tomara maior extensão, continuando, porém, o lugar a ser muito pobre. Havia absoluta falta de objectos manufacturados

(15) Pernety, *Voyage aux îles Malouines*, I, 141.

e a gente do campo andava semi-núa ou andrajosa. Entretanto, os costumes eram menos rudes, e os habitantes polidos e obsequiosos, a despeito de ciumentos, a ponto de não consentirem que suas mulheres apparecessem em publico, ao contrario do que acontece presentemente (16).

Krusenstern (17) visitou Santa Catharina em 1803. Grandes transformações se haviam operado. A região já não era a mesma. Parece que se desbravara vasta extensão do solo, pois o clima se tornara benigno. As onças haviam desaparecido e os brancos passando para o continente, tinham penetrado o interior, duas leguas além da costa. A villa do Desterro já não era mais como no tempo de Bougainville. O numero de casas elevara-se de 150 para algumas centenas, a sua população triplicara e nas casas de negocio já se encontravam mercadorias de procedencia européa. Os habitantes menos remediados eram aseados e não andavam maltrapilhos. As mulheres trajavam-se mais ou menos como as de Portugal, muito embora com mais simplicidade; já não viviam encerradas em casa e prodigalizavam aos estranhos melhor aco-

(16) La Pérouse, *Voyage*, II, 33.

(17) Krusenstern, *Reise um die Welt*, I, 74, 89. — Langsdorf, *Bemerkungen auf einer Reise*, I, 28, 66.

lhimento. Por toda a parte reinavam a obsequiosidade e a hospitalidade. Entretanto, não havia gente rica. As proibições impostas pelo governo tornavam o commercio quasi nullo e muito difficilmente se encontrariam em toda a ilha e costa vizinha generos para carregar um navio de 400 toneladas (18).

Evidencia-se pelo exposto, que no espaço de setenta e tres annos, de 1712 a 1785, a provincia de Santa Catharina pouco se desenvolvera, operando-se, entretanto, uma transformação muito notavel entre esse ultimo anno e o de 1803, devida ao consideravel augmento da população e ao desflorestamento intensivo, — e que seria ainda maior se a administração não creasse embaraços ao commercio e os governadores, com raras excepções, não fossem tão despoticos. A independencia do Brasil,

(18) Após Krusenstern e a época em que iniciei a minha viagem, celebres navegadores, os almirantes Roussin e du Petit-Thouars, Duperrey, de Barral, Lesson, Kotzebue, Chamisso, estiveram em Santa Catharina e deram dessa ilha informações mais ou menos pormenorizadas. Terei occasião de citar esses viajantes ou pelo menos a maior parte delles. (S.-H.) — Sobre as viagens de Frézier (1712), Jorge Shelvocke (1719), dom Pernety (1763), La Pérouse (1785), Krusenstern (1803) e Lesson (1822), leia-se o valiosissimo trabalho — *Santa Catharina nos annos primeiros*, do dr. Affonso de E. Taunay, in *Annaes do Museu Paulista*, t. IV, ps. 201/320. — N. do t.

proclamada no reinado de d. João VI, trouxe grandes beneficios a Santa Catharina e a todo o paiz. Veremos mais adiante qual a causa que restringiu os seus resultados.

A extensão que tomara o desbravamento do solo e os melhoramentos que se haviam realizado na provincia de Santa Catharina, foram devidos principalmente á immigração de portuguezes açorianos, sendo incrível tivesse o governo se descuidado dessa bella região, uma vez que projectara incrementar a população do Brasil com a introdução de colonos estrangeiros.

Pouco tempo antes de minha chegada a Santa Catharina, o ministro de Estado, Thomaz Antonio de Villa Nova e Portugal, acabava de estabelecer, á margem da enseada de Garoupas, uma colonia de pescadores sob a designação de *Nova Ericeira*, nome de uma aldeia portugueza, de onde provinham os seus povoadores. Encontrei-me na residencia do governador da provincia com um joven protegido (19) do ministro, a quem este encarre-

(19) Provavelmente era Antonio Menezes de Vasconcellos Drummond. Mas, a sua incumbencia era fundar uma colonia no rio Itajahy. Da colonia Nova Ericeira foi encarregado o chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim, tendo vindo de Ericeira (Portugal), em 1819, por ordem de d. João VI, 101 pes.

gara de fiscalizar a execução dos seus planos. Creio, porém, que os habitantes de Nova Ericceira logo se dispersaram, pois não se encontram refe-

soas de ambos os sexos. A maior parte não se manteve nas terras que lhe foram dadas e vendeu os utensílios de lavoura e de pesca recebidos. Em 1820, el-rei mandou dar baixa a 80 soldados do 2.º batalhão, a esse tempo em Santa Catharina, sob o commando do coronel Madeira de Meilo, afim de povoarem a mesma colonia e a das Caldas do Cubatão, tendo essa segunda tentativa de colonização o mesmo exito da primeira. — Por engano, Max Fleiner (*Hist. Adm. do Br.*, separata, p. 112) diz que esses soldados foram os primeiros habitantes de Itajahy. — De Vasconcellos Drummond, cita Almeida Coelho (*Mem. hist.*, p. 89) o seguinte transcripto de uma memoria que tinha em mão: — "Este homem gastou um anno em nassear e illudir o Ministro (Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal) a bem de seu interesse particular, vexando aos pobres moradores do lugar, a quem dava tarefa de serrar taboado, e cujos jornaes nunca foram pagos, apesar de despende a Fazenda Real, em tão pouco tempo, pois retirou-se em 1821, o melhor de cinco mil cruzados; não fez mais do que uma derrubada, sem deixar signal algum de colonia. Ouviu-se-lhe por muitas vezes dizer: — *Aproveitemos o Ministro de Estado que está velho.*" Após dois annes, tendo nesse tempo construido um engenho de serrar madeira e uma smnaca, na qual mandou para o Rio de Janeiro um carregamento de milho, feijão e tabaco, Vasconcellos Drummond recebeu ordem de sustar os trabalhos no Itajahy e regressar á cõrte. Segundo Marcos Kender (*O municipio de Itajahy*, 26), "succedeu a Drummond na direcção da colonia, embora sem caracter official, o mais graduado do lugar, o cel. Agostinho Alves Ramos". — Em resposta a uma carta, escrevia-nos em outubro de 1927 o saudoso dr. Luiz Gualberto, grande conhecedor da nossa historia: — "Constava que este sertanista (Mathews de Arzão) havia extrahido ouro do mto Tayó e ainda em 1829 a Camara Municipal da villa do Desterro informava ao governo da provincia que no sertão do Itajahy, Mathews de Arzão tirara ouro de muito boa qualidade, segundo o que se sabia tradi-

rencias a essa povoação nos livros publicados sobre Santa Catharina, depois de 1820.

Posteriormente, estabeleceram-se nessa região

cionalmente. A fama do ouro do morro Tayú e as riquezas do valle do rio Itajahy, pela fertilidade de seu territorio, eram geralmente admittidas. Todas essas circumstancias determinaram as medidas tomadas por Villa Nova Portugal, que mandou explorar o valle do Itajahy e descobrir o morro Tayú farruco pelas suas jazidas mineraes, como constava pela exploração de Matheus de Arzão, em tempos passados. Cheio dessas idéas e animado pela propagação em colonizar o Brasil por colonos europeus, de qual-quer procedença, encontrou Thomaz Antonio forte opposição, principalmente por parte do elemento portuguez que não admittia a colonização por outros povos, entendendo que essa colonização era contraria á integridade da monarchia. Havia tambem, além disto, o preconceito religioso; não queriam aceitar absolutamente a collaboração dos protestantes e tudo isto embarçava a acção de Villa Nova Portugal não podendo obter, como parece desejava, uma larga corrente immigrantista para o Brasil e principalmente para Santa Catharina. Procurou então contemporizar, pondo-se assim a coberto dessas injunções. E nessas condições mandou explorar o rico valle do Itajahy. — Pela citação da sua carta, vejo que v. conhece o facto e posso adiantar que todas essas noticias foram colhidas no *Brasil Reino e Brasil Imperio*, de Mello Moraes, de onde tambem colhi muita coisa, sendo hoje essa publicação rico manancial de factos interessantes. — Vasconcellos Drummond tinha voltado de Pernambuco, onde se dizia que elle na qualidade de pedreiro livre, estava alistado entre os que tramavam contra a monarchia, e ao chegar ao Rio de Janeiro, encontrou muito generalizado o boato que attribuia a seus inimigos; Villa Nova Portugal, embora o tivesse recebido com muitas demonstrações de estima, desejava que elle seguisse para a Europa, e deu-lhe mesmo uma collocação em Londres. Drummond não desejava seguir para a Europa, allegando até que se o julgavam culpado, mandassem abrir inquerito a respeito e se elle salísse culpado nessa devassa devia ser preso; que não se conformava,

colonias de allemães, italianos, belgas e até um phalansterio francez (20).

O governo provincial fez com muito pouco resultado despezas enormes com esses estrangeiros. Não cabe aqui tratar circumstanciadamente da

porém, em seguir commissionado para a Europa. Afinal, ajustaram que elle seguisse para Santa Catharina e o nomearam para explorar o rio Itajahy, e foi nesse caracter que elle veio para o Sul, tomar conta da colonia de Itajahy, onde, no prazo de pouco tempo em que á frente della esteve por ordem do ministro Villa Nova Portugal pôde prestar algum serviço. — ...A planta da futura povoação, que tomaria o nome de cidade de S. Thomaz de Villa Nova, foi levantada pelo col. de engenheiros Antonio José Rodrigues." — N. do t.

(20) O A. refere-se á colonização franceza do Sahy, no município de S. Francisco. Léonce Aubé (*La Province de Sainte-Catherine et la colonisation au Brésil*, ed. da Impr. Française de Fréd. Arfvedson, Rio, 1861. p. 107), dando noticia dessa tentativa de colonização, diz que a situação do local, a uma legua apenas da bahia de S. Francisco, e a fertilidade do solo eram condições favoraveis ao exito da colonia, se o movel da empresa não fosse a pretensão de pôr em pratica a utopia ideada por Charles Fourier. — A communa societaria do Sahy antecedeu a que Victor Considérant, um dos mais activos discipulos de Fourier, tentou estabelecer em 1852, no Texas, ás margens do Rio Vermelho. — O presidente da provincia, A. J. Ferreira de Brito, na sua *falla* de 1.º de março de 1843, ps. 16/17, historia minuciosamente o que foi o estabelecimento da Colonia Industrial Franceza na península do Sahy. Era seu empresario o dr. Bento Julio Mure, "a quem não se podia negar variada instrucção, modos affaveis e eloquencia persuasiva", mas "não se tinha mostrado habil fundador, ou não tinha sido feliz na escolha dos meios a esse fim conducentes". Por contracto firmado em 11 de dezembro de 1841, o dr. Mure obrigava-se a instalar na colonia, dentro de um anno, 500 colonos *morigerados e industriosos*. Em compensação, o go-

complexa e difficilima questão da colonização do Brasil. A verdade, porém, é que o governo não deve limitar-se a augmentar a população do paiz, sem mais exame e sem escolha; importa-lhe, sobretudo, introduzir homens que não estimulem, pelos máos

verno imperial concederia as terras gratuitamente, dinheiro para transporte e primeira installação dos colonos. Em janeiro do anno seguinte, chegavam os primeiros 100 colonos que logo entraram em lucta entre si e o empresario, dividindo-se em dois grupos hostis, sendo necessario que repetidas vezes as autoridades locais intervissem afim de evitar que chegassem a vias de facto e tentassem contra a vida do empresario. Dentro em pouco, os colonos se dispersavam, indo alguns estabelecer-se no Palmital. Não perdendo a esperanza no exito de sua empresa, o dr. Mure affirmava que a proxima leva de colonos seria composta de gente seleccionada. Effectivamente, no mesmo anno sahia da França o brigue *Virginia* com 117 colonos, e com a noticia da chegada do navio a Paranaguá, reaccende-se mais intensa a lucta entre os dois grupos localizados no Sahy e no Palmital, pretendendo o dr. Mure que os colonos esperados ficassem no seu estabelecimento e os do Palmital que fossem para ali, sob a allegação de que os novos colonos haviam sido alliciados pelos seus agentes na Europa. Chegado o navio a S. Francisco recrudescce a contenda, resultando dahi dispersar-se ou reembarkar o maior numero dos recém-vindos. Dessa leva, apenas 4 ficaram no Palmital e 28 no Sahy, assim mesmo indecisos. O dr. Mure esperava mais dois navios com colonos. O presidente da provincia, porém, não tinha mais esperanza na colonização franceza, em vista do que havia occorrido com os primeiros colonos. — Houve outras tentativas de colonização do Sahy, como a do negociante Flôres e a do dr. Freitas Cardoso, todas de nenhum exito. — Além das obras de Van Lede e L. Aubé sobre colonização, existe a do dr. Jacintho Antonio de Mattos — *Colonização do Estado de Santa Catharina*, trazendo dados historicos e estatísticos relativos ao periodo de 1640 a 1916. — N. do t.

exemplos, os vícios dos antigos habitantes, e não annullem, com sophismas grosseiros, o que ainda lhes resta de senso moral. Evite, pois, o Brasil encaminhar para as suas terras colonos operarios; os homens dessa classe que deixam a sua patria são, as mais das vezes, elementos postos á margem, no paiz de origem, pela sua indolencia, pouca aptidão e máo procedimento.

O governo brasileiro deve favorecer de preferencia a immigração de agricultores, porque o Brasil é um paiz essencialmente agricola, possui uma enorme extensão de terras a distribuir e os camponezes europeus são mais laboriosos, menos inconstantes e menos amoraes que os habitantes das cidades. Deixem-se, portanto, de fazer despezas sem discernimento com todos os agricultores que se apresentem e renunciem-se a idéa de attrahir, com grande dispendio, massas de colonos alliciados indistinctamente por agentes pouco interessados pelo bem do paiz, ou desprovidos de intelligencia.

O ministro de Estado Joaquim Marcellino de Brito propoz um optimo plano de colonização que consistia em fomentar a immigração de agricultores isolados, aos quaes se venderiam terras por preço que, apesar de modico, fosse, entretanto, uma garantia da fixidez do comprador e do seu desejo

de trabalhar; o governo, por sua vez, o poria a coberto da má vontade dos vizinhos e do despotismo das autoridades locais.

Se, contudo, se persistir em organizar verdadeiras colonias, convem não alliciar colonos em todos os paizes europeus, indifferentemente. Os francezes adaptam-se com extrema facilidade aos costumes dos outros povos; mas, elles emigram com a intenção de um dia voltar mais ricos para sua patria. Os allemães devem incontestavelmente ser-lhes preferidos; entretanto, é bom considerar que, se elles deixam o seu paiz sem a idéa preconcebida de repatriar-se, continuam allemães na sua patria adoptiva, conservando sua lingua, seus costumes e suas tradições, e menosprezando quasi sempre os seus novos compatriotas. E' de reccar que as colonias allemãs se constituam por muito tempo pequenos Estados dentro do Estado e venham a ser difficilmente administradas. Haja vista o que occorre com a colonia de Petropolis, nas vizinhanças do Rio de Janeiro, e com a de S. Leopoldo, na provincia do Rio Grande (21). A constituição dos Estados Unidos admittê de bom grado a formação

(21) *Relatorio do ministro d'Estado*, maio de 1847, in Sigaud, *Anuario*, 50,

desses nucleos sem ligações entre si. O Brasil, porém, precisa manter-se unido, pois nisso é que está a sua salvação (22). Admittida a necessidade de attrahir colonos para o povoamento do paiz, deve-se procural-os, de preferencia, em Portugal e nos Açores, como acertadamente aconselha o presidente da provincia de Santa Catharina, sr. Antero José Ferreira de Brito (23). Os portuguezes fallam a mesma lingua, têm a mesma religião e quasi os mesmos costumes dos brasileiros, além de irem encontrar no Brasil tradições de familia e laços de parentesco. São irmãos que se desavêm algumas vezes e entre os quaes uma vaidade pueril dá margem a pequenas e passageiras rivalidades. Mas,

(22) Certo, os colonos allemães terão sido uteis aos habitantes do Brasil; entretanto, não se deve suppôr que sempre tenha sido assim nem exaggerar os serviços prestados por esses estrangeiros. Um dos presidentes da provincia de S. Paulo queixava-se da indisciplina de muitos delles e o dr. Blumenau, elle mesmo colono, diz que entre os seus compatriotas existem alguns que se mostram tão pouco activos como os brasileiros, e "que um grande numero segue estupidamente os antigos methodos adoptados pela gente do paiz". (*Sud brasilien*, 26.)

(23) *Falla do presidente da provincia de S. Catharina, de 1.º de março de 1844, p. 27.* — Evidentemente o sr. Antero tinha em vista lavradores honestos, não preterdendo, por certo, que se fomentasse a immigração de moços das cidades de Portugal, aliás já inclinados a ir para o Brasil e aq̃ mais das vezes grosseiros, ignorantes e viciados.

isso não lhes fará esquecer a sua origem commun (24).

A provincia de Santa Catharina, uma das menores do Brasil, comprehende, além da ilha do mesmo nome e da de S. Francisco, mais de 655 leguas quadradas no continente. Limita-se ao norte com a comarca de Curitiba, que pertence á provincia de S. Paulo; ao sul, com a provincia do Rio Grande do Sul, pelo Mambituba, e a leste, com o Oceano Atlantico. A oeste os seus limites ainda não estão definitivamente determinados (25). Exceptuando o districto de Lages e as margens de alguns rios, os colonos até 1822 haviam-se distanciado do litoral apenas umas tres leguas e parece que desse tempo para cá pouco avançaram para o interior.

(24) São dignas de leitura algumas obras interessantes publicadas sobre a colonização do Brasil; creio, porém, que devessem estar prevenidos contra o entusiasmo que necessariamente anima os seus autores. Entre outras, destacam-se as seguintes: *Das kaiserreich Brasilien, von F. X. Ackermann*, livro que trata da colonização em geral e particularmente da do Rio Doce. — *De la colonisation au Brésil: mémoire sur la province de Sainte-Catherine, par Van Lede*, em que se poderia desejar mais methodo e assim mesmo contem informações utilissimas. — *Süd Brasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Colonisation von H. Blumenthal*, folheto em que o autor parece revelar que conhece bem o sul do Brasil e as colonias ali fundadas.

(25) Antero José Ferreira de Brito assim o diz positivamente no seu relatório á assembléa legislativa de 1824 (32), dando, entretanto, ao mesmo tempo, os limites presumiveis da provincia,

A cordilheira marítima divide a provincia de S. Catharina em duas partes bastante desiguaes. Só o districto de Lages, pouco povoado e ainda mal conhecido, está situado no plano, a oeste da cordilheira. Pertencendo, portanto, á região dos campos não poderá produzir nenhum dos generos coloniaes que, como já disse ao referir-me á provincia de S. Paulo, têm a sua zona propria delimitada muito mais para o norte. No entanto, nas ilhas de Santa Catharina e de S. Francisco, e no litoral, pelo menos até o districto da Laguna, cultivam-se o café, a canna de assucar e o algodão, sendo, porém, os productos dessas duas ultimas plantas muito inferiores aos que das mesmas especies vegetaes se extraem nas regiões tropicaes.

Em meados do seculo XVII, quando a ilha de Santa Catharina ainda dependia da Laguna, a sua população era de 147 brancos, alguns negros livres e um reduzido numero de indios prisioneiros de guerra, além de outros que voluntariamente se reuniram aos portuguezes (26). Em 1796, cerca de cincoenta annos após a immigração de familias açorianas, existiam na provincia de Santa Catharina 23.865 individuos. Dezeseis annos mais tarde,

(26) Frezier, *Voyage dans la mer du Sud*, 20/21.

em 1812, a população já se elevava a 33.049 almas, inclusive 7.578 escravos e 665 negros e mulatos libertos (27); em 1818, a 44.041 (28); em 1824, a 45.430, sendo 15.553 na ilha e 29.877 no continente (29); em 1840, a 66.218, sendo 53.707 livres e 12.511 escravos (30). Finalmente, em 1841, havia na provincia, exceptuando o districto de Lages, o excesso de 1.000 nascimentos sobre o numero de obitos (31).

Esses Algarismos suggerem-nos as seguintes considerações:

1. — Se o primeiro e o ultimo desses numeros são exactos, evidencia-se que a população da pro-

(27) Southey, *Hist.*, III, 853.

(28) Piz., *Mem. hist.*, IX, 278.

(29) J. F. Fernandes Pinheiro, *Annaes*, 432.

(30) A. J. Ferreira de Brito, *Falla de 1.º de março de 1841*, doc. 15.

(31) *Id. de março de 1842*, 33. — Aubé dá para o anno de 1842 o total de 70.454; prefiro, porém, os dados constantes das informações officiaes do presidente da provincia. Não faço menção dos numeros citados por Sigaud, de accôrdo com Sturz e Fabregas (*Anuario*, 1846, 380), porque os de 1838 ultrapassam de 6.000 aos de 1835, nem me refiro, tampouco, aos dados que se encontram no *Anuario* de 1847, visto o proprio Sigaud deixar transparecer que duvida da sua veracidade. Tomando-se por base os dados officiaes publicados em 1841 e 1842, a população de S. C. deveria ter-se elevado em 1847 a cerca de 73.000 almas em vez de 80.000. Acrescente-se tambem que o geographo de Villiers registou em sua carta de 1848 o total de 81.500 habitantes.

vincia de Santa Catharina, no intervallo de 45 annos, de 1796 a 1841, quasi triplicou, ou, fallando mais precisamente, a população de 1796 está para a de 1841 na proporção de 1 para 2815/1000.

2. — Os numerosos documentos que possuímos não nos permitem estabelecer uma comparação exacta entre o augmento verificado na população da provincia de Santa Catharina e na da provincia de S. Paulo; sabemos, porém, que no intervallo de 49 annos, de 1777 a 1826, o augmento foi em S. Paulo de 1 para 2213/1000, portanto, muito menor que em Santa Catharina. Importaram-se muito mais negros que em S. Paulo, que, aliás, tem recebido grandes immigrações de mineiros; mas, por outro lado, nesse espaço de tempo, muitos paulistas fugiram para os sertões ou para o Rio Grande afim de se subtrahirem ao recrutamento ou á tyrannia do coronel Diogo, e a guerra contra Artigas privou, durante muitos annos, a provincia de S. Paulo da sua mais bella juventude.

3. — Se estimarmos em 700 leguas quadradas, aproximadamente, toda a superficie de Santa Catharina, teremos 96 individuos por legua quadrada, o que seria uma população muito consideravel para o Brasil, visto que, por legua quadrada, ha 19 individuos em S. Paulo e 40 em Minas; mas, se ob-

servarmos que, além das ilhas de S. Francisco e de Santa Catharina, só uma faixa muito estreita do litoral é povoada, verificaremos que, exceptuando as grandes cidades, não existe no Brasil nenhuma região cuja população seja tão densa como a da provincia de Santa Catharina, na parte que não ficou deserta.

4. — Enquanto nas zonas auríferas e mesmo naquellas em que a canna de assucar constitue toda a sua riqueza, o numero de escravos iguala ou ultrapassa ao de homens livres, na provincia de Santa Catharina, onde não existem minas de ouro em exploração, nem grandes engenhos de assucar, — ha, quando muito, um escravo para cinco homens livres. Como já demonstrei alhures, essa differença não é, certamente, indício de riqueza; mas, representa uma grande vantagem do ponto de vista da moral publica. Sem duvida, trabalha-se pouco nessa região do Brasil; pelo menos, porém, o trabalho não tem a mancha da ignominia, como naquellas em que os escravos são muito numerosos; e, segundo a justissima observação do presidente da provincia, sr. Antero José Ferreira de Brito, se em Santa Catharina não se commettem tantos crimes como nas demais provincias, é certamente,

em grande parte, porque ahí não existem muitos escravos.

Quando de minha viagem, a provincia de Santa Catharina compunha-se de tres villas (32): *S. Francisco*, na ilha do mesmo nome; *Nossa Senhora do Desterro*, na ilha de Santa Catharina; *Laguna*, no continente. Cada uma dessas villas era séde de uma freguezia. Havia mais tres freguezias na ilha de Santa Catharina: *N. S. da Conceição*, *N. S. da Lapa*, *N. S. das Necessidades*, e quatro no continente: *S. José*, *S. Miguel*, *N. S. do Rosario*, *S. Anna* (33).

Depois de 1822, o numero de freguezias augmentou consideravelmente. Eis, segundo um documento official (34), a actual divisão da provincia:

MUNICIPIOS DO SUL

Desterro, comprehendendo toda a ilha de Santa Catharina e dividido em seis freguezias, a saber:

(32) Que foram elevadas á categoria de cidade — Desterro, por carta de lei de 20 de março de 1823, e S. Francisco e Laguna pelo decr. n.º 239, de 15 de abril de 1847. — N. do t.

(33) Casal, *Corogr.*, I, 192.

(34) A. J. Ferreira de Brito, *Fallo* de 1.º de março de 1841.

	<i>Hs.</i>
A da séde	1.930
De N. S. da Lapa do Ribeirão	563
De N. S. da Conceição da Lagôa	677
De N. S. das Necessidades de S. Antonio .	418
De S. João Baptista do Rio Vermelho	403
De S. Francisco de Paula das Canasvieiras	345

Laguna, quatro freguezias:

A da séde	1.192
De S. João Baptista do Imaruly	545
De S. Anna de Villa Nova	400
De N. S. da Piedade do Tubarão	189

S. José, duas freguezias:

A da séde	1.635
De N. S. do Rosario da Enseada do Brito .	590

MUNICIPIOS DO NORTE

S. Miguel, duas freguezias:

A da séde	1.100
De S. João Baptista das Tijucas Grandes .	234

Porto Bello, duas freguezias:

A da séde	553
Do Santissimo Sacramento de Itajaity	137

<i>S. Francisco</i> , duas freguezias:	Hs.
A da séde	1.057
De N. S. da Penha de Itapocoroia	233
<i>Lages</i> , freguezia da séde	290

Note-se que na provincia de Santa Catharina não se usa, como em Minas, o termo *arraial* para designar os povoados, mas — *freguezia*. *Arraial*, propriamente dito, significa acampamento, e acampar era o que realmente faziam os primeiros mineiros. A grande quantidade de ouro, porém, que elles encontravam em certos lugares decidia-os aahi se fixarem, e a palavra *arraial* foi pouco a pouco perdendo a sua primitiva significação. Nada de parecido occorrera em Santa Catharina, onde não existiam minas a explorar.

Desde os primeiros tempos, a provincia de que nos occupamos fez parte da diocese do Rio de Janeiro, que, comprehendendo então uma area igual em extensão a tres ou quatro dos maiores reinos da Europa, se alargava dos limites do arcebispado da Bahia, ao norte, até os do proprio Brasil, ao sul. Em 1776, o bispado de S. Paulo foi desmembrado do Rio de Janeiro. O mais simples bom senso estava indicando que na mesma occasião se

creasse outro bispado da grande porção do Brasil comprehendida entre a provincia de S. Paulo e a audiencia de Buenos-Aires. Mas, assim não fizeram, continuando Santa Catharina e o Rio Grande a pertencer á diocese do Rio de Janeiro, de sorte que essa diocese se acha dividida em duas partes por um territorio nella encravado, tão grande como o da França. Se os bispos do Rio quizessem, como o respeitavel José Caetano da Silva Coutinho (35), visitar sua diocese, gastariam nessa empreza alguns annos e só chegariam a Santa Catharina após uma viagem por mar de muitos dias ou uma viagem por terra de muitos mezes. Tem-se lastimado esse estado de coisas e póde-se dizer que, effectivamente, nenhuma influencia exerce o episcopado numa parte do Brasil (36). Os pastores, longe de qualquer vigilancia, entregues á ociosidade, esquecem-se das suas obrigações, perdem a noção dos seus deveres e justificam, com os seus, os vicios das suas ovelhas; a religião corrompe-se, desappa-

(35) Esse bispo chegou á ilha de S. Catharina em 7 de agosto de 1815 e seguiu para o sul em 2 de outubro do mesmo anno. — N. do t.

(36) José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo; o desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira.

rece e dá lugar a uma grosseira superstição (37). Se, por exemplo, na época de minha viagem, houvesse um bispo no Desterro, elle certamente não toleraria, por mais descuidado que fosse, que, tão perto de si, na ilha de S. Francisco, as funcções parochiaes fossem exercidas por um homem que, pelo seu aviltamento e pela sua devassidão, cahira num estado vizinho da demencia.

O governo brasileiro reconhece a benefica influencia que a religião pôde exercer sobre o povo (38) e saberá satisfazer-lhe a mais nobre de suas necessidades, que é a de inspirar-se em idéas moraes e religiosas, fontes de doces consolações.

A' medida que a população da provincia de Santa Catharina, tornando-se mais consideravel, se dis-

(37) Durante a curta estada de um dos nossos mais illustres navegadores em Santa Catharina, disseram-lhe que "os habitantes desta ilha estavam sob o dominio de superstições que lhes embotavam o character e contribuiam para a sua infelicidade". (*Voyage Coquille, hist.*, 66). E' possivel que em S. C. como acontece em toda a parte, alguns espiritos fracos se tenham deixado atormentar por vãos escrúpulos; mas, podemos dizer do povo do Brasil em geral que nelle as praticas de devoção começaram por destruir pouco a pouco o que a religião tem de essencial e que o mesmo povo acabou por dar pouca importancia a essas proprias praticas. Assim era quando de minha viagem, e pelo que li num escripto impresso em 1850 (Blumenau, *Sud brasilien*) creio que neste ponto as coisas pouco têm mudado.

(38) José Joaquim Torres, *Relatorio da repartição da justiça á assembléa geral legislativa*.

seminava por uma maior superficie, foi augmentando o numero de freguezias, que, como já tive occasião de demonstrar, se eleva, actualmente, a dezenove. E' de muita importancia facilitar á população rural, tanto quanto possivel, o cumprimento dos seus deveres religiosos; infelizmente, porém, não se encontram padres em numero sufficiente para preencher, em todas as parochias, as funcções sacerdotaes. O clero brasileiro aviltou tanto a carreira ecclesiastica, que hoje poucas pessoas desejam seguil-a. Dizia em 1844 o presidente Antero José Ferreira de Brito, que o clero na provincia de Santa Catharina se encontrava em estado lamentavel. Não se supponha, entretanto, que os brasileiros sejam, como milhares de europeus, um povo systematicamente impio; se um grande numero não pratica ou pratica mal a religião, é por ignorancia ou por falta de instrucção; seus corações se abrem de bôa vontade a todos os sentimentos ternos e elevados que a religião inspira. Bastam para comprovar, os relatorios do sr. Antero. Em sua *falla* do anno de 1844, levou elle ao conhecimento da assembléa legislativa provincial que tres religiosos hespanhoes que lhe haviam sido recommendados pelo bispo do Rio de Janeiro, tinham chegado a S. Catharina, pregaram em todas as freguezias da ilha e foram ouvidos com solitudine e fervor, sup-

prindo, em grande parte, a falta de padres seculares. Dizia elle em sua *falla* de 1847, que esses religiosos perseveravam em sua missão, continuando a obter o melhor exito. Por que esses religiosos conseguiram resultados que o clero secular ha tanto tempo não obtem? O sr. Antero responde-nos em poucas palavras: — “Os seus costumes são austeros; elles pregam a doutrina christã em toda a sua pureza, conservam-se alheios ás coisas deste mundo e consagram-se inteiramente ao serviço de Deus (39).” Possa o clero secular não ter-lhes inveja, mas tomal-os por modelos!

No tempo de el-rei d. João VI, havia no Desterro um professor de latim e alguns mestres de primeiras letras (40). E' de crêr, porém, que o ensino fosse quasi nullo, porque, em 1829, muitos annos depois dos beneficios da instrucção primaria terem sido assegurados a todos os cidadãos, pela constituição brasileira, J. F. Fernandes Pinheiro lamentava que essa parte tão essencial do serviço publico fosse tratada com tanto menos-

(39) As *fallas* do presidente da provincia são dignas dos maiores elogios: os capitulos intitulados *culto publico* revelam desejo sincero pela pratica do bem e são cheios de interesse.

(40) Casal, *Corogr. Braz.*, I, 95.

preso (41). Mas, segundo o que diz o presidente A. J. Ferreira de Brito, em sua *falla* de 1841 á assembléa legislativa da provincia, parece que, pelo menos, tanto as familias como a administração mereciam censuras, pois o professor de rhetorica e de philosophia não tinha alumnos, o de grammatica latina tinha apenas seis que compareciam ás aulas com pouca assiduidade e as escolas primarias não tinham quasi frequencia.

Desde 1840 a assembléa legislativa e, sobretudo, o seu digno presidente, sr. Antero, vêm se preocupando com a instrucção publica; mas, a administração tem sido contrariada pelo desleixo dos paes de familia e pela difficuldade em encontrar professores capazes. Entretanto, em 1847, Antero declarava que a sua perseverança começava a ser coroada de algum exito. De 20 lugares de professores primarios creados por lei provincial, 16 já estavam preenchidos, e, de 7 lugares de professoras, havia apenas 4 vagos, e todos cumpriam os seus deveres. Mas, o facto de maior importancia para a provincia, foi a fundação de um collegio pelos religiosos, aos quaes já me referi no paragrapho precedente. Mediante uma pequena contri-

(41) *Anuaes*, 2.^o ed., 440.

buição, esses padres recebem pensionistas e ensinam latim, elementos de historia, geographia, francez, geometria, rhetorica e philosophia. O sr. Antero assistiu aos exames em 1847 e manifesta-se satisfeito com o adiantamento revelado pelos alumnos, notando que "jovens outr'ora turbulentos e mal educados se distinguiam pelas suas bôas maneiras, sua real applicação, sua docilidade, seu respeito pelos seus semelhantes e seu amor pelos seus mestres". Eu que amo o Brasil quasi tanto como minha patria, regosijo-me do fundo do coração com o exito de uma tão bella obra e faço ardentes votos para que a sua prosecução não seja interrompida por intrigas mesquinhas.

A provincia de Santa Catharina, comquanto desde muitos annos constituisse um governo á parte, dependia ainda, pela administração judiciaria, da comarca de Paranaguá. Em 1749, deram-lhe um ouvidor: mas, ao fim de meio seculo, a villa do Desterro perdia a regalia de séde de comarca e os habitantes da ilha de Santa Catharina e dos districtos mais meridionaes passaram a ser obrigados a recorrer, em segunda instancia, para Porto Alegre, de onde se achavam separados por enorme distancia. Por occasião de minha viagem, havia, na ilha de Santa Catharina, apenas um juiz de fóra com

jurisdição exclusivamente no respectivo districto e nos districtos do sul. O districto de S. Francisco era administrado por juizes ordinarios e pertencia, como nos primeiros tempos, á alçada da ouvidoria de Paranaguá. Todas essas composições eram feitas em Lisbôa, cujos homens de governo conheciam o Brasil apenas pelas cartas pouco fidedignas dos governadores e tinham uma idéa muito imperfeita das distancias e dos deficientes meios de comunicação existentes no paiz. A experiencia demonstrou que, por mais activo que fosse o ouvidor de Porto Alegre, era-lhe impossivel percorrer, como corregedor, a extensa região submettida á sua jurisdição, e, por decreto de 12 de fevereiro de 1828, foi restabelecida a antiga ouvidoria de Santa Catharina (42).

Depois que o Brasil conquistou a sua independencia, a provincia de S. Catharina teve uma organização judiciaria identica a do resto do paiz, sendo ali introduzida a legislação commum a todo o imperio. Mas, em seu relatorio de 1842 á assembléa legislativa da provincia, o sr. presidente Antero faz sentir quanto a actual organização da justiça criminal dá pouca força á autoridade e quanto

(42) J. F. Fernandes Pinheiro, *op. cit.*, 440.

é de recear que, por essa circumstancia, se chegue á anarchia. Parece que nesse ponto elle está de accordo com o ministro do imperio destes ultimos annos, que tambem clamava por uma reforma. Em 1840, na ilha de S. Francisco uma mulher adultera, auxiliada pelo amante, cortou a cabeça de seu marido, e, apezar de ambos terem publicamente confessado o crime, o jury os absolveu. Tem-se censurado, com razão, a excessiva indulgencia dos jurados francezes; ella, porém, ainda não foi tão longe. A instituição do jury, tão ao contrario do que se praticava no Brasil, não pôde ser comprehendida de improviso pelos habitantes desse paiz; a experiencia e os seus proprios interesses lhes abrirão os olhos, e, mais compenetrados de seus deveres, acabarão por cumpril-os conscientemente. E' difficil, aliás, vir-se a fazer alguma coisa peor do que existia sob o dominio de Portugal.

Ao tempo de minha viagem, a milicia da provincia, bem exercitada e em condições de defender a terra, compunha-se de 4.000 homens. Só o districto de Santa Catharina concorria com dois regimentos de cavallaria, e os de S. Francisco e Laguna, respectivamente, com um batalhão de caçadores de 600 homens.

Vinte e dois annos mais tarde, em 1842, existiam na provincia 6.282 milicianos, todos uniformizados e sufficientemente armados (43).

O augmento verificado no espaço de vinte annos, mais ou menos, eleva-se á metade do numero primitivo, e está, portanto, em proporção quasi exacta com o que se operou no total da população.

Na provincia de Santa Catharina não existem minas em exploração. Fabricam-se algumas louças de barro e quasi todas as familias possuem o seu tear. Até o presente nenhuma manufactura propriamente dita ali se estabeleceu. Desde o inicio do seu povoamento pelos brancos, essa região tem sido exclusivamente agricola. Santa Catharina possui uma vasta extensão de costa e excellentes portos; as suas terras são em geral fertilissimas, e o seu clima bastante temperado permite aos habitantes a cultura de plantas europeias conjunctamente com as dos tropicos. Não obstante, a provincia é pobre. Os colonos que ali se estabeleceram em differentes épocas não prosperavam; a tyrannia do governo portuguez fôra durante muito tempo um empecilho ao surto de qualquer iniciativa individual. Taes são as causas mais remotas da

(43) A. J. Ferreira de Brito.

pobreza dessa provincia, situação que se prolonga com a paixão das mulheres pelos enfeites, os deficientes meios de comunicação e, finalmente, o systema agrícola seguido em quasi todo o Brasil.

Evidentemente, as rendas publicas hão de resentir-se da pobreza do povo. No anno financeiro de 1829 a 1830, por exemplo, a arrecadação foi apenas de 31 :661\$830, ao passo que a despeza attingiu a importancia de 240 :076\$869 (44). E' bem verdade que dessa época em diante as finanças da provincia melhoraram sensivelmente, pois em 1844 a divida passiva elevava-se a uma somma insignificante. Nesse mesmo anno, entretanto, nenhum dos sete municipios que compõem a provincia podia ainda pagar suas dividas e todas as vezes que a administração provincial precisava realizar qualquer despeza, a menor que fosse, via-se embaraçada em fazer-lhe face. Assim, em 1847, havendo necessidade da quantia de 24 :000\$000 para prover as despesas do primeiro estabelecimento de trezentos allemães que o governo central enviara para Santa Catharina, a administração provincial pôde fornecer apenas 4 :000\$000, tendo sido obrigada a tomar

(44) J. F. Fernandes Pinheiro, *op. cit.*, 243.

o restante por empréstimo (45). Em outras occasiões tem-se recorrido ás loterias e quando ha necessidade de fazer-se o menor dispendio, lamenta-se a falta de dinheiro.

Como já dissemos, a provincia de Santa Catharina é agricola: logo, para libertal-a da triste situação de inferioridade em que se acha ha tanto tempo, é preciso procurar-se um meio de incrementar e dar sahida á sua producção. Direi mais adiante como se poderá reanimar a lavoura na ilha de Santa Catharina, cujo solo continuará a produzir pouco, desde que se não renuncie o actual systema de cultura ali adoptado. Julga-se acertado o estabelecimento de colonos estrangeiros na parte continental da provincia: com um maior numero de braços augmentar-se-á o volume da producção. Mas, esse augmento perderá grande parte de suas vantagens se os colonos forem localizados em grupos isolados, não tiverem meios faceis de communicação, não puderem transportar os seus generos para qualquer parte em que sejam collocados com lucro e, sobretudo, não os permutarem com os generos produzidos no planalto.

(45) *Fallas do presidente da provincia, março de 1844 e março de 1847.*

Todos aquelles que criteriosamente têm escripto sobre a provincia de Santa Catharina e a conhecem sufficientemente, como os srs. José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, João Rodrigues de Carvalho (46), Van Lede e Léonce Aubé (47), são accordes em resaltar a premente necessidade de conseguir-se para os habitantes da provincia meios de se communicarem, por via terrestre, uns com os outros, e poderem transportar as suas producções para Curitiba e mesmo para as Missões. Quando de minha viagem, na ilha de Santa Catharina não existiam estradas propriamente ditas; simples atalhos ligavam as habitações entre si; nem mesmo as melhores estradas podiam comparar-se com os nossos peores caminhos vicinaes. Até 1847, nenhuma mudança de vulto ali se havia operado nesse sentido. Fizeram-se traçados e dispendeu-se algum

(46) *Projecto de uma estrada, etc.*, in *Rev. trim. do Inst. Hist.*, VII, 534 (1840).

(47) Escrevia Léonce Aubé em 1847: "Podemos dizer que não existem estradas na provincia de Santa Catharina, pois as que assim se intitulam são de pouca extensão e não passam de caminhos e atalhos abominaveis... Tres caminhos se dirigem para o interior da provincia e atravessam a Serra Geral, indo terminar em Lages... Desses caminhos, o de Tubarão é, incontestavelmente, o melhor, e, entretanto, antes de percorrel-o, não podiamos fazer idéa de atalho tão horrendo e tão perigoso... Os dois outros são quasi intransitaveis e muito raramente se utilizam delle." (*Notice*, 37).

dinheiro; mas, nada de bom, de duravel e de verdadeiramente util e digno de menção, se havia realizado. A situação precaria da provincia não lhe permite fazer tudo de uma só vez; construam-se, pois, successivamente, as estradas mais necessarias, entregando-se a direcção dos trabalhos a engenheiros competentes, não se devendo esquecer de que construir estradas imperfeitas em regiões montanhosas é desperdiçar dinheiro, porque ellas não tardarão a arruinar-se.

Já tivemos occasião de dizer que os habitantes das provincias do Brasil apresentam, frequentes vezes, menos semelhança entre si, do que uns com os outros, varios povos europeus. Essa differença provem, sem duvida, das épocas em que occorreram as immigrações portuguezas, do gráo de prosperidade a que os colonos puderam attingir, dos seus repetidos cruzamentos com os negros e os indios e, principalmente, da natureza e do clima das regiões em que elles se fixaram.

Poderemos verificar a grande influencia desse ultimo factor, se compararmos os habitantes do Rio Grande do Sul com os de Santa Catharina. Todos sahiram quasi na mesma época das illas dos Açores; enquanto, porém, os primeiros, encaminhando-se para as immensas planicies cobertas de pas-

tagens, tornaram-se criadores, os segundos, fixando-se numa região de matta espessa e situada á orilha do mar, fizeram-se pescadores. Obrigados ás correrias incessantes em procura das suas vaccas e dos seus touros, os colonos do Rio Grande habituaram-se a andar continuamente a cavallo; os de Santa Catharina passam grande parte da existencia dentro de suas canoas. Aquelles, respirando ar puro, galopando constantemente pelos campos, e nutrindo-se de carne de gado, adquiriram uma força e uma intrepidez notaveis; são robustos e corados. Estes, porém, alimentando-se exclusivamente de peixes, mariscos e farinha de mandioca, e respirando as emanções quasi sempre insalubres de um solo paludoso, não possuem tanto vigor — são pallidos e de feição doentia.

Os habitantes do Espirito Santo, como os colonos de Santa Catharina, pouco se afastaram da orla maritima; uns e outros têm as mesmas occupações e se alimentam da mesma maneira. Descendentes dos mais antigos colonos portuguezes, que mantiveram frequentes relações com as mulheres indigenas, então numerosissimas, os habitantes do Espirito Santo são mais americanos que os da ilha de Santa Catharina. Os indios já haviam desaparecido dessa ilha quando chegaram os açorianos,

cujos descendentes constituem a sua actual população e conservam inalterado o typo europeu.

Os mineiros, tendo prosperado, puderam mandar educar os seus filhos, que se tornaram polidos e não ficaram alheios á cultura das letras; os colonos de Santa Catharina chegaram a essa provincia pobres e ignorantes; não foram favorecidos pela sorte e, por isso, conservaram-se no obscurantismo.

Vizinhos dos hispano-americanos, os criadores do Rio Grande tomaram-lhes por emprestimo grande numero de palavras; foi a lingua geral que na provincia do Espirito Santo alterou a pureza da lingua portugueza; e, enquanto os mineiros deram suavidade a essa lingua, os habitantes de Santa Catharina a tornaram dura e nasalada, accentuando longamente a penultima syllaba e articulando rapidamente as outras, sendo possivel que essa pronuncia provenha das ilhas dos Açores.

Não me estendi como devera nesta synopse. Espero, porém, que as minudencias em que vou entrar completarão o que até aqui expuz perfunctoriamente.

(*) Antes de redieir este e os capítulos seguintes, consultei todos os escriptos que pude encontrar sobre Santa Catharina, e frequentemente os citarei. Referir-me-ei, sobretudo, á excellente *Notice sur la province de Sainte-Catherine*, de L. Aubé, inserta

no v. III, do anno de 1847, de *Les Ann. maritimes*, cumpri-do-me, entretanto, advertir que citarei as paginas dos exemplares tirados á parte. O autor assim se exprime no começo de sua memoria: — “Se exceptuarmos algumas paginas da *Corographia*, de Manoel Ayres de Casal, e a obra especializada de Ch. Van Lede sobre a *Colonisation*; se exceptuarmos ainda algumas paginas admirativas inspiradas aos navegantes pelas bellezas naturaes, pode-se dizer que quasi nada existe que se refira a essa região (Not. 3).” A justiça e o interesse da sciencia exigem que eu cite aqui alguns trabalhos de valor, dos quaes Aubé, que permaneceu longo tempo na America, longe das grandes cidades, não teve conhecimento. Além dos diversos artigos sobre as freguezias que compunham a provincia de Santa Catharina, em 1822, José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo incluiu no v. IX das suas *Memorias historicas*, um capitulo importantissimo referente á historia de toda a provincia, da sua administração, do seu commercio, da sua estatistica, etc. No fim dos seus *Annaes da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul*, José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, publicou um resumo da historia de Santa Catharina, em que dá noticia pormenorizada sobre tudo o que se relaciona com essa provincia. Finalmente, encontra-se no *Diccionario Geographico do Brasil*, uma longa serie de artigos sobre Santa Catharina. As referencias elogiosas de um dos mais illustres brasileiros, o visconde de S. Leopoldo, encorajam-me a mencionar ainda um fragmento que publiquei em *Nouvelles annales de voyages*, IV, de 1835, ps. 194/240, sobre a ilha de S. Francisco e a armação de Itapocoroia, regiões até então quasi desconhecidas. Cumpre-me acrescentar que Van Lede, conquanto se tivesse particularizado sobre a colonização, fornece, todavia, informações completamente ineditas sobre certas zonas da provincia de Santa Catharina; que algumas paginas de Casal contém muita coisa interessante, e que apesar de alguns deslizes, foi esse escriptor quem primeiro deu aos geographos uma idéa justa e completa da região de que ora nos occupamos.

CAPITULO II

A VILLA, ILHA E DISTRICTO DE S. FRANCISCO

Viagem pelo litoral — O pontal do Rio de S. Francisco; um habitaculo — Descripção do Rio de S. Francisco — A sua travessia; o aspecto da região comparado com o da Bretanha — A paisagem vista da praia da villa de S. Francisco — Posição da villa; ruas, casas, igreja, casa da camara, aguas, commercio, mosquitos — A ilha de S. Francisco; uma estrada; doenças; natureza do solo; o cipó imbê; mamíferos e passaros — Os limites do districto de S. Francisco — Administração da justiça — Produção — Pobreza — A estrada da comarche de Curitiba ao rio de Tres Barras — Alguns passeios pela ilha; uma pobre mulher; o Pão de Assucar; o bicho de taquara — Um passeio pelo Rio de S. Francisco — Os operarios — O vigario da parochia de S. Francisco.

SAHINDO de Guaratuba, na provincia de S. Paulo, atravessei o Sahy Mirim e entrei no districto de S. Francisco, pertencente á provincia de Santa Catharina. A pouca distancia do Sahy Mirim encontra-se outro rio que os meus guias parece consideravam um simples braço do primeiro e que se denomina Sahy Grande, não sendo, aliás, mais largo nem de mais difficil travessia que aquelle.

Os nossos animaes caminhavam bem; mas, como perderamos muito tempo na passagem desses rios, só á noite chegamos ao Pontal do Rio de S. Francisco, ponta de terra no continente mais ou menos fronteira á extremidade septentrional da ilha de S. Francisco, e onde eu devia embarcar com destino a essa ilha.

O habitaculo em que pernoitei no Pontal pertencia a excellentes pessoas que me dispensaram as maiores attenções. Longe de fugirem com a minha

presença, como o teriam feito as mulheres do norte da provincia de Minas, a dona da casa e suas filhas receberam-me muito amavelmente. No dia seguinte, pela manhã, enviaram-me um prato de peixe, unica refeição que nessas paragens offerecem aos viandantes.

Ao meio-dia, chegava a canôa que me devia conduzir á villa, mandada pelo ajudante a quem eu vinha recommendado e já havia escripto de Guaratuba. Essa embarcação era uma das maiores que eu até então tinha visto, pois media 3 pés e 10 pollegadas inglezas de largura (1m.15), sendo de suppôr que o tronco da arvore de que fôra tirada tivesse cerca de 5 metros de circumferencia. Transportaram para ella a minha bagagem; mas, o tempo ficara tão horroroso que só pela tarde pude seguir para a ilha de S. Francisco.

E' muito difficil dar-se uma idéa exacta dessa ilha e do canal que a separa da terra firme; reconheço que uma boa carta seria preferivel a qualquer descripção (1). Póde-se dizer, entretanto, que o conjuncto da ilha e do canal muito se assemelha á figura de um quadrilatero irregular situado obli-

(1) Consultem-se principalmente a carta de Léonce Aubé em *Notice sur la province de Sainte-Catherine* e a que Antonio Xavier de Noronha Torrezão juntou á mesma obra.

quamente entre os braços bem abertos de um Y, cuja haste ficasse em posição obliqua aos braços. O quadrilatero seria a ilha; o Y, todo o canal, formando tres braços; os dois braços do Y, a parte do canal que separa a ilha do continente, ou, melhor, o canal propriamente dito, e, finalmente, a haste do Y a parte do canal que entra pela terra firme. Dahi, é facil concluir que, se dois lados do quadrilatero irregular formado pela ilha são banhados pelo canal propriamente dito (os braços do Y), os dois outros lados deverão ser banhados pelo Oceano.

A primeira idéa que se tem ao olhar-se para uma carta, idéa, aliás, justa, é que a parte do Rio de S. Francisco, que parece metter-se pelo continente, deve a sua origem á reunião de muitos rios que descem da grande Cordilheira Maritima, e que esta especie de rio se divide na sua extremidade em dois braços que em forma de chaveirão separam a ilha do continente (2). E' bem verdade que as aguas desse braço são salgadas; mas, grande numero de rios o são igualmente, mesmo acima da sua foz, devido ao fluxo e refluxo das marés.

(2) Assim o descrevem Pizarro (*Mem. hist.*, III, 79) e Léonce Aubé (*Notice*, 34), conquanto o primeiro não se exprima com a clareza desejavel.

Quanto ao canal propriamente dito, que, de norte a sul, banha a ilha de S. Francisco, recebe a agua doce do braço intercontinental, onde desembocam os rios denominados Palmital, Tres Barras e Cubatão Grande (3); como, entretanto, a mór parte das suas aguas vem do mar, deve-se consideral-o um braço deste, como já o fiz ha tempo e mais tarde o sr. Aubé.

Conforme já vimos, este braço forma um arco, que se estende primeiramente do norte para sudoeste e se dirige depois para sueste. A sua extensão é de 6 leguas aproximadamente, e a sua largura é muito irregular, estreitando-se do meio em diante até a sua extremidade meridional. Ao que parece, os indios chamavam á entrada do norte — *Babitunga*, ou *Bopitunga* (provavelmente do guarany *mbopi*, morcego, e *tang*, tenro) (4); mas, por occasião de minha estada ali, ninguem a conhecia mais por esse nome e a denominavam — *Barra Grande*, *Barra do Norte*. A entrada do norte tem

(3) Cito apenas o Cubatão Grande, o Palmital e o Tres Barras, em virtude de Aubé affirmar que os outros rios, que apparentam desaguar no braço intercontinental do Rio de S. Francisco são formados por este (*Notice*, 35).

(4) V. a proposito da etymologia dessa denominação a nota n.º 10, *in fine*, do trabalho do traductor — *Um capitulo da expansão bandeirante (A fundação de S. Francisco)*, inserto nos "Anaes do Museu Paulista", t. IV, p. — N. do t.

cerca de 1.500 braças (3.300 metros) de largura e pôde ser transposta por pequenas fragatas, com vento nordeste, sul e sueste. A entrada meridional, chamada *Barra do Araquary* (5), tem apenas 200 braças (440 metros) de largura e sómente dá accesso a lanchas. Creio que para facilitar as descrições devia-se, com Antonio Xavier de Noronha Torrezião, dar a denominação de *Rio de S. Francisco* á parte do canal propriamente dito, que se estende da barra do norte ao braço intercontinental; a de *Rio do Araquary*, á parte comprehendida entre aquelle ultimo e a entrada do sul, e a de *Rio das Tres Barras*, a todo o braço intercontinental.

Existem em todo o canal mais de vinte ilhas e ilhotas, sendo as maiores a do Mel, situada no Rio Araquary, um pouco ao sul do braço intercontinental; a ilha dos Barcos, ainda mais ao sul, e a de Antonio Silva.

Entre as duas barras, a partir da do norte, lançam-se no Rio de S. Francisco, do lado da terra firme, os vinte e cinco rios seguintes:

(5) E não *Aracary* ou *Aracari*, como escrevem Casal, o almirante Roussin, Milliet e Van Ledc, nem *Aricory*, como escreve Pizarro (*Mem. Hist.*, III, 80). Diz o p. Antonio Ruiz de Montoya (*Tes. guar.*, 66), que existe um passaro com o nome de *araquá*; assim, *Araquary* vem de *araquá* e y, agua — rio dos passaros chamados *araquá*. Tambem pode significar — o rio do ninho das *araras*.

Ao norte do braço intercontinental:

O Jaguaruna Pequeno (guarany e portuguez. *rio do cachorrinho preto*), que é o mais proximo do Portal; o Jaguaruna Grande e o Rio do Barbosa.

Na margem esquerda do braço intercontinental:

O Rio do Pinto, o Rio dos Fernandes, o Rio dos Tornos, o Batuby (do guar. *batobi*, morro agudo), o Bacuby ou Bocuby (do guar. *mbacuy*, o rio dos montes de areia), e o Rio dos Barrances, todos muito pequenos, tornando-se um pouco consideraveis apenas com maré alta.

Na margem direita do mesmo braço:

O Rio das Tres Barras, assim chamado por ser a embocadura commum de tres rios, a saber — o Furta-Enchente, o S. João e o Tres Barras, dos quaes o segundo, o mais importante, tem 50 braças de largura e 4 de profundidade, navegavel por canôas numa extensão de 3 leguas; o Rio dos Cavallinhos, navegavel por canôas numa extensão de 10 milhas: o Pirabireba, ou, talvez, Piraberaba (guarany, pelle de peixe), de largura bastante consideravel e 3 braças de fundo, navegavel por canôas até um morro pouco distante do sitio onde chega a maré: o Biguaçu (guar. *biguá grande*); o Ribeirão, com 5 braças de largura, pequena profundi-

dade e apenas navegavel por canôas; o Rio do Antonio Felix, estreito, de pouca profundidade e navegavel apenas até meia legua distante da embocadura; o Cubatão Grande, com 20 braças de largura (44 metros) e 3 de profundidade, navegavel numa extensão de 10 leguas, até um morro elevado denominado Morro da Tromba, e os dois Erisis, Grande e Pequeno, (do guar. *piriri*, especie de junco), ambos com 5 braças de largura e 2 de profundidade na embocadura, navegaveis numa extensão de 2 leguas.

Na margem direita do Rio do Araquary:

O Rio Saguacú (do guar. *sai guacú*, olho grande), que tem na sua embocadura 1/4 de legua de largura e 4 braças de profundidade, navegavel por canôas numa extensão de 10 milhas; o Paranaguá Mirim, uma legua abaixo do precedente; o Paraty (do guar., *piraty*, peixe pintado), navegavel numa extensão de 2 leguas e 1/2; o Rio das Arcias Pequeno, profundo, estreito, navegavel numa extensão de meia legua; o Rio das Areias Grande; o Rio dos Pinheiros, pequeno, sem importancia, e o Rio Piraqué (palavra guarany que designa a especie de peixe que os luso-brasileiros denominam *lambari*), o mais proximo da Barra do Araquary e, segundo me informam, com 5 leguas de curso, 5 braças de

largura na sua foz, navegavel por canoas numa extensão de 3 milhas (6).

Partindo do Pontal com destino á villa de S.

(6) Os nomes indigenas dos rios acima citados são susceptiveis de varias interpretações. Assim, *Batuby*, *Batovy*, *Batovi* ou *Batovi*, segundo L. Boiteux (*Notas para a hist. catharinense*), deriva-se de *yhá*, canna; *tob*, verde, e *y*, rio — rio da canna verde, e segundo Th. Sampaio (*O Tupi na lingua nacional*), vem de *batuira*, corr. de *mba-tuira* (*batuira*), o cinzento, o pardacento — "nome dado a um tapirideo da zona do Sul". — *Bacuby*, *Bo-cuby* ou *Bucuby*, dá L. Boiteux como derivado de *yby*, terra; *cui*, fina, e *y*, rio. Póde significar tambem *rio comprido*, de *bucú*, corr. de *mbucú*, comprido, e *y*, rio. — *Pirabciraba*, *Pirabcra*, de *pirá*, peixe, e *beraba*, brilhante, reluzente. — *Paraty*, de *pirá*, peixe, e *ty* ou *tinga*, branco. Segundo Th. Sampaio, *paraty*, de *pará-ty*, significa — jazida do mar, o lagamar, o golpho, "confundindo-se frequentemente com *piralí* (*pirá-tí*), o peixe branco, a tainha". — *Eri* talvez provenha de *Eriy* ou *Iriy*, corr. de *riry*, a ostra. — *Piraquê*, ou *Perequê*, de *piraiquê*, corr. de *pirá-ikê* — o peixe entra; "designa o estuario ou esteiro aonde o peixe entra para a desova ou para comer". (Th. Sampaio). — N. do t. — Diz Saint-Hilaire, referindo-se aos rios citados no texto: — "Creio poder dar esta lista com absoluta confiança, pois a devo á pessoa do lugar que melhor o conhecia — o ajudante de S. Francisco, natural desse districto, merecedor da confiança das autoridades superiores e a quem tinham sido entregues todos os negocios administrativos da villa, aliás pouco importantes. Ninguem melhor do que elle poderia prestar-me informações exactas com relação aos ribeiros que se lançam no Rio de S. Francisco, porquanto cumpria-lhe enviar periodicamente ao governo dados relativos á população, sendo esta não só discriminada, segundo os lugares, pelos nomes dos rios, como tambem referida na ordem em que os mesmos rios estão situados. Li no ajudante todo o capitolo de Casal referente ao Rio de S. Francisco, indicando-me aquelle os erros que escaparam ao autor. Organizei a minha lista de accôrde com as suas rectificações. Assim, verifica-se que entre o *Rio do Barbosa* e o *dos Fernandes* falta o *Rio do Pinto*: que é *Rio dos*

Francisco, pude a vontade, da canôa em que viajava, observar as duas margens do canal. Do lado da terra firme, cerca de 1/2 legua distante do Pon-

Tornos e não dos Fornos; que após o *Paraguá Mirim*, vem, indo-se para o sul, não o *Rio das Arcas Grande*, mas o *Paraty*, depois o *Arcas Pequeno*, etc. Os canoeiros que me conduziram da villa de S. Francisco ao Arauary confirmaram-me as informações do ajudante relativamente aos cursos d'agua que, vindos da terra firme, se lançam no canal, desde o Piraquê, a partir do sul, até o Paraguá Mirim. — Deixaria esta nota incompleta se não me referisse ás diferenças que se encontram entre a minha lista e as indicações de Torrezião e Aubé (*Annales maritimes*, III, 1847), e que talvez provenham da existencia de rios com dois nomes diferentes; de não me haverem indicado alguns riachos insignificantes; de terem alguns nomes soffrido alteração com o tempo; de terem desaparecido uns cursos d'agua e tomado outros o seu lugar (?); finalmente, do lithographo parisiense talvez nem sempre haver copiado com exactidão, como se evidencia da denominação *Barrancas* em vez de *Barrancos*. Entre o *Rio do Pinto* e o *dos Barrancos*, encontram-se na preciosa carta de Torrezião os *Rios Rouca, Batuy, Lamir, Comprido, Bacury, Giguacú*; o *Lamir* (aliás, *Lamin*) foi registado por Casal, que escreveu *Lamês*; o *Batuy* certamente é o *Batuby*, e o *Bacury* — o *Baculy*; mas, pela etymologia indigena devemos preferir *Batuby* e *Baculy*. Encontra-se na mesma carta, ao norte dos *Barrancos*, um *Rio Baraara*; Casal cita o *Rio Maria Bachaara* como um dos principaes que se lançam no Tres Barras, sendo a existencia desse rio a mim confirmada, mas devendo-se escrever o seu nome como o fez Torrezião — *Maria Baraara* (a palavra *subaraara*, que é guarany, significa — aurora, Maria Aurora). A carta regista acima do Tres Barras um *Rio Urubavana*, que não consta da minha lista. Em *Pirahcirava* substituiu-se a orthographia indigena pela portugueza. Entre o *Piraberaba* e o *Ribeirão* figuram na carta os *Rios Jequirahuma, das Ostras, Sambaqui*, que não constam da minha lista nem da de Casal, e em lugar dos quaes este ultimo e eu só temos o *Biguacú*. Entre o *Ribeirão* e o *Cubatão Grande*, Torrezião dá o *Pesqueiro* e o *Saturno* (So:urno); Casal e eu temos o *Antonio*

tal, existe um pequeno forte (7) guarnecido por milicianos. Ahí, proximo do rio do Jaguaruna Grande, tem principio uma cadeia de montanhas

Felix. Ao sul do *Cubatão Grande* e ao norte dos *Erihys*, a carta assignala um *Cubatão Pequeno*, cuja existencia é provavel, pois o adjectivo *grande* apposto aos nomes de lugares, indica sempre uma comparação. Aubé escreveu no texto *Irihiú*, e Torre-zão, na carta, *Irihiú*; preferindo *Erihi*, com Casal, creio estar de accôrdo com a pronuncia usada no lugar, quando de minha viagem; afigura-se-me, porém, melhor admittir com Antero José Ferreira de Brito, presidente da provincia, a fórma — *Irihiy*, evidentemente dos vocabulos indigenas *piriri*, junco, e *y*, rio — o rio dos juncos (ou do *riry* e *y* — rio das ostras — N. do t.). Entre o *Saguaçú* e o *Paranaguá Mirim*, Torre-zão colloca um *Rio Pernambuco*, que não se encontra em Casal nem na minha lista. O autor da *Corografia Brazílica* tambem não dá o *Rio Taquera*, situado na carta ao sul dos *Pinheiros*. Finalmente, de accôrdo com a etymologia indigena, em vez de *Perequê* deve-se escrever *Piraquê*, como o fez Van Lede (*Colonisation*, 99). Só o amor á exactidão, levado talvez ao excesso, e o desejo de satisfazer os topographos mais exigentes, é que poderiam tornar-me tão minucioso, de vez que a mór parte dos ribeiros citados nesta nota são, possivelmente, menores que alguns rios da França e cujos nomes são ignorados por muita gente que os está vendo diariamente."

(7) E' de suppôr que esse forte tive-se sido construido em 1801 pelo tenente do regimento de artilharia do Rio de Janeiro, Francisco Alves da Cunha Castel Branco, que, achando-se em S. Catharina, veio a S. Francisco "fazer dois fortes ou duas trincheiras por causa do castelhano que então andava piratando". Tinha o referido forte a denominação de S. Luiz e foi reconstruido pelo capitão Camacho, conforme vem declarado no termo de vee-reança de 6 de dezembro de 1817, em que se assentaram os meios de defesa ordenados pelo novo governador Tovar e Albuquerque, na conjuntura de um ataque ás nossas costas pelos insurgentes de Buenos Aires, chefiados por Artigas. — N. do t.

pouco elevada e coberta de matta virgem, que se prolonga pela costa adiante, rumo sul (8). Do lado da ilha, só se vê matto; o terreno, de começo montanhoso, achata-se, para tornar-se novamente accidentado nas cercanias da villa. Ao aproximar-me de S. Francisco, o tempo que até então se mantivera nublado começou a clarear e pude contemplar o azul profundo do céo, contrastando com o verde escuro das montanhas, de onde se elevavam, aqui e ali, columnas irregulares de vapores espessos. Recordei-me, pensando na França, de que nas costas da Bretanha tudo contribue para dar á paisagem um aspecto melancolico, — rochedos cinzentos e pellados, céo pallido e brumoso, vegetação esgalhada e rachitica. Não se póde dizer que a natureza seja ridente no litoral do Brasil, pois as florestas sombrias que cobrem as suas montanhas têm alguma coisa de ossianica; mas, a belleza do céo e os effeitos brilhantes de luz dos raios solares, tiraram-lhe o que ella tem de austero e emprestam-lhe u'a magnificencia desconhecida nas nossas plagas. Antes de chegar á villa, passei defronte de uma pequena enseada, em cujas margens edificaram algumas casas. Após essa enseada, vem outra mais

(8) Léonce Aubé representa-a, em sua carta, sob a fórma de uma ferradura, entre o Pontal do Rio de S. Francisco e o braço intercontinental.

ampla, onde está situada a villa, duas leguas distante da Barra Grande.

A ilha de S. Francisco era outr'ora habitada pelos indios carijós. O canal que a limita pelo lado de oeste, ou, pelo menos, parte desse canal, já era conhecido pelo nome que tem actualmente, desde o anno de 1549 (9). Os portuguezes suppunham que essa ilha fizesse parte do continente e que o canal fosse um braço do grande rio que banha a pro-

(9) Segundo Pizarro, teria sido Gabriel Soares de Souza quem descobriu o Rio de S. Francisco e lhe deu essa denominação; mas, pela narrativa de Hans Staden, infer-se que esse nome já era conhecido em 1549, parecendo-me impossível que Gabriel Soares tivesse vindo residir no Brasil antes dessa época. Não é verosimil, aliás, que, si tivesse sido elle o povoador da ilha de S. Francisco, fosse deixar de referir-se a esse facto em seu livro, e que sabendo observar com tanta attenção e sagacidade, não tivesse reconhecido que o Rio de S. Francisco não era um afluente do grande rio que nasce na Serra da Canastra. O que Southey diz da viagem de Gabriel Soares ao Rio de S. Francisco é evidentemente errado, e creio que não se deve aceitar sem exame o que se encontra no *Dictionario do Brazil* com relação á ilha de S. Francisco. Segundo Casal, a entrada septentrional e a entrada meridional do canal que separa a ilha do continente, eram no fim do seculo XVI consideradas as embocaduras de dois rios distinctos, a do *Rio de S. Francisco* e a do *Rio Alagado*; a curiosa descripção de Gabriel Soares leva-me antes a crêr que o *Rio Alagado* é a bahia de Guaratuba e que a entrada meridional do canal de S. Francisco é o antigo *Rio dos Drayos*. — S.-H. — *Enciso na Suma de Geographia*, ed. em 1519, já se refere a essa bahia dando-lhe a denominação de S. Francisco. Em trabalhos cartographicos vamos encontral-a pela primeira vez na carta de Tarim (1523?) e no mappa de Diogo Ribeiro (1529), figurando dali por diante nas demais cartas que foram apparecendo, a excepção de uma ou outra. — Do

vincia de Minas. Por essa época, um hespanhol chamado Hernando de Trijo, estabeleceu-se no porto de S. Francisco, com a acquiescencia do imperador Carlos V; decorridos dois annos, os colonos, acoçados pela fome, viram-se obrigados a renunciar a esperanza que depositavam no exito de seu empreendimento e retiraram-se para o Paraguay. Mais tarde, os paulistas, conhecedores da fertilidade do solo, fixaram-se nessas paragens. Os ca-

nosso desvalioso trabalho já citado, extrahimos o seguinte: — "Presumivelmente visitada antes dos hespanhoes pelos portuguezes, a nossa bahia (de S. Francisco), por muito tempo considerada um rio, era por estes conhecida sob a denominação de *Rio dos dragos*, a 26°, como se vê da lista das latitudes do *Regimento de Evora* (J. Bensaude, *Astr. Naut.*, ps. 237/240), que se suppõe datar de 1518 e que segundo Esteves Pereira (*Hist. da Col. Port.*, vol. II, ps. 358/359) é uma reprodução da lista constante do *Livro de Marinharia*, no qual vem inserto o *Tratado da agulha de marcar achado por João de Lisboa no anno de 1514*. — Registrando a denominação de S. Francisco, deslocaram o *Rio dos dragos*, para o sul, logo abaixo da nossa bahia, as cartas de Turim (1523), Diogo Homem (1558 e 1568), Cornelio de Jode (1593), etc., o que levou Ayres de Casal, na sua *Corografia Braziliica*, p. 157, a julgar que o mesmo fosse o Itapocú. Lucas Boiteux (*Notas*) identifica-o com o Araquary e Eugenio de Castro (*Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa*), tendo á vista a carta de Reinell, transfere o *rio dos dragos* para o norte, identificando-o com Paragná. S. Francisco seria o *rio das tollas*." — Quanto á referencia feita por Southey á viagem de Gabriel Soares ao Rio de S. Francisco, é relativa a que o autor do *Trat. Descr. do Brazil* fez ao rio que nasce na Serra da Canastra, tendo partido do seu engenho, no Jaguarpe, e indo até o morro do Chapéo, em cujas paragens veio a fallecer. E' de admirar o engano de Saint-Hilaire, sempre tão exacto nas suas observações. — N. do t.

rijós reuniram-se a elles, a população augmentou rapidamente e antes de 1656 já se havia ali construido uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora da Graça (10). Desde essa época a ilha de S. Francisco encontra-se sob as mesmas influencias e sob a mesma administração da de Santa Catharina.

Após ter desembarcado no porto de S. Francisco, fui apresentar o meu passaporte ao commandante da praça, que me recebeu muito bem e me fez os mais amaveis offerecimentos (11). Em seguida, installei-me na casa que o ajudante me havia destinado; apesar de pequena, ella era commoda e bem situada, fazendo frente para o mar.

A villa de S. Francisco, outr'ora da Graça de S. Francisco (12), possui um magnifico porto e foi

(10) Hans Staden, *Hist.*, in H. Ternaux, *Voyages*, 48. — Gabriel Soares de Souza, *Noticia do Brasil*, in *Not. ultramar.*, III, parte 1, 86. — Southey, *Hist.*, II, 647. — Pizarro, *Mem. hist.*, 79. — Casal, *Corogr.*, I, 190. — S.-H. — Em 1642 foi concedida uma sesmaria a Antonio Fernandes "para vir povoar a villa que se ia fundar em S. Francisco do Sul, onde já tinha capella de N. S. da Graça". — N. do t.

(11) Era commandante da praça o tenente-coronel Francisco de Oliveira Camacho. — N. do t.

(12) Dizem Milliet e Lopes de Moura, no seu utilissimo d'cionario, impresso em 1845, que a villa de S. Francisco havia sido elevada á categoria de cidade. O presidente da provincia, em seu relatorio de 1.º de março de 1847, á assembléa legislativa, ainda lhe dava o título de villa. — S.-H. — A villa de S. Francisco foi elevada á categoria de cidade por deer. da assembléa legislativa provincial n.º 239, de 15 de abril de 1847. — N. do t.

estabelecida em bellissimo local, num dos recantos mais septentrionaes de vastissima enseada que se estende de norte a sul. Visto da praia, o canal assemelha-se a um grande lago que se prolongasse para o sul, circundado de montanhas cobertas de mattas; as mais proximas, menos elevadas que as outras, formam a pequena cordilheira que começa perto do forte, a que acima já me referi, e em cujas encostas, no meio das florestas sombrias que as revestem, se divisam, de longe em longe, algumas casinholas e plantações. A essas montanhas liga-se, por uma illusão de optica, uma serie de ilhotas baixas, arredondadas e cobertas de vegetação. A illa, grande e rasa, denominada Ilha do Mel, pouco distante das ilhotas, tambem parece fazer parte da terra firme e limita a margem meridional do lago, que pelo lado de oeste e sudoeste é circundado pelas terras da ilha de S. Francisco. Em segundo plano, destaca-se a grande Cordilheira (Serra de Curitiba, Serra do Mar, Serra Geral), cujos cumes, elevados e desiguaes, dão á paisagem um aspecto variado e agradável, distinguindo-se no flanco de uma das montanhas que a constituem, a toalha larga e prateada de uma cascata (a do Pirahy), que deve ser enorme e de grande belleza, visto poder-se divisal-a de muitas leguas de distancia.

A villa de S. Francisco tem, mais ou menos, a fôrma de um quadrilátero, mais largo nas margens do canal que nos outros lados. Ella se acha comprimida entre dois morros de altura desigual; o mais elevado, situado a leste, denomina-se Morro da Villa, e é coberto de matta virgem. e o outro, chamado Morro do Hospicio, ao norte da enseada, é revestido de relva e espinheiros, terminando num terrapleno onde existem as ruinas de uma igreja e algumas palmeiras, cujas folhagens, sacudidas pela mais leve aragem, contrastam com a immobillidade das florestas circumjacentes.

A villa compõe-se de cerca de oitenta casas terreas na sua maioria, caiadas, cobertas de telhas, quasi todas construídas de pedra e bem conservadas, existindo tambem alguns predios de um andar.

As ruas são largas e direitas. As que descem para o mar, são calçadas; as outras têm calçamento apenas na frente das casas, nunca se formando lama no seu leito, com a agua da chuva, devido á natureza do terreno que, como o de Paranaguá, se constitue de uma fraca porção de humus misturada com areia e cascalho.

Existe no centro da villa uma grande praça elevada, onde construíram a igreja parochial, não ten-

do havido o cuidado de lhe darem uma esquadria de accôrdo com a da praça. Desde Itú eu não via uma igreja tão bella, vasta e clara, e solidamente construida como a de S. Francisco. Vindo de Minas, onde o menor povoado possui varios templos, fiquei deveras surpreso em encontrar nessa villa uma unica igreja.

A casa da camara, cujo pavimento terreo, segundo o uso no Brasil, serve de prisão, é um pequeno edificio de um andar, situado ao lado da igreja que o occulta quasi inteiramente.

A agua potavel é excellente. Ha em torno da villa diversas fontes: mas, a população se supprime communmente, do precioso liquido, na que lhe fica mais perto, feita sem arte e com a unica preocupação de satisfazer á necessidade publica (13).

Existe em S. Francisco grande numero de tabernas e de lojas bem sortidas. Os negociantes fornecem-se geralmente no Rio de Janeiro e em caso de necessidade recorrem a Paranaguá. Em 1819,

(13) E' de presumir que, depois de minha viagem, essa fonte houvesse sido abandonada, ou, já não correspondendo ás necessidades locais, considerassem-na como inexistente, ou, enfim, fosse ignorada do presidente da provincia, pois no seu relatório de 1.º de março de 1841, dizia este não existir fonte publica em S. Francisco (*Falla*, etc., p. 12).

quinze embarcações, destinando-se quasi todas á capital, e das quaes seis pertenciam a negociantes da villa, fizeram ali o seu carregamento que consistia em farinha de mandioca, arroz e taboas. Infelizmente a agricultura nessa região está pouco desenvolvida e por isso o commercio de exportação carece de importancia e é muito difficultoso. Num dos meus passeios, estive no sitio de um homem que parecia ser um dos principaes negociantes da ilha e era proprietario de uma lancha, em que transportava para o Rio de Janeiro generos dessas paragens; a despeito de empregar grande parte do tempo á procura de mercadorias para completar o seu carregamento, chegava muitas vezes a resultados que não lhe compensavam o trabalho (14).

Parece haver poucos lugares onde existam tantos mosquitos como na villa de S. Francisco, o que,

(14) Diz Léonce Aubé "que a cidade de S. Francisco tem progredido rapidamente de alguns annos para cá". (*Not.*, 26). Mas, segundo o que se depreende das suas *Observações* sobre a situação economica geral da provincia, conclue-se que o progresso de que elle falla está em relação com a falta total de melhoramentos que se nota em outros municipios, e que esse progresso, na realidade, carece de importancia. Isto, aliás, é confirmado por Torreção, que, num trecho junto á obra de Aubé, diz o seguinte: "A cidade de S. Francisco é pobre e offerece poucos meios de subsistencia" (*Notice*, 82). Chega-se á mesma conclusão lendo-se os discursos pronunciados nestes ultimos annos pelo digno presidente sr. Antero José Ferreira de Brito perante a assembléa legislativa da provincia.

aliás, não é de admirar, pois ella se acha cercada de matto cerrado e por todos os cantos se encontram poças de agua e terrenos humidos. Ultimamente, a assembléa legislativa votou uma verba para o concerto de diversas ruas em que essas poças pareciam verdadeiras lagoas; em 1842 uma dellas já estava inteiramente saneada. Com a continuação de taes obras é muito provavel que o numero desses insectos damninhos, que nascem nas aguas estagnadas, diminua consideravelmente (15).

A ilha de S. Francisco, onde está situada a villa do mesmo nome e da qual acabo de dar uma ligeira idéa, — tem seis leguas de extensão, de norte a sul, e cerca de duas na sua maior largura. E' montanhosa e coberta de vegetação. O Pão de Assucar e o Morro das Laranjeiras são os seus acci'dentes orographicos mais importantes. Uma estradâ' con-

(15) John Mawe arribara a S. Francisco em 1807, não tendo, entretanto, certeza se se encontrava ou não numa ilha. — "Comerciantes do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco — diz elle — mandavam construir em S. Francisco não somente muitas embarcações pequenas para a cabotagem, como tambem navios de grande porte. Quando o trabalho se intensificava, os obreiros necessarios para a construção de navios eram procuradissimos e empregavam-se no mesmo mysterio muitos negros." (*Travels*, 58). Mawe não merece muita fé, e, se alguma coisa de verdadeiro existe no que acabo de citar, é de crer que assim mesmo haja ali muito exaggero.

struida pelos milicianos, pouco tempo antes de minha viagem, e que se enfeita com o pomposo nome de *estrada real*, atravessa a ilha em todo o seu comprimento, quasi á beira-mar, pondo os sitios em communicação entre si; ella foi bem construida e é orlada de um e outro lado pelas arvores da floresta, proporcionando aos transeuntes um agradabilissimo passeio (16).

Segundo me disse o cirurgião da villa de S. Francisco, a morphéa é felizmente desconhecida em toda a ilha, sendo, no entanto, muito communs as febres intermittentes e as obstruções (volvo). As molestias venerreas são ahí mais raras que em outras regiões, porque os seus habitantes poucas communicações têm com o exterior.

As terras da ilha de S. Francisco, sob o ponto de vista agricola, são inferiores ás da parte do districto situada no continente. Ali, feita a primeira colheita, o terreno só é aproveitado tres annos de-

(16) "Na parte oriental da ilha — diz Manoel Ayres de Casal (*Corogr. Braz.*, I, 190), ha uma lagôa estreita com tres leguas de comprimento norte sul, denominada *Acarahy*; e pouco ao norte del'a, outra de meia legua de comprimento, e 50 braças de largura com pouco fundo." — Segundo me informaram, o *Acarahy* não é uma lagôa, mas um rio que se lança no mar, ao nordeste da ilha. Asseguraram-me ainda que ao norte do *Acarahy* não existe lagôa, nem rio. Talvez o autor quizesse referir-se ao rio do Monte de Trigo, que desagua na Barra do Norte.

pois, e, de então por diante, de sete em sete annos; não sendo observada essa regra, o solo produz apenas espinheirós e capim. No continente, pelo contrario, as plantações podem ser renovadas annualmente, sobretudo quando o terreno é de *cubatão*, nome que se dá aos valles cuja superficie se reveste de humus de uma fertilidade prodigiosa. Se bem que as terras da ilha sejam inferiores ás do continente, a sua vegetação não é, entretanto, desprovida de vigor, encontrando-se ali majestosas florestas virgens. Quando me achava nessa ilha, em abril, ia começar o inverno dos tropicos: apesar de existirem poucas plantas em floração, pude observar que quasi todas pertenciam á flora do Rio de Janeiro, ou á que no litoral se estende para o sul, abrangendo uma grande zona. Encontra-se nas florestas virgens de S. Francisco o cipó imbé, especie de liana ou longa raiz aroidea cujo caule se enrosca até muito alto, pelos troncos das maiores arvores. Os botocudos amarram as pennas das suas flechas com a casca desse cipó; numa das povoações de Minas Geraes, empregam-na no fabrico de chapéos, e em Paranaguá e S. Francisco, no de cordame muito procurado pelos embarcadiços, devido á sua resistencia e á sua flexibilidade. O imbé é um vegetal que, como tantos outros, vae desappa-

recendo com o desbravamento das mattas virgens (17).

Existem nas margens do canal de S. Francisco e nas ilhotas que o pontilham, grande numero de passaros marinhos, e no interior da ilha algumas especies terrestres, das quaes são as mais communs o tucano, o araçari e o gavião. Affirmaram-me que ha tambem na ilha veados, macacos e porcos do matto (18).

O districto de S. Francisco, em 1820, não se compunha somente da ilha de seu nome; comprehendia ainda dezenove leguas de costa, a partir do Sahy, que o separa da provincia de S. Paulo, — até a margem septentrional do Rio Cambriaçu

(17) Dizem Spix e Martius (*Reise*, I, 245), num quadro estatístico sobre o commercio de S. Catharina, que o *imbé* do sul do Brasil é extrahido do caule de varias *Paulinia*; como, porém, os referidos naturalistas não visitaram essa região, ponho em duvida a sua asserção. Entretanto, a autoridade desses sabios inspira-me tambem duvida sobre o que escrevi no texto, sendo possível que eu me tenha enganado, confundindo com o *imbé* de Minas outra planta a que igualmente se houvesse dado em S. Francisco o nome de *imbé*. Cumpre aos naturalistas, que posteriormente percorrerem essa ilha, esclarecer esse ponto de botanica.

(18) Encontra-se na *Notice*, de Aubé, uma relação de mamíferos e de passaros de toda a provincia de S. Catharina. Comquanto não sejam citados os nomes scientificos e não estejam escriptos com exactidão os nomes vulgares (ex.: *gamba* por *gambá*, *grail* por *gralha*, *pic a páo* por *picapáo*), reconhecce-se que a mencionada relação é obra de um naturalista.

(19), sua divisa com o districto de Santa Catharina. A oeste, os limites dessa extensa costa eram incertos e o povoamento, por esse lado, não ia além de duas leguas do litoral; dessa altura em diante, começava a região serrana, selvatica e sem dono (20).

Quando foi da minha viagem, a justiça no districto de S. Francisco, como já tive occasião de dizer, era ministrada em primeira instancia por juizes ordinarios, e, enquanto Santa Catharina dependia, por appellação, da ouvidoria de Porto Alegre, S. Francisco pertencia á comarca de Curitiba.

(19) Escrevi este nome como o ouvi pronunciar *in loco* e como o escreveu Van Lede. Segundo Casal, porém, a orthographia certa seria *Camboryguassú* (*Corogr.*, I, 188), e segundo Milliet — *Camboriú*. Este, entretanto, acrescenta que no lugar dizem *Caybriú*, e, se Aubé escreve no texto *Cambiryguassú*, na carta annexa á sua obra acha-se escripto simplesmente — *Cambriú*. *Cambriaçú* é o augmentativo indigena de *Cambriú*. — Dizem os autores do *Diccionario do Brasil* (p. 539), que o territorio de S. Francisco adquiriu grande extensão *do lado de oeste*, depois que se lhe annexaram em 1832 as terras situadas entre o Sahy e o Itajahy; como, porém, o seu limite por esse lado era, outrora, o *Cambriaçú*, parece-me que passando a limitar-se pelo Itajahy, o municipio de S. Francisco continuou em vez de ter augmentado. Demais, actualmente não é o *Cambriaçú*, nem o Itajahy, o limite do districto de S. Francisco, por esse lado: mas, o Gravatá, situado ao norte do Itajahy (*Fal'a que o presidente Antero José Ferreira de Brito dirigiu, etc., em 1.º de março de 1841; doc. n.º 13*).

(20) Deprehende-se da *Natice*, de Aubé, que houve a este respeito mudança pouco notavel.

Em 1820, a população de todo o districto, inclusive a armação de Itapocoroia, era a seguinte:

Individuos livres	3.157
Escravos	871
	<hr/>
Total	4.028

Numero de fogos:

Na séde (villa de S. Francisco) ...	86
Fóra da séde, na ilha	110
Na terra firme	919
	<hr/>
Total	1.115

Em 1841:

Individuos livres na freguezia da villa	5.479	
Id., id., na freguezia de Itapocoroia	1.417	6.896
	<hr/>	
Escravos na freguezia da villa	1.057	
Id., id., na freguezia de Itapocoroia	223	1.280
	<hr/>	<hr/>
Total		8.176

Numero de fogos:

Na freguezia da villa	1,040
Na freguezia de Itapocoroia	376
Total	1.416 (21)

O estudo comparativo desses numeros dá margem ás seguintes considerações:

1. — Se os dados acima são exactos (22), conclue-se que a população do districto de S. Francisco, hoje municipio, é pouco mais do dobro, comparada com a de vinte annos atraz, facto que só

(21) *Falla do presidente Antero José Ferreira de Brito, de 1.º de março de 1841; doc. n.º 15.* — O numero acima citado, da população total do municipio de S. Francisco em 1840, é um pouco inferior ao de 1842, registado por Aubé.

(22) D'Eschwege, eu, Daniel Pedro Muller e ultimamente Sigaud, demonstramos que as estatisticas censitarias são organizadas no Brasil com numeros mais ou menos aproximados. Eis uma observação pela qual se prova que as referentes a S. Catharina, não fazem excepção á regra: o quadro estatístico official da provincia, relativo ao anno de 1840, assignala que, independentemente dos viuvos e viuvias, existiam então na freguezia de S. Francisco 1.026 homens casados e 707 mulheres casadas; a menos que não haja separações legaes ou espontaneamente consentidas, sempre é de suppôr, neste caso, um numero igual de homens e mulheres casados. Crêr-se que de 1.026 mulheres, 319 deixaram seus maridos, indo residir em outros lugares, seria admittir uma immoralidade que me parece impossivel. Estou mais propenso a suppôr que no quadro acima citado existam grandes inexactidões. D'Eschwege tambem respigou não menos palpaveis incoherencias nos dados relativos á população de S. Paulo, fornecidos pelo governo da provincia.

se poderá explicar com os ensaios de colonização que se tem tentado e ali tivesse deixado alguns estrangeiros.

2. — O augmento não foi proporcional entre escravos e homens livres, porquanto é para estes de 1 para 2,18 e para aquelles de 1 para 1,46. A posse de escravos é um signal de riqueza; ora, S. Francisco, conforme vimos, é um districto pobre e os colonos, as mais das vezes gente sem recurso, não poderiam, naturalmente, adquirir escravos e augmentar o seu numero.

3. — Desde que nos paizes onde a escravatura é admittida, o numero mais ou menos consideravel de escravos indica o gráo de sua riqueza, e, de outro lado, em 1820 a população negra estava em proporção com a população branca, de 1 para 3,64, ao passo que em 1840 a primeira estava para a segunda na razão de 1 para 5,39, — é evidente que, na media, S. Francisco em 1840 era mais pobre que em 1820 (23).

4. — Segundo os numeros acima mencionados, havia em 1820 3,61 individuos para cada casa, e

(23) Não se deve attribuir á abolição legal do trafico a causa da diminuição do numero de negros no districto de S. Francisco, pois todos sabem que nunca cessou o commercio de escravos no Brasil, havendo-os bastante para supprir as faltas (Gardner, *Travels*, 16. — V. tambem minha *Voyage à Goyas*, I, 108 e segs).

em 1840, 5,77, isto é, quasi o dobro. Conclue-se dahi que, tendo-se estreitado os laços de familia, os filhos difficilmente se separavam dos paes, ou, o que é mais provavel, tendo diminuido, proporcionalmente ao resto da população, o numero de escravos, havia mais difficuldade em se construir casas.

5. — Dos 1.057 escravos computados em 1840, na ilha de S. Francisco, 591 pertenciam ao sexo masculino e, dentre estes, 193 eram casados. Essa proporção, apezar de diminuta, ainda não foi attingida por nenhuma outra freguezia da provincia e, por esse tempo, na freguezia de Santa Catharina, onde existiam 1.019 escravos do sexo masculino, não havia um só casado. Uma tão grande differença é muito honrosa para os habitantes de S. Francisco e sinto verdadeira satisfação em registal-a.

A maior parte dos habitantes do districto se dedica á lavoura e é pouco remediada, residindo nos sitios, pequenas habitações ruraes dispersas na ilha e na terra firme. Os mais aquinhoados pela sorte possuem casa na villa, onde vão passar os domingos.

Muito embora tenham outras occupações, tambem se dedicam á pesca, sendo rarissimos os que

não possuam canoas e não saibam guial-as com pericia. As proprias mulheres, sem o menor temor, viajam nessas frageis embarcações, mesmo em dias tempestuosos. O mar é o elemento dos habitantes deste lugar; não ha quem não saiba de que lado sopra o vento e quaes as horas de maré, sendo aqui a expressão — *canoada*, no sentido de quantidade, equivalente a — *cargueiro*, usada nos Campos Geraes.

Em S. Francisco vivem de farinha de mandioca e peixe cozido, não havendo o menor esforço no sentido de procurarem outra alimentação; mais frequentemente nem se dão ao trabalho de ir á pesca, contentando-se com os mariscos que em abundancia se encontram nos rochedos e nos mangaes. Duas vezes no maximo, durante o anno, abatem-se rezes na séde do districto (24). Logo que cheguei a S. Francisco, mandei procurar toucinho em toda a região, não tendo sido possivel obtel-o; asseguraram-me que os habitantes, mesmo os mais remediados, ha muito tempo não o comiam, apezar de ser a unica substancia que no Brasil substitue a manteiga e o azeite.

(24) E' de crér houvesse alguma mudança a esse respeito, pois o presidente da provincia dizia em 1841 que tinham sido dadas orden: formaes para a construcção de um matadouro na ilha de S. Francisco (*Falla, etc. de 1.º de março de 1842, p. 23*).

Não só em S. Francisco como em toda a costa, a partir de Paranaguá para o norte, os homens de classe inferior usavam cabelo cortado a escovinha, deixando uma porção crescida sobre a testa e outra atrás da cabeça, moda, aliás, que nada tinha de attraahente.

O clima de todo o districto de S. Francisco é pesca fornece-lhes alimentação segura e desde que mais saudavel que o de Paranaguá, devido ao terreno ser mais elevado e menos paludoso, não se encontrando tambem nessa região tantos individuos empalamados e languescientes como no litoral da comarca de Curitiba. Entretanto, é impossivel não reconhecer-se na magrez e nas faces encovadas dessa gente, que a sua alimentação, como a dos habitantes de Paranaguá, é pouco nutritiva. Presentemente (1820), existem poucas vaccas e criam-se alguns porcos e aves domesticas no districto. Os lavradores, pondo fogo ao matto e fazendo pastos em torno de suas casas, podiam criar vaccas, ter leite e fabricar queijos; em vez de fazer pequenas plantações de cará (*Dioscorea alata*), aipim (*Maniot aipi*, Pohl) e batatas (*Convolvulus Batatas*), deviam tornar mais intensivas essas culturas e acrescentar-lhes a do inhame (*Caladium esculentum*), que lhes é desconhecido e com o qual lhes seria facil engordar porcos e galinhas.

Reconheço ser superfluo dar conselhos aos habitantes ruraes do districto de S. Francisco, que, aliás, nem por isso deixarão de ser menos indifferentes que os habitantes das zonas mais recuadas do Brasil, que se contentam com pouca coisa. A pesca fornece-lhes alimentação segura e desde que possuam um rancho e uma canôa, tenham uma roça de mandioca para fazer farinha e comer com peixe, e apanhem algumas libras de algodão grosseiro para fazer um par de calças e camisas, — podem mais ou menos prescindir do resto. O mobiliario de suas casas é ainda mais reduzido que o das casas dos mineiros pobres. Para que mesa e bancos? Basta estender uma toalha no chão, para os convivas, agrupados em redor (25), servirem-se de peixe e farinha de mandioca.

Já me referi á situação em que se encontrava a população de S. Francisco em 1820: depois dessa época nenhuma mudança notavel deveria ter-se operado (26), e se tal se deu, é licito attribuil-a ao tempo e ao exemplo dos colonos estrangeiros que ali têm sido introduzidos.

Sob um clima muito quente, numa região fertilissima, onde se não precisa de tanto esforço, como

(25) Como se sabe, existe na provincia do Espirito Santo o mesmo habito.

(26) Aubé, *Notice*, 50.

na Europa, para a conquista do bem estar, esses ultimos naturalmente soffreram alguma modificação. Mas, é difficil acreditar-se que os habitantes do lugar não se tivessem, por sua vez, modificado com elles; os estrangeiros perderam e os nacionaes ganharam alguma coisa.

A mandioca e, em segundo lugar, o arroz que ali dá 120 por 1, eram as plantas que na época de minha viagem mais cultivavam em S. Francisco, sendo tambem esses os unicos generos que exportavam. Plantavam tambem algum milho, mas unicamente para a alimentação de gallinhas e cavallos, que eram raros, e, ás vezes, dos escravos: a canna de assucar, que dava bem no districto de S. Francisco, só era aproveitada no fabrico da aguardente; cultivavam-se ainda, exclusivamente para consumo local, café e algodão de qualidade inferior. Existiam bananas em abundancia e de optima qualidade.

Achando-se o districto de S. Francisco situado ao oriente da grande cordilheira maritima, faz, naturalmente, parte da *região das florestas*, e os seus habitantes menos remediados, tiram o seu meio de subsistencia da extracção de madeiras para taboas, que, aliás, são um importante artigo de exportação. Essa industria poderia ser bastante consideravel se a região fosse mais povoada, e já o seria presente-

mente se aproveitassem no estabelecimento de engenhos de serra alguns cursos d'agua que descem dos morros; ninguém, infelizmente, tem ali a menor idéa deste tão facil genero de mechanica (1820) (27).

Tendo a provincia de Santa Catharina pouca renda e mantendo tropas pagas pelos seus cofres, e, por conseguinte, uma despeza relativamente grande, não só a administração nada havia feito pelo districto de S. Francisco, como ainda o exauria cada vez mais. Vinte milicianos achavam-se regularmente occupados no serviço da villa e do forte, e com frequencia destacavam-se outros para Santa Catharina, sem que ao menos lhes dessem com que alimentar-se. Esses homens eram pauperimos e viviam do seu trabalho, não podendo, portanto, abandonar os seus lares e as suas plantações, sob pena de enormemente se prejudicarem a si e ás suas familias.

As boas condições da estrada que, partindo da comarca de Curitiba, vae terminar no rio de Tres Barras, muito contribuiriam para o desenvolvimento economico dessa região. Disse-me o aju-

(27) Os engenhos de serra não são actualmente desconhecidos em S. Catharina, porquanto o presidente da provincia, em sua *falta* de 1844, nos informa que fôra installado um na colonia, ora extincta, fundada á margem do rio das Tijucas Grandes, sob o nome de Nova Italia (*falta, etc., de março de 1844, p. 26*).

dante de S. Francisco que essa estrada necessitava de concerto apenas em cerca de meia legua de extensão e calculava que as despesas respectivas poderiam orçar em 500\$000, mais ou menos. Se a estrada de Tres Barras fosse concluída, o districto de S. Francisco teria participado, como principal porto da comarca de Curitiba, dos beneficios decorrentes do commercio com os Campos Geraes, zona tão fértil que a exportação dos seus productos pelos portos de S. Francisco e Paranaguá muito poderia contribuir para o rapido incremento de ambas as villas litoraneas. Faz vinte annos que annotei estas observações em meus diarios de viagem e somente em 1.º de março de 1842 é que o presidente da provincia communicou á assembléa legislativa provincial que a estrada de Curitiba estava concluída (28). Sabemos, entretanto, por um antigo alumno da nossa Escola Polytechnica, sr. L. Aubé, que, apesar de terminada, a referida estrada jamais se tornara transitavel (29), o que o mesmo presidente da provincia, no relatorio de 1.º de março de 1847, parece confirmar, dizendo que o governo imperial classificara a estrada de Tres Barras entre as de primeira ordem e consignara para

(28) *Fella que o presidente Antero José Ferreira de Brito dirigiu á assembléa legislativa em 1.º de março de 1842, p. 10.*

(29) *Notice, 84.*

as obras de que ella estava necessitando a importancia de 4:000\$000.

Como quer que seja, por essa estrada, tal como se achava em 1820, S. Francisco recebia de Curitiba carne secca, matte e toucinho, que no horrivel trecho de meia legua acima referido eram conduzidos ás costas pelos tropeiros, circumstancia que tornavam rarissimas as communicações por ali.

Aproveitei os doze dias passados em S. Francisco, em fazer alguns passeios, dirigindo-me numa dessas occasiões ao norte da ilha peia aprazivel estrada, acima alludida e á qual dão o nome de *estrada real*. Toda a região por mim percorrida, montanhosa e coberta de matta, é pontilhada de *sitios* que se communicam, por meio de caminhos vicinaes, com a estrada geral. O Pão de Assucar, que de um lado é coberto de vegetações e doutro desce a pique e é quasi pellado, — eleva-se acima dos morros vizinhos e empresta á paisagem um tom pittoresco. Noutro passeio, segui a parte sul da mesma estrada, encontrando a cada passo, como para o lado do norte, caminhos que se dirigiam para os sitios. Esses sitios se compõem, em todo o districto, de casinhas construidas de barro e páo a pique, cobertas de telha, achando-se todas em máo estado; em torno, plantam, desordenadamente, laranjeiras, bananeiras e uma roça de mandioca. Entrei numa

dessas casinholas para abrigar-me da chuva, e não vi no interior outros objectos, além de algumas vasilhas de barro. Disse-me chorando, a dona da casa, que perdera o marido havia alguns mezes e morava ali só com os seus seis fiilinhos, longe de seu pae e sem ter alguém que pescasse para si e sua pobre familia.

O Pão de Assucar attrahiu-me a attenção e fui visital-o a procura de algumas plantas. Este morro, conforme disse acima, é o mais elevado de todos os que se encontram nas proximidades da villa que, pelo lado do norte, é por elle dominada. Não merece o nome que tem, pois quasi a prumo do lado do norte, só tem declividade do lado do sul. Para chegar ao cume trilhei um caminho aberto no tempo em que nessas paragens tinham a invasão das forças hespanholas. Nos lugares em que o terreno não é cortado verticalmente, cresce matta virgem, encontrando-se tambem taquaras em toda a extensão do morro, principalmente na sua parte mais elevada.

E' ampla e bellissima a perspectiva que se desvenda do alto do Pão de Assucar, desenrolando-se ás nossas vistas o panorama de toda a região. De um lado, vê-se o Atlantico: doutro, o canal de S. Francisco, as ilhas, as montanhas que o limitam a oeste, e, no horizonte, a grande Cordilheira que

parece estender-se em semi-circulo, do oriente para o occidente; ao norte, muito distante, á borda do mar, os morros de Guaratuba, e, ao sul, os da armação de Itapocoroia. Morros que se elevam ao sul da villa, occultam a parte sudoeste da ilha: ainda assim, descobre-se-lhe um largo trecho. Todo o terreno é coberto de vegetação, existindo, entretanto, grande numero de sitios nas proximidades da villa, que se vê lá em baixo entre os dois morros que a comprimem. A extremidade septentrional da ilha é montanhosa, ao passo que a oriental é plana. Nos arredores da villa, a parte situada a oeste é accidentada e, olhando-se para o sul, vê-se uma extensão perfeitamente plana, além da qual se alteiam os morros que, como já disse, limitam o horizonte, e dentre os quaes se destaca o Morro das Laranjeiras, o mais elevado de todos.

Até o momento em que subi ao Pão de Assucar ainda não tinha visto andorinhas na ilha de S. Francisco, tendo occasião de ali apreciar um grande numero dellas que voavam em torno do morro. Firmiano (30), que me acompanhara nesse passeio, matou em caminho um bello gavião que se achava empoleirado numa arvore secca. Estive a observar esse passaro durante mais de dez minutos.

(30) Um dos camaradas de Saint-Hilaire. — N. do t.

sem que elle fizesse o menor movimento. Geralmente, as aves de rapina escolhem para pousar os troncos seccos de onde possam mais facilmente descobrir, sem serem vistas, as suas victimas indefesas.

Notei, quasi ao chegar ao alto do Pão de Assucar, que Firmiano ficara para traz, muito distante de mim; chamei-o e elle me respondeu que estava occupado em procurar bichos de taquara. Já narrei em minha primeira relação de viagem (31), que os indios malalis tiram do interior das taquaras um verme de que são apreciadores e que alguns luso-brasileiros participam do mesmo gosto, accrescentando que o velho Januario, commandante da 7.^a divisão da provincia de Minas, fazia provisões de bichos de taquara assados, como nós o fazemos de banha ou manteiga (32). Vi entre os malalis bi-

(31) *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, vol. 1, 432 e segs.

(32) Transcrevo aqui o que já escrevi acerca do effeito singular que os bichos de taquara produzem sobre os indios de Pussanha: — "Quando o amor lhes causa insomnia, os indios de Pussanha engolem um desses bichos, que elles seccam sem extrair-lhes o tubo intestinal, cahindo numa especie de sonno extatico que dura alguns dias. Ao acordar, contam sonhos maravilhosos, nos quaes vêem florestas esplendorosas e saboreiam fructas exóticas. Antes, porém, de comer o bicho de taquara, elles têm o cuidado de arrancar-lhes a cabeça, em virtude de a considerarem muito venenosa." (L. c.).

chos de taquara seccos e decepados; no Pão de Asucar observei individuos vivos e os descrevi *in situ*. Esse bicho, ou, melhor, essa lagarta que o sr. Latreille, de accôrdo com as informações que lhe dei, ao meu regresso, identificou com os generos *Cossus* e *Hipiale* (33), — é pouco menor que um dedo, molle, liso, reluzente e compõe-se de treze aneis, dos quaes, do primeiro ao nono, exceptuando o quarto e o quinto, são providos de pés; o corpo é quasi branco e a cabeça, de fórma arredondada, tem uma côr fulva. O primeiro dos aneis é tambem dessa côr, o segundo tem uma lista e o terceiro uma pequena mancha igualmente fulva; de cada lado de oito dos referidos aneis existe um pontinho negro. Não tendo feito a descripção do bicho de taquara dos malais, não posso dizer, com segurança, se este pertence á mesma especie do de S. Francisco; entretanto, se não ha uma perfeita identidade, é possivel que existam entre ambos os insectos relações muito intimas. Disse-me Firmiano que os botocudos tambem apreciam os bichos de taquara e alguns, que delles se alimentam abundantemente, até chegam a engordar. O meu camarada tomou de um desses bichos, tirou-lhe a cabeça

(33) Consulte-se relativamente aos generos *Cossus* e *Hipiale*, o que Latreille escreveu no *Règne animal de Cuvier*, ed. 1829, vol. V, 397, 398.

e o tubo intestinal, e sugou a gordura que ficara na parte restante. A despeito da repugnancia que me causava essa iguaria, quiz proval-a e achei-lhe um sabor delicadissimo que me lembrou o do creme.

Frequentemente José Mariano (34) ia pescar de canôa na bahia e pelas proximidades das ilhas nella dispersas: o ajudante mandava um ou dois milicianos servir-lhe de remadores e na volta eu lhes gratificava o trabalho. Uma tarde tambem embarquei com elles, a passeio, que, aliás, achei encantador. A canôa era tão pequena que o menor movimento a fazia oscillar, e confesso que, no primeiro quarto de hora, fiquei um pouco atemorizado: mas, a tranquillidade dos dois milicianos me restituiu a coragem. O tempo estava soberbo, pouco ventava e o canal assemelhava-se a um magnifico lago cercado de terras baixas e de montanhas, umas e outras cobertas de florestas. Via-se ao longe a Cordilheira Maritima, e a sua côr azulada e vaporosa amenisava a aspereza produzida na paisagem pelo verde sombrio dos morros mais proximos do porto. Distanciamos-nos de S. Francisco e chegamos ás ilhas que, vistas da villa, pareciam limitar o canal. — Desembarcamos na ilha do Maracujá (do guar. *mburucua*, nome generico das pas-

(34) Outro camarada de Saint-Hilaire. — N. do t.

sifloras), que se afigura a uma calota hemispherica e tem apenas uma centena de passos de circumferencia. Deixaram-lhe em torno uma bordadura de arbustos e roçaram-lhe o centro, onde encontrei uma plantação de feijões. Os meus remeiros informaram-me que diversas outras ilhas eram tambem inteiramente ou em parte cultivadas. Deixando a Maracujá, desembarquei noutra ilha toda coberta de matta espessa e onde colhi algumas plantas pertencentes á flora do Rio de Janeiro. Durante o tempo que ali permaneci, quasi fui devorado por milhares de mosquitos. Elevam-se acima do nivel das aguas algumas pedras nuas e brancas, onde pousam muitas aves marinhas. Duas especies de *Stuna* ali se reuñem em bandos numerosos, assim como biguás, garças brancas e bayagús, tambem em grande quantidade, mas quasi sempre aos pares. Na ida atravessamos o canal, e na volta costeamos a ilha de S. Francisco, deparando-se-me nesse tracto um bellissimo sitio que pertencia ao dizimeiro. Quem poderia ser rico no local, se o proprio arrendatario do dizimo era pobre?

Experimentei em S. Francisco os embaraços que forçadamente teria de soffrer por toda a parte, quando precisava obter qualquer coisa dos operarios. Por muita felicidade pude encontrar quem me fizesse algumas caixas que me eram indispensaveis,

tendo sido, entretanto, impossivel obter couro para cobril-as. Eu morria de tedio em S. Francisco; já conhecia de longa data o pequeno numero de plantas que então floresciaam, e o ajudante, minha principal fonte de informações, estava quasi sempre ausente (35).

No dia seguinte ao de minha chegada a S. Francisco, encontrei-me com o vigario (36) da parochia; mas, a sua companhia não me podia ser agradavel, pois era evidente não gozar esse sacerdote da plenitude de suas faculdades mentaes. Promettera visitar-me e, effectivamente, alguns dias depois veio á minha casa. Lamentei deveras que elle me não tivesse esquecido; a sua palestra girou em torno de assumptos os mais extravagantes, os mais

(35) O ajudante, a quem o autor novamente se refere, era Joaquim José de Oliveira, que tambem exercia os cargos de tabelião e secretario da camara, e tinha o appellido de *Faz tudo*. Foi mais tarde eleito membro do Conselho Geral da Provincia. — N. do t.

(36) Esse vigario chamava-se Bento Barbosa de Sá Freire Azevedo Coutinho. Alguns dias depois da partida de Saint-Hilaire, a camara officiava ao vigario chamando-o á ordem e declarando-l'he que persuadida de que dahi por diante "se comportaria como era devido ao seu estado", deixava "de representar suas faltas a s. ex. ryma. (o bispo do Rio de Janeiro)". De nada valeram as advertencias da camara. O padre Bento Barbosa chegou á extrema degradação, tendo a camara, em maio de 1824, recorrido ao imperador d. Pedro I, expondo a s. m. a situação critica em que se encontrava a freguezia de S. Francisco, cuja

obscenos e os mais ímpios que se possam imaginar. Reconhecia-se facilmente que não era destituído de instrução e informaram-me que o seu procedimento fôra, outr'ora, regular; tendo-se entregue, porém, ao vicio da embriaguez e passando a conviver com a classe baixa, constituída pela marinhagem, pelos escravos e por homens rudes, a sua razão foi se alterando pouco a pouco e o pobre vigario acabou cahindo em extrema degradação. Embora nenhuma localidade esteja isenta de semelhante infelicidade, difficilmente se encontraria outra, de população numerosa, que tolerasse e continuasse a ter um homem tão embrutecido e tão escandaloso, como o vigario de S. Francisco, por unico ministro da religião. O mais admiravel é que

população era "testemunha ocular do despotismo e mil vituperios que o vigario de dia em dia e de hora em hora estava praticando", e como esse sacerdote "não servia a este povo e não serviria em parte alguma em quanto continuasse na vida libertina a que se entregara", a camara pedia ao imperador um novo parochio e vigario da vara, "ficando no entanto o povo soffrendo falta de todos os sacramentos, e assim desconsolado pelo desarranjo de cabeça e de conducta do mesmo vigario, que, afinal, deixando seus freguezes, se passara fóra da villa e se ignorava até hoje (5 de maio) onde seja sua existencia, e esperando a camara a Imperial Providencia para serem entregues Estola e Chaves depositadas, ao parochio que s. m. determinar". — Finalmente, em setembro do mesmo anno o padre Ma-cellino José da Silveira assumia o cargo de vigario collado da freguezia de S. Francisco, substituindo o vigario Bento Barbosa, que fôra destituído de suas funcções. — N. do t.

ninguém me fallou mal do vigário, parecendo que todos se achavam conformados com o seu máo procedimento, e se exprimiam a seu respeito em termos moderados, ou, então, guardavam absoluto silencio. Certamente, não existe um povo — dizemos isto em louvor aos brasileiros — que seja tão prudente e tão pouco sujeito á colera como este; por isso mesmo, é bom confessar que o espirito de intriga nesse paiz é mais desenvolvido que em qualquer outra parte, e quando o seu povo odeia — odeia profundamente (37).

(37) O inglez Luccok, que esteve em S. Catharina em 1813, sitúa, na sua carta do Brasil meridional, a ilha de S. Francisco á entrada de uma bahia de fórma arredondada, onde se lançaria o rio de S. Francisco, cuja nascente seria na Serra do Mar. Eis como o mesmo autor descreve essa região: — "O São Francisco é o unico rio importante da provincia de S. Catharina. A região que elle atravessa é pantanosa e insalubre. Pequenas torrentes descem dos morros, arrastando comsigo grande quantidade de terra, a qual, depositando-se no pé do Serro, formou, com a areia trazida pelo mar, uma região plana em que abundam lagos e charcos. Nas duas extremidades da ilha principal, existem outras menores, cobertas de mattas sem importancia". Só prodigiosamente se poderia reconhecer o districto de S. Francisco nessa descripção. Assim mesmo, tenho mais em conta a geographia do que a ethnographia de Luccok, sobretudo no que diz respeito á religião professada pelos brasileiros. Deve-se tambem considerar como inexistente o que John Mawc escreveu sobre S. Francisco (*Travels*, 56, 58).

CAPITULO III

A ARMAÇÃO DE ITAPOCOROIA

O autor parte da ilha de S. Francisco — Descrição do Rio de S. Francisco desde a ilha do Mel até a barra do sul — O posto militar do rio Piraquê; passeio pela praia; ilhotas — Meios de transporte — O rio Itapicú — Os indios selvagens da provincia de Santa Catharina — O caminho afasta-se da praia; terras cultivadas; sitios proximos uns dos outros; a moda feminina — O rio Itajuba; um notavel exemplo de longevidade — Praia da Piçarra — Vestigios do cruzamento com os indigenas — A enseada de Itapocoroia — A armação do mesmo nome — Historico das armações — As armações da provincia de Santa Catharina; sua producção — Descrição da armação de Itapocoroia — A pesca das baleias e a maneira de extrahir o azeite da banha desses animaes — Os homens empregados na pesca; seus costumes — Viagem por mar, de Itapocoroia á cidade do Desterro.

VENCIDOS os obstaculos que me retinham na ilha de S. Francisco, onde pouco augmentei as minhas collecções de plantas, parti a 21 de abril para a armação de Itapocoroia, fazendo a viagem parte por terra, parte por mar (1).

O ajudante mandara preparar-me uma lancha, tripulada por quatro remadores e um patrão, e fizemo-nos de vela ás dez horas da manhã.

Já descrevi o Rio de S. Francisco até a ilha denominada do Mel, que é rasa, alagadiça, coberta de mangue e uma das maiores do canal. A' parte da ilha de S. Francisco, parallelá á ilha do Mel, e que avança para o mar, deram o nome de Ponta Grossa, e é no lugar onde começa esta ultima, que o Rio

(1) Itinerario, com a distancia aproximada, da villa de S. Francisco á cidade do Desterro:

Da villa de S. Francisco á barra do Araquary, por mar	5 leguas
Da barra do Araquary a um sitio, perto da Barra-Velha	3 "
Da Barra-Velha a Itapocoroia, armação	3 "
De Itapocoroia ao Desterro, por mar

do Araquary mais se alarga. Dahi, olhando-se para traz, avista-se um aprazivel panorama, em que sobresaem, com a Barra do Norte, a parte mais septentrional da ilha de S. Francisco, a villa dominada pelo Pão de Assucar, o mais bello trecho do canal, as ilhotas que o pontilham e os morros situados a partir do forte e que, na distancia, perdem o seu aspecto sombrio. Ao sul da ilha do Mel o canal se estreita, e observa-se que, entre as duas barras e independentemente do braço intercontinental, elle forma, como diz Casal (2), uma especie de arco, cuja corda seria uma linha imaginaria passando pelas duas extremidades da ilha de S. Francisco (3). Deixando para traz a ilha do Mel (4), passamos por duas outras ilhas tambem rasas — as dos Barcos e Antonio da Silva, às quaes já me

(2) *Corogr. Bras.*, I, 189.

(3) Pela carta de Torreção, official da marinha brasileira, verifica-se a justeza dessa comparação.

(4) "A partir da ilha do Mel, a navegação do Araquary torna-se bastante difficil, em virtude da pouca largura e da tortuosidade do canal. A barra é perigosissima e a passagem, sobre a qual o mar quebra com violencia, é muito estreita e mede apenas 1 1/2 braça de profundidade... Dahi, a necessidade de tomar-se pratico para navegar neste rio (do Araquary)". — Os maritimos que quizerem visitar essas paragens deverão consultar a pequena *Description hydrographique des ports de Porto Bello, Itapocoroia, Rio de S. Francisco*, de Antonio Xavier de Noronha Torreção, de onde extrahi o trecho acima, e que foi publicada em *Les Ann. maritimes*, III, de 1847.

referi e que, com a primeira, são as maiores de todo o canal. Do lado do sul, á beira-mar, a ilha de S. Francisco torna-se plana; mas, ainda se vêem morros a alguma distancia e, segundo me informou o patrão da lancha, existem outros do lado do sueste.

Havíamos partido contra a maré e, ao pôr do sol, ainda nos achavamos muito longe da barra do Araquary. Não podendo, com a escuridão que logo se fizera, apreciar mais a paisagem, deitei-me numa esteira e adormeci profundamente. Ao cabo de algumas horas, acordei com a vozearia dos remeiros que discutiam com vivacidade, pretendendo uns que nós já havíamos passado do local em que devíamos aportar e onde se encontrava um destacamento de milicianos encarregado do serviço da barra, e que, portanto, proseguindo, entraríamos em alto mar, ao passo que os outros achavam estarmos ainda muito longe desse local. Viajavamos a vela e julgamos prudente ferral-a. Os homens puzeram-se a remar cautelosamente, acompanhando o mais perto possível a margem do canal, e com grande satisfação de todos logo se verificou que ainda estavamos aquem do sitio onde devíamos passar o resto da noite.

Eram duas horas da madrugada quando ahi chegamos. Os homens do destacamento de milicianos

encarregados, como disse mais acima, do serviço da barra do Araquary, alojavam-se num rancho construído do lado da terra firme, á margem esquerda do rio Piraqué, o ultimo curso d'agua que se lança no canal, ao norte de sua embocadura. Nesse posto, cujos soldados me acolheram em sua choça, e de onde proseguiria a minha viagem por terra, despedi os lancheiros que me haviam conduzido.

Os cavallos que deviam transportar a minha bagagem a Itapocoroia e que haviam sido pedidos com muitos dias de antecedencia pelo commandante de S. Francisco, ainda não se encontravam no posto do Piraqué, e, assim, fui forçado a passar nesse local um dia inteiro, que aproveitei em herborizar, fazendo então a melhor colheita depois que deixei Curitiba.

O mangue (*Laguncularia racemosa*, Gaert.) era a unica vegetação que crescia no terreno humido e paludoso que contornava o posto. Atravessando o Piraqué, segui a praia do lado do sul, muito além do Rio de S. Francisco. Em toda a extensão dessa praia de areia alvacentas e movediça, existe um numero muito pequeno de plantas esparsas, encontrando-se, de onde a onde, taboleiros de vegetação mais densa. A cavalleiro da praia crescem mattas cerradas, em cuja orla encontrei um sitio. O seu

proprietario occupava-se em estender suas redes para seccar e informou-me que o peixe era muito abundante nessa costa. Elle possuia algumas vaccas de que provei o leite, achando-o quasi sem sabor, muito differente do leite natado dos Campos Geracs. As plantas mais communs nessa praia são uma calyceracea, uma convolvulacea, duas cyperaceas e uma apocynacea e os *feijões da praia* (*Sophora littoralis*), tão abundantes no litoral do Rio de Janeiro.

Passando a barra do Araquary, vi as tres ilhas denominadas *dos Remedios*, situadas defronte e a pouca distancia da extremidade meridional da ilha de S. Francisco. Segundo informação colhida no local, chamam-nas *dos Remedios*, porque em caso de necessidade servem de abrigo ás embarcações que não possam transpôr a barra do canal. Ainda que pequenas, ellas possuem agua potavel e as suas terras são cultivaveis; e se ninguem ali se estabeleceu até o presente (1820), é porque, como me asseguraram, os que se aventurassem a habitá-las, ficariam constantemente privados, pelos ventos contrarios, de communicar-se com a terra firme. Mais além, ficam duas outras ilhas menores chamadas *ilha dos Lobos* e *ilha da Tapetinga* (do guar. *tapctyga*, caminho branco). Avistam-se ainda da praia as quatro ilhotas denominadas *dos Tambo-*

retes (5), todas de fôrma arredondada, como indica o seu nome, e que, situadas proximo da extremidade meridional da ilha de S. Francisco, mas parallelamente á costa oriental, se acham dispostas numa mesma linha e afastadas mais ou menos a igual distancia umas das outras.

No dia seguinte ao de minha chegada ao posto do Piraqué, pelas oito horas da manhã appareceram finalmente os cavallos e os homens que deviam transportar a minha bagagem para Itapocoroia; os cavallos, porém, em vez de albardas, traziam apenas lombilhos, e os conductores não vinham munidos de pelles e de correias para cobrir e apertar a carga sobre os animaes. Perdemos um tempo enorme em amarrar as malas com cordas e partimos dali muito tarde. A canôa é o unico meio de transporte em toda essa costa; os cavallos, que são pequenos e rusticos, servem apenas para sella, ignorando-se, aliás, a maneira de utilizal-os como bestas de carga.

Já haviamos caminhado mais de uma legua pela praia arida e de areia grossa, entre o mar e as florestas. O horizonte longinquo confina ao sul com os morros de Itapocoroia que, descrevendo um semi-circulo, avançam pelo Oceano a dentro, e dos

(5) Casal cita apenas duas (*Corogr. Braz.*, I, 190).

quaes se destacam dois cumes mais ou menos iguaes, em forma de mitra. Após termos feito cerca de duas leguas, chegamos ao local em que o mar se communica com uma lagôa formada pelo rio Itapicú (do guar. *ytapecy*, pedra concava) (6), cuja nascente fica situada no interior, muito longe dali. Essa lagôa, estreita e com uma legua de comprimento, estende-se parallelamente ao Oceano, do qual está separada por uma lingua de terra de algumas centenas de passos de largura. A sua barra, mais septentrional que o leito do proprio rio, é es-

(6) Assim escrevi essa palavra louvando-me em Casal e como a ouvi pronunciar no proprio local. Aubé escreveu *Itapécú*, mais de accôrdo com a etymologia indigena. Apesar dos dois autores acima citados discordarem sobre a graphia da denominação *Itapicú*, ambos, entretanto, dão, relativamente a esse rio, interessantes informações. Diz o primeiro (*Corogr. Braz.*, I, 189) que a 10 milhas de sua embocadura existe uma queda e nelle desaguam o Piranga, o Upitanga, o Itapicú Mirim, o Jaraguá e o Braço. Conforme o segundo (*Noticc.*, 33), o Itapieú banha uma das mais bellas regiões da provincia; a sua queda poderia ser nivelada e tambem seria facil abrir um canal interior que ligasse a extremidade do Itapicú (Lagôa da Cruz) ao rio do Araquary. — Van Lede faz apenas ligeiras referencias ao Itapicú e escreve essa denominação da mesma maneira que Aubé (*Colonisation*, 101). — S. H. — A graphia e a prosodia hoje dominante relativamente á denominação desse rio é — *Itapocú*. A fórma exacta seria — *Itapucú*, de *itá*, pedra, e *pucú*, comprida. — Além dos affluentes Piranga (Pirahy-piranga), Upitanga (Putanga), Itapicú Mirim (Itapécúsinho), Jaraguá e Braço, citados por Casal, desaguam no Itapocú mais os rios Preto, Itaperiú, Ribeirão Az, Salto, Serra, Ribeirão da Luz, Pedra de Amolar, D. Izabel e outros de menor importancia. — N. do t.

treita e tem diversas vezes mudado de lugar; a parte da lagôa, ao norte da barra, denomina-se *Lagôa da Cruz* e tem, quando muito, meio quarto de legua de extensão; a parte do sul denomina-se *Lagôa da Barra-Velha*, porque outr'ora ahí existia uma sahida feita pelas aguas.

Na actual embocadura achava-se postado um destacamento de milicianos encarregado de receber e levar ao posto do Piraqué as ordens enviadas a S. Francisco pela administração de Santa Catharina. Os dois milicianos que passaram a minha bagagem para a margem direita da barra da lagôa, não tinham mais de quatorze a quinze annos de idade; como na provincia de Santa Catharina o serviço de el-rei, segundo expressão vulgar na epoca, exigia muita gente, até crianças eram incorporadas á milicia.

Tendo-se levado demasiado tempo em transportar a bagagem para o outro lado, devido á canôa empregada nesse mistér conduzir de cada vez apenas tres malas, e a tornar a carregar os cavallos, dos quaes alguns já se achavam estropiados, só muitas horas depois pudemos continuar a viagem, seguindo pela estreita faixa de terra entre a lagôa e o Oceano, e onde de longe em longe se encontra alguma vegetação.

O lugar é encantador. A' esquerda, desdobra-se o mar; á direita, fica situada a lagôa, cujas aguas tranquillias contrastam com o movimento das ondas que vêm quebrar na praia: florestas de suave verdor estendem-se até as bordas da lagôa que reflecte a imagem das arvores. Continúa-se a avistar no horizonte os morros de Itapocoroia. Ao chegar-se ao local em que o Itapicú se lança na lagôa, descobre-se uma vista ainda mais encantadora. Esse rio desce de sudoeste e vem deslizando lentamente atravez da matta virgem, e pôde ter a largura do Marne nas proximidades de Alfort.

Dentro em pouco eramos surprehendidos pela noite e caminhamos até as dez horas á claridade de um magnifico luar. Após termos feito tres leguas, chegamos finalmente a um sitio, cuja casa, contornada de laranjeiras e bananeiras, era muito limpa no interior, mas, segundo o costume da região, inteiramente desprovida de moveis. Entretanto, as mulheres, suas proprietarias, que me receberam amavelmente, estavam bem trajadas. Não traziam meias, nem calçados; os seus vestidos, porém, eram de indiana, e usavam um grande chale de musselina e cabellos apanhados no alto da cabeça.

Indios selvagens constantemente descem do interior e vêm praticar desatinos no trecho de praia

que eu acabava de percorrer. Pouco tempo antes de minha viagem, elles haviam estrangulado dois rapazes num sitio afastado, e, sendo perseguidos, foi morto um, que tinha o labio inferior furado. Os indios que infestam a provincia de Santa Catharina são designados, como os do sul de S. Paulo, pelo nome de *bugres*; mas, segundo já demonstrei alhures, esse termo é apenas um appellido generico com o qual se designam tribus muito diversas e, em geral, inimigas entre si. Desde que o indio morto entre o Piraqué e o Itapicú usava o labio inferior furado, conclue-se que elle pertencia á primeira das quatro tribus de bugres mencionadas por Manoel Ayres de Casal (7), e a que as mulheres cooadas de Curitiba tinham como inimiga da sua e denominavam *Socré*. Depois de minha passagem, os bugres continuaram a fazer incursões na provincia de Santa Catharina, principalmente no litoral do districto de S. Francisco, e o presidente da provincia, em varios relatorios (8), lamenta amargamente as devastações e morticínios que elles com frequencia praticam nessas paragens. Esses indios andam em pequenos grupos e após serpearem com precaução por entre as arvores das florestas, apparecem inopinadamente nos sitios isolados, es-

(7) *Corogr. Braz.*, I, 220.

(8) *Fallas, etc.*, 1841, 42, 44, 47.

trangulando mulheres e crianças. Ao primeiro ataque põem-se em fuga, deixando em poder dos inimigos os proprios filhos que, por debilidade, não podem acompanhá-los na retirada. O presidente da provincia, sr. marechal de campo Antero José Ferreira de Brito, muito louvavelmente, não instiga os seus administrados contra esses infortunados, que não sabem o que fazem. Quer que os prisioneiros sejam tratados com brandura e não permite que os reduzam á escravidão. Elle mesmo se encarregou de educar uma criança que os selvagens abandonaram numa de suas fugas. — “Quando os sertões, ora impenetraveis, que servem de asylo aos selvagens, forem cultivados e atravessados por estradas, talvez seja possivel, diz o sr. Antero José, instruir esses homens na religião christã e fazel-os ingressar na sociedade de que hoje são implacaveis inimigos” (9). — Ainda está muito longe o tempo em que as florestas habitadas pelos selvagens cheguem a ser atravessadas por estradas. Não seria mais louvavel o sr. Antero José, que demonstra tanta sabedoria em seus relatorios, procurar os meios de antecipar-se a essa época? Os antigos missionarios não esperavam que se desbravassem as florestas para lançar-se entre as tribus mais

(9) *Falla, etc.*, 1.º de março de 1841.

crueis que os bugres, pois eram anthropophagas, e vimos em nossos dias o francez Marlière (10) civilizar, tanto quanto poderiam sel-o, os boto-cudos, aliás, considerados os mais ferozes de todos os indios actuaes.

Deixancio o sitio onde passei a noite, eu e meus camaradas afastamo-nos da praia e tomamos um caminho que atravessava, numa extensão de cerca de uma legua, terrenos planos e inteiramente cultivados, o que, longe dos grandes centros, era uma verdadeira raridade. Aqui, os sitios são tão proximos uns dos outros como as casas nos arredores do Rio de Janeiro, e a terra, muito arenosa, é, em geral, aproveitada no plantio da mandioca. Os vegetaes que crescem junto dos caminhos e na vizi-

(10) Diz Aubé na sua excellente *Notice* (47) que os bugres têm a face larga e os olhos um pouco divergentes, e que os seus traços lembram os dos mongóes; são esses, aliás, os signaes característicos da raça americana. Quando, porém, o mesmo autor acrescenta "que esses homens têm olhos sem expressão e que parecem nadar nas orbitas, revelando falta de intelligencia", já ahí se refere a um característico que nenhum autor de meu conhecimento assignalou e nem eu observei entre os indios civilizados da costa, ou entre os guaranys das missões do Uruguay e das numerosas povoações das quaes vi as ruinas, e ainda menos entre as coroadas de Curitiba, mulheres de olhar intelligente e que pertencem mais ou menos á mesma região dos selvagens de S. Catharina. Aubé não conviveu com estes ultimos, pois que se acham em guerra com os brancos; talvez tivesse observado alguns pobres prisioneiros embrutecidos pelo desespero, pela perda de sua liberdade e, quiçá, pelos máos tratos.

nhança das casas, são os mesmos que se encontram perto da capital, em lugares semelhantes, podendo-se citar, entre outros, um *Tagetes* e o n.º 1.708 pertencentes á familia das chenopodiaceas, pouco numerosa no Brasil.

A' medida que avançavamos, os moradores dos sitios vinham á porta ver-nos passar. As mulheres não só não fugiam á nossa presença, como ainda nos saudavam com polidez. Esse dia era domingo. Ellas se achavam decentemente trajadas e notei que, ao contrario das mulheres de Minas, traziam o peito e as espaldas envoltos em chales de musselina, e que algumas tambem cobriam a cabeça com fichús daquelle mesmo tecido.

Na extremidade dos terrenos planos e cultivados, de que fallei acima, encontra-se a embocadura de um riacho que corre junto de uma collina, em cuja eminencia existia uma casa. Esse rio, denominado *da Itajuba* (das palavras da lingua geral — *ita*, pedra; *juba*, amarello, e *y*, agua — rio da pedra amarella), é vadeavel com maré baixa; mas, chegamos ali com a preamar e foi preciso descarregar os cavallos, passar toda a bagagem numa pequena canôa e, em seguida, leval-a ás costas até o alto da collina. O proprietario da casa ali construida tinha ainda sua mãe viva e chegara a ver os netos de sua filha.

Após desçermos a outra encosta da collina, encontramos-nos na Praia da Piçarra (11), que margeia uma amplissima enseada situada entre o outeiro da Itajuba, ao norte, e o morro do Cambri, ao sul. Além do rio o terreno alteia-se ligeiramente, e, de distancia em distancia, avistam-se casas que, aliás, não passam de simples choças. Toda essa zona era muito povoada; mas, a meia legua ou tres quartos de legua do mar, apenas existiam, por esse tempo, florestas desertas e sem proprietarios.

Encontram-se alguns traços de sangue indigena nos habitantes desse trecho de costa; segundo me informaram, elles, porém, vão desaparecendo aos poucos, em virtude de, continuamente, se estabelecerem ali homens da ilha de Santa Catharina que, na maioria, são originarios das ilhas dos Açores e de pura raça caucasica.

Depois de termos caminhado algum tempo pela praia da Piçarra, chegamos á margem de um riacho denominado *Rio do Iriri* e a que tambem chamam *Rio da Guarda*, por existir na sua margem direita um posto de milicianos encarregado de

(11) Assim ouvi pronunciar no local; mas, segundo Millicet e Aubé, a forma exacta seria *Pissaras* (*Disc. Braz.*, II, 330. — *Notice*, 33). A palavra portugueza *Piçarra* significa u'a mistura de pedregulho com areia. — S.-H. — O unico erro de S.-H. foi ter escripto *Piçarra* em vez de *Piçarras*, que é a graphia exacta, e não *Pissarras*, como se escreve em Santa Catharina. — N. do t.

transmittir aos destacamentos vizinhos os despachos enviados pelas autoridades. A minha bagagem foi novamente descarregada e passada para a outra margem do rio em duas canoas tripuladas por milicianos.

Da praia da Piçarra não se avistam mais os morros de Itapocoroia, occultos pelo do Cambri que limita ao sul a enseada, produzindo na paisagem um lindo effeito; elle é arredondado e revestido de vegetação, no meio da qual se divisa uma casa construida na encosta.

Tendo passado por traz da ponta do Cambri e atravessado o riacho do mesmo nome, por uma ponte de madeira em mau estado, chegamos á praia da Enseada de Itapocoroia (12). Essa angra se estende da ponta do Cambri á da Vigia e fórma na costa uma reentrancia ampla e semi-circular. Do lado de cima da praia elevam-se morros desiguaes e cobertos de matta virgem; os mais altos são os que, ao passar entre o Piraqué e o Itapicú, me pareceu se assemelharem a uma mitra, e, na reali-

(12) Louvando-me em Aubé e Torreção, e de accôrdo com a prosodia local, escrevi — *Itapocoroia*. Encontram-se alhures as formas — *Itapacoroia*, *Itapacoroya*, *Itapacoroi* ou *Itapacoroya*. O termo vem do guarany *Itapacorá*, semelhante a um muro de pedra. — S.-H. — José Boiteux, escrevendo *Itapacoroy*, dá ao vocabulo a significação — "pedra que se avança para o mar", e Th. Sampaio, que escreve *Itapacoroya*, define-o como "corr. de *itapê-coroí*, a lage que emerge; rochedo que sobresae". — N. do t.

dade, mais separados um do outro do que ao longe se me afigurava, apresentam, vistos de perto, formas muito differentes da que antes eu lhes attribuiria. No fundo da enseada, situadas a menor distancia do morro da Vigia que do morro do Cambri, vêm-se, á borda do mar, junto de um outeiro, as vastas construcções da armação de Itapocoroia.

Ao chegar a esse estabelecimento fui muito bem recebido pelo seu administrador, que já estava prevenido de minha visita. Elle tinha sido capitão da marinha mercante e era um velho jovial, cortez e de conversação interessante.

Foi na provincia da Bahia que os portuguezes pela primeira vez estabeleceram *armações*, termo que se pôde traduzir por *pêcheries* e se dá aos estabelecimentos de onde partem os barcos que vão á pesca e para onde conduzem em seguida as baleias, afim de ser extrahido o azeite.

Já se achavam em actividade as armações da Bahia quando fundaram outras tres na provincia do Rio de Janeiro, e logo depois as de S. Paulo e Santa Catharina. A principio, a pesca era livre; depois, passou para o dominio exclusivo do governo que a confiava a arrendatarios. Os que della se encarregaram em 1765, arrendaram-na pelo prazo de doze annos, mediante o pagamento annual de 80.000 cruzados, ou 20.000 francos, e durante

esse periodo tiveram o lucro de 4.000.000 de cruzados, ou 1.000.000 de francos (13). Por esse tempo a pesca era tão abundante que só numa dessas armações apanharam 523 baleias; mas, a fortuna não lhes sorria por muito tempo. O governo acabou não encontrando novos arrendatarios e, em 1801, renunciou o monopolio (14).

Quando de minha viagem, só na provincia de Santa Catharina existiam seis armações, a saber, começando do norte: — a da *ilha da Graça*, na entrada septentrional do Rio de S. Francisco, que era a mais recente, datando de 1807; a *de Itapocoroia*, estabelecida em 1777 ou 1778; a *Armação Grande* ou *de Nossa Senhora da Piedade*, á barra do norte da ilha de Santa Catharina, no continente, a primeira que se fundou na provincia, datando de 1746 (15); a *da Lagoinha*, fundada em 1772; a *de Garopaba*, em 1795, e a *de Embituba*, em 1796 (16).

(13) V. as avaliações de Freycinet na sua *Voyage autour du monde, part. hist.*, I, 268.

(14) Jacintho Jorge dos Anjos in Pizarro, *Mem. hist.*, IX, 289. — J. F. Fernandes Pinheiro, *Anuário da provincia de S. Pedro*, 2.^a ed., 434.

(15) Mawe faz referencias elogiosas ao tamanho e á belleza da Armação Grande e diz que em 1807 trabalhavam nesse estabelecimento 150 escravos (*Travels*, 53).

(16) Pizarro, *Mem. hist.*, IX.

A pesca começava no mez de junho e terminava em meados de agosto. Nessa quadra do anno, as baleias, provavelmente acoissadas dos mares do Sul pelos rigores do inverno, vinham procriar na costa do Brasil. Como esses animaes só têm um filho de cada vez, o seu numero, quando ali estive, já se achava em sensível decrescimento. Nos primeiros annos do estabelecimento das armações, isto é, por volta de 1748 a 1750, só pela Armação Grande foram apanhadas cerca de 500 baleias e desde 1777, anno em que foi construida a armação de Itapocoroia, tinham sido pescadas, nas suas proximidades, cerca de 300; mas, em 1819, todas as armações reunidas haviam conseguido apanhar apenas 59. Notara-se que a pesca era mais abundante nos annos em que predominava o vento sul. De cada baleia retiravam-se 12 a 20 pipas de azeite, ou a media de 15 pipas (17).

Uma parte das construcções da armação de Itapocoroia ficava situada á beira-mar. A casa do administrador chamada *Casa Grande*, a capella, a

(17) Segundo Freycinet (*Voyage autour du monde, part. hist.*, I, 267), a pipa de Lisbôa vale 5 litros; acho que a pipa de que se trata aqui não seja de capacidade differente. — S.-H. — A pipa de Lisbôa vale 440,70 litros. Por isso mesmo, achando exaggerada a quantidade de pipas de azeite extrahida de uma baleia, segundo informações colhidas no local, Saint-Hilaire concordava com Freycinet, de que a pipa de Lisbôa valesse 5 litros... — N. do t.

residencia do capellão e o alojamento dos empregados haviam sido edificadas em terreno mais elevado e revestido de grama, junto de um morro.

Da casa do administrador descortinava-se um magnifico panorama. Dali não se via a entrada da enseada; a praia da Piçarra parecia fechá-la. Dir-se-ia estar-se á margem de um grande tanque semi-circular cercado de montanhas e florestas. Afastados do litoral elevavam-se outros morros, dentre os quaes se distinguia o *do Bahú*, cuja summitade, ponteguda e inclinada, servia de ponto de referencia aos navegantes.

A primeira das construcções acima alludidas, e que ficava situada á beira-mar, destinava-se ao alojamento dos homens empregados na pesca. Nas occasiões propicias elles ali se installavam com suas mulheres, encontrando um agradavel refrigerante nas laranjas que havia em abundancia nos arredores do estabelecimento.

A esse edificio seguia-se outro com noventa e um passos de comprimento, denominado *engenho de frigar*, onde se fabricava o azeite. Existiam ali nove caldeiras com as respectivas fornalhas. Antes, o seu numero era maior; mas, ao tempo de minha viagem, bastavam aquellas para a pesca que então se fazia. As caldeiras, em forma de calota hemispherica, mediam cerca de 15 1/2 pés ingle-

zes (6 m.09) de circumferencia. Por traz do engenho de frigir encontrava-se outra edificação do mesmo comprimento, dividida, na altura de 16 palmos (3 m.52), em sete reservatorios para onde se escoava, por meio de calhas, o azeite retirado das caldeiras. Esses reservatorios eram solidamente construidos de tijolos e media cada um cerca de treze passos de comprimento, calculando-se que o conteúdo de um palmio (0 m.22) de altura de azeite equivalia a 10 pipas.

Ao lado do engenho de frigir ficava na praia um espaço correspondente á Casa Grande e á capella, construidas, como dissemos, em plano mais elevado. Além desse espaço achavam-se, fazendo frente para um pateo quadrado, os armazens e os alojamentos dos negros.

As lanchas empregadas na pesca, pontudas nas duas extremidades, em fôrma de lançadeira, — eram velozes e tinham seis bancos para os remadores. Da armação de Itapocoroia sahiam para a pesca, todos os annos, seis dessas embarcações, cada qual acompanhada de outra a que chamavam *lancha de soccorro*, a fim de, quando necessario, auxiliar a primeira. No momento da partida, o capellão vinha á praia abençoar as embarcações e davam-se propinas aos que as tripulavam. As lanchas pouco se afastavam da armação. Quando avistavam o

jacto d'agua que a baleia lança ao respirar, aproximavam-se della, sem o menor ruido, e arremessavam-lhe o arpão. O cetaceo mergulhava; em seguida, puxavam-no pouco a pouco, traspassavam-no a golpes de lança e a lancha de soccorro rebocava-o para a armação, onde o collocavam entre dois estrados, sobre os trapiches solidamente construidos defronte do estabelecimento. Ali, viravam-no de costas e extrahiam-lhe o toucinho em tiras que eram levadas para o engenho de frigar e onde, reduzidas a pedaços menores, eram postas a derreter nas caldeiras. Após sobrenadar por algum tempo, esses fragmentos precipitavam-se no fundo da caldeira, e, desprendida a gordura, retiravam-n'os dali e passavam-n'os pela prensa, sendo os residuos, ou torresmos, queimados nas fornalhas. O azeite era posto em pipas e remettido para o Rio de Janeiro. As barbas eram lançadas num tanque circular e, depois de permanecerem algum tempo n'agua, extrahiam-se-lhes as laminas que as constituíam (18).

(18) Pela descripção que acabo de fazer, da armação de Itapocoroin, vê-se que o illustre almirante Roussin se enganou quando disse, generalizando, que as "armações consistem em barracões onde se acham as caldeiras, etc." (*Pilote du Brésil*, 64). Estas palavras não se ajustam á armação de Garopaba nem á de Embituba, das quaes nos occuparemos mais adiante.

No fabrico do azeite empregavam-se escravos; na pesca, porém, occupavam-se homens livres, por inspirarem mais confiança. Estes eram pagos na proporção do numero de baleias apanhadas, recebendo as guarnições de todas as embarcações, embora fosse morto apenas um cetaceo, a mesma somma que recebiam os da lancha que arpoara. Assim, de cada baleia, tocava aos arpoadores 3\$000; aos patrões dos barcos de pesca, 1\$000; aos das lanchas de soccorro, \$800. e aos remadores, na mesma proporção.

Os homens que trabalhavam nesse mysterio eram geralmente lavradores pobres; elles, em vez de, terminada a pesca, voltarem a cultivar suas terras, economizando o dinheiro ganho, entregavam-se á indolencia e passavam o tempo a beber cachaça, a cantar e a tocar viola, até gastarem o ultimo vintem.

Descrevi minuciosamente a armação de Itapocoroia, tal como era em 1820, e demonstrei tambem quanto diminuiu a producção da pesca no periodo de 1777 a 1819. Desde então, era facil prevêr que esse estabelecimento e os demais do mesmo genero não poderiam subsistir por muito tempo. Assim mesmo, parece que ainda puderam manter-se por

alguns annos após minha viagem (19); actualmente, porém, da armação de Itapocoroia só restam vestígios (20). Como a pesca foi diminuindo gradativamente, não deveria ter causado surpresa nem abalos a suppressão total das armações, sendo de acreditar que, quando isso se deu, os habitantes de Itapocoroia pouco teriam soffrido. Aliás, o dinheiro por elles ganho não ficava no lugar; terminada a pesca, repousavam, descuidando-se de suas terras. Agora, porém, são forçados a trabalhar na lavoura. Desse ponto de vista, o que occorreu não foi uma infelicidade. Confirma o que acabo de dizer relativamente á pouca influencia que teria tido em Itapocoroia a diminuição da pesca e consequente suppressão da armação, — o facto de, em 1839, ter-se julgado esse lugar bastante povoado para elevá-lo á categoria de freguezia, com limites,

(19) José Feliciano Fernandes Pinheiro, na 2.^a ed. dos seus *Annacs da provincia de S. Pedro*, publicada em 1839, refere-se ás armações da provincia de S. Catharina, como se as mesmas ainda se achassem em actividade.

(20) São as proprias expressões de Léonce Aubé (*Notice*, 26), cujo trabalho data de 1847. Acrescenta o mesmo autor que as armações de Nossa Senhora da Piedade (perto de S. Miguel), de Imbituba e Garopaba tambem já não existem mais (l. c., 23, 25). Van Lede, que esteve em S. Catharina em 1842, diz que "todas as antigas armações se achavam em ruinas, e que, exceptuando a de Porto Bello, nas demais existiam apenas algumas baleceiras, encontrando-se hoje a pesca dos grandes cetaceos completamente abandonada" (*Colonisation*, 163).

ao norte, pelo Itapicú, e, ao sul, pelo rio *Gravatá* (21) (corruptela da palavra indígena *cavagatá*, que designa as Bromeliaceas de folhas compridas).

Não obstante a pouca extensão da freguezia de Itapocoroia, a sua população em 1811 era de 1.417 homens livres e 223 escravos (22). Crearam ali uma escola primaria e a sua igreja foi consagrada á Nossa Senhora da Penha.

Informado de que o caminho de Itapocoroia ao local fronteiro á ilha de Santa Catharina era pessimo e offerencia serias difficuldades ao transito, resolvi continuar minha viagem por via maritima (23). O administrador concedeu-me um dos barcos de pesca e parti ás nove horas da manhã, com seis remadores e um patrão, contractados a 1\$920 cada um. O tempo estava esplendido; a belleza do céu, a calma do mar, o frescor da vegetação dos morros tornavam essa viagem encantadora. Os meus homens remaram apenas durante algumas

(21) Milliet e Lopes de Moura, *Dicc. Braz.*, II, 280.

(22) *Falla que o presidente da provincia de Santa Catharina dirigiu, etc.*, em 1.º de março de 1841, *doc.* 15.

(23) Van Lede viajou por essa estrada, de S. José, defronte á cidade do Desterro, a Itajahy (*Colonisation*, 280/300), e dá de sua excursão informações aliás muito interessantes.

horas, pois em seguida cahiu o nordeste, e antes das nove horas da noite entravamos na bahia de Santa Catharina.

Até a praia de Itajahy navegamos proximo da costa; nessa altura afastamo-nos para o largo, sem entretanto perdel-a de vista.

Chegados diante de uma cruz collocada entre rochedos pouco acima do nivel da agua, os remadores levantaram-se, descobriram-se e fizeram uma prece á Virgem e ás almas do purgatorio pelo bom exito da nossa viagem.

A' medida que avançavamos, elles me iam dando os nomes das pontas e enseadas defronte das quaes iam passando. A primeira, que se encontra após a da Vigia, denomina-se *Ponta de S. Roque*; entre as duas pontas o mar faz um avanço pouco profundo pela terra a dentro. Em seguida á ponta de S. Roque vem uma pequena enseada, além da qual fica situada a *Ponta de Cantagallo*. Entre esta e a *Ponta Negra* não existe verdadeiramente uma enseada. Até a *Ponta Negra* a costa é escarpada e a sua base, de rocha denuda e escura, é batida pelas ondas; de meia altura para cima os morros que a constituem são revestidos de espinhos e outras vegetações. Ao sul da *Ponta Negra* ficam o estuario e a praia de Itajahy, onde termina a via de comunicação terrestre que até ali passa por traz dos

morros (24). Nessa altura, como dissemos, afastamo-nos da costa. Assim mesmo, porém, o patrão da lancha foi-me apontando successivamente, ao longe, a *Ponta do Cabeçado* (das Cabeçadas); a *Praia Braba* (sic); a *Ponta de Cambriaçú* (Camboriú); o lugar do mesmo nome, onde o rio, também denominado Cambriaçú, desagua no mar; a *Ponta da Taquara*; a *Enseada das Garoupas* (25), que offerece á navegação um optimo ancoradouro e onde acabavam de fundar uma colonia de pescadores procedentes do povoado de Ericeira, em Portugal (26); a *Praia do Cachaçudo*; a *Enseada das*

(24) Na praia de Itajahy termina o rio do mesmo nome, o maior de toda a provincia e em cujo leito, segundo dizem, têm sido encontradas palhetas de ouro. Foi também na mesma praia que estabeleceram o povoado de Itajahy, séde de uma freguezia, cuja população era em 1841 de 1.404 individuos livres e 137 escravos. D. Pedro I fundou ás margens do Itajahy duas pequenas colonias allemãs, que em 1844 tinham o total de 227 habitantes (J. F. Fernandes Pinheiro, *Anuacs*, 2.^a ed., 431. — A. J. Ferreira de Brito, *Fallas*, 1842, 1844. — Aubé, *Notice*, 25, 31). — A palavra *itajahy* vem do guarany — *itajay*, rio onde ha muitas pedras.

(25) A enseada das Garoupas é uma das melhores da costa do Brasil meridional. A' sua margem fica situada a villa de Porto Bello, cujo districto, comprehendendo a freguezia de Itajahy, tinha em 1841 a população de 4.825 individuos livres e 690 escravos (Milliet e Lopes de Moura, *Dicc.*, II, 349. — A. J. Ferreira de Brito, *Falla*, 1841).

(26) Essa colonia, que se chamava *Nova Ericeira*, fôra fundada, como já tive occasião de dizer, sob os auspicios do ministro de Estado, Thomaz Antonio Villa Nova Portugal. Inteiramente composta de portuguezes, estes se teriam fundido no resto da população, pois dessa colonia nenhuma menção encontrei nos escriptos que consultei.

Bombas e, finalmente, a larguissima ponta do mesmo nome, ao sul e a pouca distancia da qual ficam situadas tres ilhotas deshabitadas e cobertas de matto, a saber: a *das Galés*, que se me afigurou de forma alongada; a *Ilha Deserta* e a *Ilha do Arvoredo* (Arvoredo). Após a Ponta das Bombas, passamos defronte da praia chamada *dos Imbús*, além da qual se avistam longinquas montanhas. Vem em seguida a *Ponta dos Macucos*, fronteira á ilhota do mesmo nome, separada da terra firme por um canal estreito que atravessamos; dahi já se começa a ver a ilha de Santa Catharina. Mais adiante da Ponta dos Macucos existe uma vastissima enseada denominada *Sacco das Tijucas Grandes*, porque ali desagua o rio das Tijucas Grandes (27). Depois passamos pela *Ponta dos Ganchos* e a *Praia das Palmas*, perto da qual fica a ilha do mesmo nome. Pude ainda ver a *Ponta do Bote*; logo, porém, fomos surprehendidos pela noite e,

(27) O rio das Tijucas Grandes tem um curso de longa extensão. Cerca de um dia de viagem de sua embocadura, fica situado S. João Baptista das Tijucas Grandes, séde de uma freguezia que faz parte do districto de S. Miguel e cuja população era em 1840 de 1.489 individuos livres e 204 escravos. Mais acima de S. João Baptista fundaram, sob a denominação de Nova Italia, uma colonia sarda. Uma tempestade em 1838 e uma invasão de bugres em 1839 arretraram-lhe grandes prejuizos, e, em 1847, essa colonia se achava extincta (A. J. Ferreira de Brito, *Fallas* de 1842, 1844 e 1847. — Aubé, *Notice*, 25, 30). — *Tijucas*, do guar. — *ty-yuca*, a lama.

comquanto fizesse um lindissimo luar, não me foi mais possível distinguir os accidentes desse trecho de costa.

Navegando pelo canal que separa a ilha de Santa Catharina do continente, passamos entre dois fortes, o de Santa Cruz, na terra firme, e o da Ponta Grossa, na ilha. Após havermos atravessado o canal, que tem alguns tiros de espingarda de largura, entramos finalmente no porto de Santa Catharina.

Os remadores encostaram a embarcação ao trapiche e sahi com o patrão da lancha a procura do sr. Diogo Duarte da Silva, thesoureiro da junta, a quem eu ia recommendado e escrevera de S. Francisco, pedindo-lhe para arranjar-me casa. Vagueamos por muito tempo pela villa, até que, em fim, chegamos á residencia do sr. Diogo, que me convidou para pernoitar em sua casa.

CAPITULO IV

A ILHA DE SANTA CATHARINA — A CIDADE DO DESTERRO

Posição geographica da ilha de Santa Catharina — Sua população — As fortalezas que a defendem — O canal que a separa do continente — O panorama que se desvenda da cidade do Desterro; ruas, casas, igreja parochial e capellas, hospital, palacio, casa da camara e prisão, caserna, commercio — Os arredores do Desterro; descripção dos sitios — Os homens e as mulheres da ilha de Santa Catharina — Costumes da população rural — Autoridade das mulheres sobre os maridos — Trabalho; habitos — Semelhança da vegetação espontanea da ilha de Santa Catharina com a do Rio de Janeiro — Clima — Producção — Decadencia da ilha de Santa Catharina — Meio de sustal-a.

A ilha de Santa Catharina, situada, segundo La Pérouse, entre 27° 19' 10" e 27° 49' (1), e segundo Barral, entre 27° 22' 31" e 27° 50' (2), tem cerca de tres leguas na sua maior largura.

A sua população em 1820, ao tempo de minha viagem, era mais ou menos, reportando-me aos dados officiaes, de 12.000 individuos. Pessoas, porém, que pela sua posição social, deviam estar mais bem informadas, elevavam-na a 14.000, dos quaes apenas um quinto eram escravos (3). Se os dados officiaes não exprimem a verdade é porque muita gente, com a intenção de subtrahir do serviço obrigatorio da milicia alguns membros da familia, nun-

(1) *Voyage*, I, 33.

(2) *Notions sur l'île Sainte-Catherine em Les Annales maritimes*, 1833, II, 334.

(3) O primeiro presidente da provincia de S. Catharina, depois do estabelecimento do governo constitucional, João Antonio Rodrigues de Carvalho, calculava a população da ilha de S. Catharina, no anno de 1824, em 15.533 habitantes (J. F. Fernandes Pinheiro, *Annes*, 2.^a ed., 432).

ca declarava o numero exacto de que esta se compunha.

Os dados officiaes de 1841 registavam só para a ilha de Santa Catharina, 19.368 individuos, sendo 15.032 livres e 4.336 escravos (4). E' provavel que o reccio de ser chamada para combater os rebeldes do Sul, a custo pacificados, não teria levado a população a fazer menor numero de declarações falsas em 1840 do que em 1820, e, portanto, podemos, sem risco de incorrer em grandes erros, comparar os algarismos desses dois annos e, de accordo com outros dados que possuímos, chegar ás seguintes conclusões:

1. — O augmento da população foi, em vinte annos, de 1820 a 1841, de mais da metade do numero primitivo, e se admittirmos o total de 3.000, para o anno de 1785, segundo o calculo de La Pérouse (5), ella teria mais do que sextuplicado a partir desse anno até o de 1820, isto é, em trinta e cinco annos.

2. — A proporção entre o numero de escravos e homens livres pouco variou; e, se em 1820 os primeiros estavam aproximadamente em relação aos segundos, na proporção de 1 para 5 e em 1840 na

(4) A. J. Ferreira de Brito, *Falla* de 1.º de março de 1841, doc. 15.

(5) *Voyage*, I, 34.

de 1 para 4,47, podemos concluir que o termo medio da riqueza particular permaneceu mais ou menos estacionario, pois pelo numero proportional de escravos, nos paizes que admittem a escravatura, infere-se a riqueza dos individuos livres.

3. — Quando de minha viagem, havia, na ilha de Santa Catharina, notavel desproporção entre o numero existente de negros e o de negras, e os escravos não se casavam. Nessa ilha, como demonstrarei mais adiante, as terras estão muito divididas e pertencem em grande parte a lavradores pobres; o homem economiza para poder comprar um negro, e fazendo pacientemente novas economias, prefere comprar outro negro a uma negra, pois sua mulher e filhas poderão substituil-a no serviço domestico. Parece que actualmente não é tão grande a differença entre o numero de negros e o de negras; mas, os casamentos de escravos continuam a ser tão raros como outr'ora. De 2.535 escravos existentes em 1841, na ilha de Santa Catharina, unicamente 10 eram casados, não sendo um só da cidade de Santa Catharina, cuja população negra era de 1.019 almas. Isso prova que infelizmente ali não existia muita moralidade, como melhor se evidencia do seguinte facto.

Exceptuando Lages e mais quatro freguezias, o numero de escravos casados, em 1840, na provincia

de Santa Catharina, era apenas de 246; nasceram em 1841, na mesma parte da provincia, 417 filhos de mulheres escravas (6); e se, como diz d'Eschwege, geralmente as negras casadas provocavam abortos, afim de que a côr de seus filhos não trahisse as suas infidelidades, não é de crêr que os abortos fossem mais raros entre as negras solteiras.

Apressemos-nos em afastar os nossos olhos de todas essas miserias e passemos a contemplar as bellezas naturaes da região.

A ilha de Santa Catharina é montanhosa, fértil e muito cultivada; a mandioca, o arroz e o feijão são as suas principaes producções. Nenhum porto existe na costa oriental e julgaram-no bem defendido pela natureza. Na costa occidental e margem opposta, construíram, ha quasi um seculo, diversos fortins de pouca importancia e dos quaes alguns, por occasião de minha passagem por ali, haviam sido reparados e postos, tanto quanto possível, em condições de preencher os seus fins. E' o mais importante o de *Santa Cruz d'Anhatomirim*, ou, simplesmente, de *Santa Cruz*, destinado a proteger contra o inimigo a entrada septentrional do braço de mar que separa a ilha de Santa Catharina do continente. Construido na ilhota de Anhatomi-

(6) A. J. Ferreira de Brito, *Falla* de 1.º de março de 1841, doc. 15; — *Falla* de 1.º de março de 1842, p. 34.

rim (7), proximo da terra firme, fica elle defronte de outro fortim na ilha, denominado *Fortaleza de S. José da Ponta Grossa*, ou, por abreviação, *Fortaleza da Ponta Grossa* (8).

(7) Foi na illota de Anhatomirim, e não Atomirim, como creveram Krusenstern e Langsdorff, que o illustre almirante Rousin fez suas observações astronomicas. Acredita elle que essa palavra signifique *cabeça de macaco* (*Pilote*, 8): mas, nada confirma essa supposição: *cui* é o nome guarany do macaco, e *cabeça*, tanto na mesma lingua, como na lingua geral, é *acanga*. — S.-H. — Parece que contava ignorada a significação do elemento *Anhoto*, que entra nessa denominação. Segundo Lucas Boiteux, "Prazeres Maranhão dá a esse vocabulo a significação de — *cão*". *Anhoto-mirim*, cão pequeno. Entretanto, no guarany *cão* é *yaguá*. L. Boiteux não encontrou *Anhoto* ou *Inhoto* em nenhum vocabulario guarany. Th. Sampaio tambem não registou essa denominação no seu valioso trabalho — *O Tupi na Geographia Nacional*. — N. do t.

(8) D zendo de começo, acertadamente, que as fortalezas de S. Cruz e de Ponta Grossa ficam á entrada da barra do norte, Pizarro logo em seguida as situa á barra do sul (*Mem. hist.*, IX, 252): á parte esta contradicção, as referencias que esse autor faz á ilha de S. Catharina nada deixam a desejar, contendo informações interessantes para a historia e a topographia da região, e que não podem ser desprezadas. José Feliciano Fernandes Pinheiro é menos prolixo sobre o mesmo assumpto, mas parece-me mais claro que Pizarro (*Annaes*, 2.^a ed., 397). Ambos, aliás, são concordes em dizer que as fortalezas de S. Cruz e de Ponta Grossa não se acham em condições de defender efficientemente a entrada da barra de S. Catharina. Já eram da mesma opinião o almirante Anson, em 1740 (*Walter, Voyage*, 44). La Pérouse, em 1785 (*Voyage*, I), Krusenstern, em 1803 (*Reise um die Welt*, I, 74/89). Finalmente, eis como se exprime Barral, official da marinha franceza, que visitou S. Catharina em 1831: "As fortalezas encontram-se em más condições: mesmo, porém, que se aciassem apparelhadas não impediriam a eventualidade de um desembarque." (*Nal. S. Cath. in Ann. marit.*, 1833, II, 343).

O canal que se prolonga entre a ilha de Santa Catharina e o continente, mede apenas tres quartos de legua na sua maior largura. Em meio, um pouco acima da cidade, elle se restringe de tal maneira entre duas pontas, partindo uma do continente e a outra da ilha, que, nesse lugar, denominado "estreito", os cavallos facilmente o atravessam a nado; pouco adiante, elle se alarga, formando uma vasta bacia, onde se encontra o porto de Santa Catharina. A passagem do estreito é defendida, do lado da terra firme, pela fortaleza de *S. João*, e do lado da ilha, pela de *Santa Anna*, que transmittiram os seus nomes ás pontas em que foram construidas (Ponta de *S. João*, Ponta de *Santa Anna*). O porto de Santa Catharina, propriamente dito, dá accesso apenas a lanchas, sumacas, bergantins e galeras; as fragatas, porém, podem chegar até a fortaleza de *Santa Cruz*, onde existe um excellente ancoradouro. Com o intuito de tornar esse ancoradouro mais conhecido, citarei aqui a opinião do autorizadissimo capitão Duperrey. Eis como se expressa esse sabio navegador: — "A bahia de *S. Catharina* é o mais importante ancoradouro da America meridional; ella pôde conter as maiores esquadras, proteger, com o auxilio de fortificações melhor apparelhadas do que as existentes actualmente, mais navios mercantes do que poderá ne-

cessitar o commercio do Brasil, e vir a ser talvez um dia, pela sua posição geographica, um dos mais importantes entrepostos da America Austral" (9).

Não pretendendo fazer largas considerações sobre o augmento da população da provincia de Santa Catharina e da ilha em particular, limitar-me-ei a registrar, citando alguns dados, a progressão que se tem operado na da cidade do Desterro. Segundo La Pérouse, em 1785 ella era de 1.000 individuos; em 1803, passou a ser, diz Krusenstern, de 3.000 homens livres e alguns escravos; em 1824, a população do Desterro elevava-se, conforme Duperrey, a cerca de 6.000 almas, e, finalmente, em 1840, o presidente dava para a cidade e seu districto a população de 7.178 almas, numero que Aubé, sete annos depois, elevava para 7.812.

Desde a minha chegada ao Brasil ainda não tinha visto uma região tão aprazivel como a da cidade do Desterro e seus arredores. O porto, situado a igual distancia das duas extremidades da ilha, na direcção de noroeste a sueste, é mais ou menos semi-circular. A cidade acompanha os contornos das margens. Defronte, fica-lhe o canal que parece formar uma bahia. Por todos os lados elevam-se collinas e morros de fórmias varias e que,

(9) *Voyage Coquille, hist.*, 58.

dispostos em diversos planos, offerecem aos nossos olhos um agradável conjunto de côres brilhantes e vaporosas. A ponta que limita o porto pelo lado do sul é revestida de florestas verde-escuras: mais distante, divisam-se morros cujas encostas foram cultivadas e cujas summidades permanecem coroadas de arvores e recebem a luz suave do sol poente; do lado opposto, ao norte, a ponta de S. João, pouco elevada e em parte revestida de grama, empresta a sua graça á paisagem; ao longe, defronte da cidade e ainda mais além, para o lado do sul, ficam situados diversos morros que se avistam atravez da nevoa. O azul do céo não é tão carregado nem tão esplendente como o do Rio de Janeiro, mas é purissimo e se casa com a côr cinzenta das montanhas que, a grande distancia, barram o horizonte. Os morros não são muito altos nem o canal bastante extenso para emprestar magnificencia á paisagem. A natureza não ostenta essa pompa com que, por vezes, se engalana nos tropicos; ella é encantadora e agradável como no sul da Europa, na Madeira ou em Lisbôa.

A cidade de Santa Catharina, tambem chamada do Desterro, tem grande extensão e pouca largura.

Comparadas com as das outras cidades do Brasil, suas ruas são estreitas, mas, em geral, bem ali-

nhadas (10). São pavimentadas unicamente de frente das casas, e, como as de Paranaguá e S. Francisco, não são lamacentas, devido á natureza arenosa do solo.

As casas, edificadas de tijolo ou de pedra, caídas e cobertas de telha, são, em sua maior parte, bem conservadas e maiores que as das vilas do interior, existindo muitas de um andar, envidraçadas e construídas com muito gosto. Estive nas residencias dos principaes habitantes da cidade e as encontrei bem mobiladas.

A cidade é dividida em duas partes desiguaes por uma grande praça que occupa quasi toda a sua largura e se estende, em suave declive, até a praia. Essa praça tem a forma de um quadrilongo, é gramada e mede cerca de noventa passos de largura por trezentos de comprimento, da praia á igreja parochial, onde termina.

A igreja, dedicada á Nossa Senhora do Desterro, prejudica a regularidade da praça, pois não tiveram o cuidado de localizal-a a igual distancia das duas fileiras de casas situadas em ambos os lados e deram-lhe uma posição obliqua em relação á praia.

(19) Estou neste ponto de accordo com Pizarro e Léonce Aubé (*Mém. hist.*, IX, 374: — *Notice*, 24). Casal enganou-se ao dizer que as ruas da cidade de S. Catharina são tortuosas (*Corogr.*, I, 196).

Aliás, ella é grande e possui duas torres, parecendo-me, entretanto, que a altura do edificio não está em proporção com a sua largura. Chega-se até ali por um plano inclinado ladeado por dois muros de apoio e que vae terminar num pequeno terraço em forma de meia lua. No começo dessa subida existe uma alta palmeira cujas folhagens elegantes, agitadas pela mais branda viração, contrastam com a immobildade do edificio a que ella foi consagrada. No interior, a igreja é muito clara, afigurando-se-me, porém, menos limpa do que em geral são as igrejas do Brasil (1820). Conteei cerca de quarenta e dois passos do altar da capella-mór até a porta. Os altares que ladeiam, em posição obliqua, o altar-mór, são mais bem ornamentados do que este ultimo. Além daquelles, ha mais dois altares lateraes e duas ricas e vastas capellas.

Existem ainda em Santa Catharina outras igrejas de menores proporções, sendo a mais notavel a do Menino Deus, construida sob os auspicios de Joanna Gomes de Gusmão, irmã do celebre paulista Alexandre de Gusmão (11). Essa igrejainha fica situada pouco distante da cidade, na extremidade dos altos morros que demoram a leste e se prolongam de norte a sul, formando a ponta meridional

(11) Pizarro, *Mem. hist.*, III, 77.

do porto. Isolada, circumdada de arvores, edificada á meia encosta, num terraplano, a igreja do Menino Deus contrasta, pela brancura de suas paredes, com o verde escuro da vegetação vizinha; não só ella produz na paisagem o mais pittoresco effeito, como ainda do terraço que se estende na sua frente, goza-se de uma vista encantadora que nos proporcionam a cidade, os apraziveis campos que a contornam, o canal e os morros proximos. O interior da igreja do Menino Deus é bellissimo, muito limpo e ornamentado com muito gosto.

Junto a essa igreja existe um hospital, onde, por esse tempo, se achavam em tratamento os militares da guarnição, destinando-se, porém, mais habitualmente, aos doentes pobres da localidade, e sendo mantido com as esmolas dos fieis e uma subvenção annual do governo. O hospital tem apenas um pavimento e oito janellas na frente (1820); mas, possui a grande vantagem de ter o ar continuamente renovado pelos ventos, bem como de achar-se localizado no alto e distante da cidade, cujos habitantes ficam assim ao abrigo de todo o contagio. Foi um homem de grande valor, o governador Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Homem, quem, no ultimo quartel do seculo passado, fundou, com o nome de Hospital de Caridade, o hospital do Menino Deus. Infelizmente, porém, a

subvenção concedida pelo governo para a manutenção dos doentes era apenas de 300\$000 e as contribuições dos fieis muito diminutas, de modo que, durante certo tempo, não havia nem mesmo com que manter um medico (12). Presentemente, o governo provincial concorre com maiores recursos para essa casa de caridade; assim mesmo, ainda em 1844 o presidente da provincia lamentava a situação precaria e a deficiencia desse estabelecimento, pintando-as com as mais tristes côres (13).

Além da igreja parochial, acham-se situados na praça o palacio do governo e a casa da camara. O primeiro desses edificios é uma casa de aspecto pesado, de um andar, com cinco janelas na frente e que nada tem de notavel. A casa da camara é mais ou menos quadrada e maior que as das villas do interior; tem um andar para o qual se sobe por duas largas escadas, defronte uma da outra. O pavimento terreo, segundo o uso, serve de prisão.

O quartel, um dos principaes edificios da cidade do Desterro (1820), é vasto e tem por cima da entrada um pequeno pavilhão. Comquanto seja dotado apenas de um pavimento, pôde conter commoadamente 1.500 homens. Os soldados portuguezes

(12) Pizarro, *op. cit.*, IX, 313.

(13) A. J. Ferreira de Brito, *Falla* de 1.º de março de 1844, 17.

que o occupavam ao tempo de minha viagem, não tinham leitos; dormiam em commum em *tarimbas*, especies de mesas compridas, onde collocavam os seus colchões e cobertores, uns ao lado dos outros, como se pratica nos nossos corpos de guarda. O lado do quartel, voltado para o mar, fica occulto pelas casas, enquanto o lado opposto dá para uma grande praça gramada, onde os soldados costumavam fazer exercicios (14).

Desterro, cidade maritima e commercial, não é deserta como as villas e povoações do interior. Quando de minha passagem por ali, encontrava-se ordinariamente uma duzia de pequenas embarcações tanto no seu porto como no de Santa Cruz, e o canal era, de continuo, atravessado por canoas, que, principalmente pela manhã, conduziam generos para a cidade.

(14) Depois de minha viagem, realizaram-se na cidade do Desterro embelezamentos e melhoramentos diversos, e projectam-se muitos outros. Foi reparada a fachada da igreja matriz; dois pequenos jardins substituiram os depositos de lixo ontr'ora existentes nas vizinhanças dessa igreja; construíram um predio para a thesouraria, um arsenal, um matadouro, um cemiterio e muitas pontes; crearam um asylo annexo ao hospital do Menino Deus, destinado ás crianças abandonadas; arborizaram as proximidades da casa onde se realizam as sessões da assembléa legislativa, etc. (V. as *Fallas* do presidente Ferreira de Brito, especialmente a de 1847; a *Colonisation*, de Van Lede, 334, e o *Dicc. do Brazil*, I, 326).

A partir do Rio de Janeiro, em nenhuma outra parte, exceptuando S. Paulo, vi lojas tão bem sortidas e em tão grande numero como em Santa Catharina. Os negociantes fazem as suas compras na capital do Brasil e a rapidez da viagem permitte-lhes ter nos seus estabelecimentos mercadorias sempre novas (15).

Os seus principaes generos de exportação em 1820 eram os seguintes: — farinha de mandioca, arroz, azeite de baleia, cal, feijão, milho, *mandobis* (*arachis hypogea*), melado, madeira de construcção e de marcenaria, couro, louças de barro, peixe salgado, tecidos de linho, e tecidos de canhamo e algodão (riscado). Elevava-se a 100.000 alqueires (40.000 hectolitros) a quantidade de farinha de mandioca embarcada annualmente nesse porto; a 1.000 pipas portuguezas a de aguardente; de 4 a 5.000 varas (440 a 550 metros) a de tecidos de linho, e de 3 a 4.000 a de riscados. Santa Catharina tambem exportava um pouco de assucar, grande quantidade de alho e cebolas, 400 a 500 arrobas de café (5.898 a 7.373 kilogr.) e um pouco de pol-

(15) Diz Luccock que os commerciantes de S. Catharina alliam muita probidade ao seu espirito especulativo (*Not. in Brazil*). Creio que nesse ponto a opinião de Luccock merece fé, pois elle tambem era negociante e fez transacções commerciaes com a praça da cidade do Desterro.

vilho. Parece que actualmente os generos exportados são quasi os mesmos de 1820, ou, melhor, com a differença de alguns a menos (16).

Nada mais lindo que os arredores de Santa Catharina ou Desterro. Os morros que, conforme já disse, dominam a cidade do lado de leste, ainda se acham coroados de matta virgem, em meio da qual se destacam blocos de rochas; por toda parte o terreno foi desbravado e se acha cultivado ou coberto de capoeiras. Nas vizinhanças da cidade estabeleceram-se lindas chacaras e mais longe, dispersos aqui e ali, encontram-se numerosos sitios. Emquanto nas provincias mais povoadas do interior caminha-se muito tempo sem nada encontrar-se que indique a presença do homem, aqui deparam-se-nos a cada passo casinhas cercadas de prodigiosa quantidade de laranjeiras, tendo ao lado uma roça de mandioca. Os terrenos dependentes de cada sitio e que dão para os caminhos de comunicação para a cidade ou para as outras propriedades, são vedados por sebes de limoeiros. Essas cercas vivas não possuem a côr suave do pilriteiro; entretanto, o seu verdor não é muito sombrio, nunca se desfolham como as nossas, e embalsamam o ar com o perfume das suas flôres e das suas folhas. Num

(16) *Falla*, etc., de 1.º de março de 1841, 13. — Aubé, *Not.* 40.

raio de cerca de uma legua ao redor da cidade, os caminhos são largos, e quasi todos planos e cobertos de areia. No campo tudo é animado; a todo instante encontram-se lavradores, como nos arredores das cidades europeias, e os aspectos variam a cada momento. Ora, avistam-se, atravez dos ramos das arvores, as aguas do canal e os morros que se elevam ao longe; ora, a cidade, ou a capella do Menino Deus, ou os morros que orlam as margens da bahia; aqui, uma chacara serve de perspectiva; mais além, apparece um sitio pittoresco contornado de bananeiras e laranjeiras carregadas de fructos. As plantações são feitas com menos symetria ainda que em outras regiões do Brasil; não se encontram duas laranjeiras nem dois pés de mandioca plantados na mesma linha. Mas, essa desordem, que, aliás, attesta o desleixo dos lavradores, produz na paisagem effeitos agradaveis, podendo-se comparar a ilha de Santa Catharina a um vasto jardim inglez.

Cada sitio se compõe de uma casa construida de barro e páos cruzados, sendo, porém, coberta de telhas, caiada e bem conservada. Os moveis não são mais communs do que nas pequenas habitações do interior e consistem geralmente em alguns tamborettes, u'ia mesa e uma esteira em que as mulheres trabalham acoradas e tambem toda a familia faz

as suas refeições. Não existe um sitio em que se não encontre um tear para o fabrico de pannos, genero de industria de que participam todas as familias (17).

A população da ilha de Santa Catharina e mesmo de toda a provincia, é, na sua maioria, originaria das ilhas dos Açores. O numero de negros é, como já tive occasião de dizer, muito pequeno, e o de mulatos é ainda menor (18). Os homens são de estatura meã e geralmente magros, e os do campo, de tez amorenada. A mór parte destes e dos cita-

(17) Razão provavelmente por que se affirmou que existiam no Desterro manufacturas de linho e algodão (*Voyage Coquille, hist.*, 75).

(18) "O reduzido numero de negros libertos que existe em S. Catharina, diz um dos nossos mais illustres navegadores, após sua curta permanencia nessa illha, deve a sua liberdade ao arrependimento e á superstição. E' no leito da morte, martyrizado pelo temor da justiça divina, que o senhor de escravos se torna capaz de um pensamento generoso; sómente então renuncia o exercicio de um poder mantido pela força e reconhece no seu proximo um ser sabido, como elle, das mãos do Creator." (*Voyage Coquille, hist.*, 58). — Os brasileiros estão habituados desde a infancia a vêr escravos em torno de si, e os mais virtuosos nem sequer suspeitam que possa haver algum mal em possuir um negro. Elles libertam os seus escravos em signal de reconhecimento, como concedemos pensões aos domesticos que nos serviram fielmente, e as mais das vezes para se desembaraçarem dos que com a vellicez, se tornaram inúteis. E' sabido, aliás, que os habitantes do Brasil tratam geralmente os escravos com muita brandura. Consultem-se sobre este assumpto, o que escreveram Gardner (*Travels*, 19) e H. Blumenau (*Siid Brasilien*, 23), e a minha *Voyage aux sources de S. Francisco*, I, 111.

dinos nascidos na ilha, têm as arcadas zygomáticas muito pronunciadas; mas, o seu rosto estreito, o seu nariz alongado e o seu cabello fino provam fartamente que elles não são productos da mestiçagem de sangue indio com sangue caucasico.

As mulheres são muito claras, possuem bellos olhos, cabellos negros e tez rosada. Ellas não se escondem dos homens e correspondem ás saudações que se lhes fazem. Já tive o ensejo de alludir á rigidez das mulheres do interior; essas, na rua, caminham lentamente, umas atraz das outras, sem voltar a cabeça para a direita ou para a esquerda e sem fazer o menor movimento. As de Santa Catharina são desembaraçadas e, ás vezes, graciosas. Como em Minas (1820), muito raramente vão ás lojas fazer compras; quando, porém, saem á rua, em grupos, andam sempre umas ao lado das outras e não se acanham em tomar o braço dos homens e ir para os arrabaldes, a passeio. Não usam capas nem mantilhas e trajam com mais decencia e com mais gosto do que as mulheres do interior.

As mulheres mais ricas da cidade acompanham a moda do Rio de Janeiro, que é a mesma da França.

As mulheres do campo, que não trabalham fóra de casa e em nada se parecem com as nossas camponozas, não andam, como as de Minas, com as

espaduas e o peito descobertos; todas, sem excepção, usam vestidos de indiana ou de musselina e chale de seda ou de algodão, e prendem com um pente os cabellos ao alto da cabeça, ornamentando-os com flôres naturaes. Durante a semana andam de chinellos; aos domingos, porém, calçam meias e nos dias de festa são rarissimas as que vão á missa sem sapatos de damasco (1820) (19). Engana-se, entretanto, quem supponha que esse luxo seja indicio de riqueza ou, pelo menos, de bem estar. Essas mulheres, na verdade, ganham algum dinheiro com o producto do seu trabalho; a qualquer hora do dia que se passe pelas suas casas ouve-se baterem o algodão. Ellas fiam e tecem. Mas, empregam o que ganham na satisfacção do seu gosto pelo vestuario e pelos enfeites. Dest'arte, grande numero de familias de lavradores vive na miseria e alimenta-se exclusivamente de farinha de mandioca, de peixe cosido na agua (20) e de laran-

(19) Parece que, de 1826 a 1831, segundo o relato de Barral (*Not. S. Cath.*, in *Ann. marit.*, 1833, II), a moda feminina na ilha de S. Catharina não passou por grandes modificações.

(20) "Não é possível, diz Van Lede (*Col.*, 164), fazer-se idéa da grande quantidade de peixes que pullulam nas proximidades de S. Catharina e nos rios e lagoas dessa ilha." Segundo Mawe, podia-se em 1807, com um scheïling, comprar peixe sufficiente para o repasto de doze pessoas (*Travels*, 48). Todos os navegadores são concordes em dizer que em S. Cath. se pôde obter viveres com pouco dispendio.

jas, fructas tão abundantes na ilha, que nenhum proprietario se dá ao incommodo de prohibir que os transeuntes as colham de suas arvores (21).

Os homens mais abastados da cidade vestem-se bem. Quanto aos do campo trajam-se em completo desaccôrdo com o luxo das suas mulheres; em todo o caso, melhor do que os habitantes de Guaratuba e S. Francisco. Usam communmente sapatos e chapéo de feltro, calças de tecido de algodão e véstia muito limpa de indiana ou de panno grosso. Os que pertencem á milicia deixam crescer a barba (1820).

As mulheres da ilha de Santa Catharina têm no lar uma autoridade de que não gozam as do interior. Os maridos e os amantes privam-se de tudo em favor das suas esposas ou das suas concubinas, e em nenhuma parte existe como ali tão grande disparidade entre a *toilette* das mulheres e a dos homens, ou o mobiliario das casas. Nos domingos e dias de festa tem-se a impressão de que todas as moradoras dos arredores da cidade são donas, ao passo que os maridos, pela maneira de trajar-se, mais se parecem criados de suas mulheres.

(21) Diz Barral que em S. Cath. o café occupa o lugar de outras bebidas (*Not. S. Cath.*, in *Ann. marit.*, 1833, II, 335), tal é, sem duvida, o uso frequente que os habitantes dessa região fazem do café.

Os lavradores da ilha de Santa Catharina incontestavelmente não têm a actividade dos camponezes da França ou da Allemanha; assim mesmo, afiguraram-se-me muito mais laboriosos do que os das regiões do interior. Como os negros são raros, sobretudo no campo, e a população branca é pobre e numerosíssima, esta não acha que seja deshonra cultivar a terra com as suas próprias mãos, e são os brancos quem no Desterro exerce todos os misteres. Numa parte da provincia de Minas, onde a brancura da pelle estabelece uma especie de nobreza e onde os homens de côr são os que trabalham, constituem estes a classe popular. Em Santa Catharina essa mesma classe se compõe de brancos, e a gente da camada verdadeiramente inferior tem costumes mais ou menos tão baixos como os homens de igual esphera social nos paizes povoados pela raça caucasica.

Acostumados, desde a infancia, a expôr-se, em frageis canoas, aos perigos do mar agitado, os habitantes da ilha de Santa Catharina têm, por assim dizer, o oceano como o seu elemento, e são optimos marinheiros. O seu gosto particular e o temor do serviço militar decidem-n'os a embarcar em avultado numero, resultando dahi a circumstancia de haver na ilha mais mulhereç do que homens.

Essa desproporção e o amor excessivo das mulheres pelo luxo tornaram a prostituição muito comum, e o *juiz de fóra* em exercício, quando ali estive, assegurou-me que o senado da camara do districto despendia quasi toda a sua renda na educação de crianças enjeitadas. Depois de 1820, operaram-se algumas mudanças para melhor na ilha de Santa Catharina; não, infelizmente, naquelle sentido, pois em suas *fallas* á assembléa legislativa, de 1841, 42 e 44, o presidente da provincia, sr. Antero José Ferreira de Brito, queixava-se amargamente das despesas que todos os annos o governo era forçado a fazer com a manutenção de crianças expostas (22).

Situada em grande parte, a leste da cordilheira (Serra do Mar, Serra Geral), a provincia de Santa Catharina pertence tambem, quasi inteiramente, á *região das florestas* (23); basta dizer que, á excepção dos lugares baixos e inundados pelas aguas do mar, a ilha do mesmo nome era primitivamente coberta de matta virgem.

(22) *Falla* de 1.º de março de 1841, 5; — de 1.º de março de 1842, 12; — de 1.º de março de 1844, 17.

(23) A villa de Lages e seu districto não se acham comprehendidos nessa região, sendo necessario para chegar-se ali, partindo do litoral, transpor a Cordilheira Marítima.

Como reine igual temperatura sob o mesmo meridiano numa extensão muito maior á beira mar do que longe dali, a vegetação tem, por isso, muito mais uniformidade no litoral do que nas terras do interior. O que se observa na ilha de Santa Catharina confirma essa verdade. Quando cheguei a Curitiba, já fazia muito tempo eu não via as plantas que encontrara no Rio de Janeiro, ao passo que cerca da metade ou dois terços de vegetaes que observei em florescencia na ilha de Santa Catharina (27 de abril — 18 de maio) pertenciam á Flora da capital do Brasil. Entre as especies vulgares, poderei citar a *Sophora littoralis* (feijão da praia), uma avicennia, uma scrophulariacea, etc. Uma infinidade de insectos é commum ás duas regiões, e muitos passaros, sobretudo as pequenas especies, existem igualmente em Santa Catharina e no Rio de Janeiro. Note-se, entretanto, que aqui a differença de estações é muito mais sensivel do que em qualquer gráo ao norte do tropico do Capricornio. Observei em Santa Catharina, nos mezes de abril e maio, um numero muito menor de plantas em florescencia do que poderia encontrar na mesma época do anno nos arredores da capital do Brasil.

Os valles e as vargens são muito fertcis, já não acontecendo o mesmo com os morros, cujo solo pedregoso, como já tive occasião de dizer, se torna,

dia a dia, menos favoravel á cultura, devido á sua forte declividade por onde as aguas pluviaes arrasam para os valles o humus vegetal de que elles se revestem e não são renovados artificialmente.

Se bem que o clima de Santa Catharina seja bastante temperado, podem-se, todavia, cultivar nessa ilha as mesmas plantas que se cultivam nos tropicos, visto a sua vegetação espontanea ser tambem tropical. Ali, entretanto, a canna de assucar é menos doce do que a cultivada na zona torrida, e, por isso, quando de minha viagem, empregavam-na principalmente no fabrico da aguardente (24). O algodão é de fibras curtas, de qualidade inferior e só o plantam para attender ás necessidades locais. As laranjas, apesar de communissimas, são pequenas e pouco assucaradas (25). A banana e

(24) Aubé informa-nos que os pequenos lavradores de S. Cath. não queriam de modo algum, em 1847, plantar a canna de Tahiti, vulgarmente conhecida por canna cayana (*Saccharum Taitense*, var. da *Officinarium*), que de muito tempo se vinha cultivando na provincia do Rio de Janeiro. Custaria a crêr nesse facto se o escriptor que citamos não fosse de uma exactidão a toda a prova. — Chamava-se José Narciso de Magalhães e Menezes, o general que transportou a canna de Tahiti, de Cayenna para o Brasil. Foi elle quem, durante a guerra do imperio, occupou a colonia de Cayenna em nome do principe regente de Portugal (Abreu e Lima, *Synopsis*, 293).

(25) Duperrey é da mesma opinião (*Voyage Coquille, hist.*, 69); e, se alguns viajantes acharam deliciosas as laranjas de S. Cath., é provavelmente porque as compararam com as da França ou da Inglaterra.

o café são de optima qualidade. Segundo me informaram, parece que, pelo menos em alguns lugares, a geada todos os annos prejudica os productos da terra (26), principalmente o café, motivo por que achavam conveniente introduzir alguma modificação na póda dos caféeiros (27).

Sendo as terras da ilha muito divididas e tendo os pastes pouca extensão, o gado ali existente é em quantidade minima e muito caro relativamente aos preços correntes no planalto, em Curitiba e Cam-

(26) Estive em S. Cath. em abril e maio; assim, não posso dizer de sciencia propria o que se passa em junho e julho, os mezes mais frios do anno. Langsdorff assegura qm durante o inverno o thermometro não vae abaixo de 10 graus Réaumur; mas, esse sabio esteve em S. C. nos mezes de dezembro e janeiro (*Bemerkungen auf einer Reise*, I. 34), e não lhe dariamos credito se as suas asserções não fossem confirmadas por Aubé, que permaneceu dois annos em S. Cath. (*Not.* 4,40). H. Blumenau, no seu interessante opusculo *Süd brasilien*, regista para o inverno a mesma temperatura registada por Langsdorff e Aubé, acrescentando, porém, que no continente, em zona pouco afastada do litoral, geou intensamente no inverno de 1846.

(27) Plantavam-se outr'ora em S. C. nopal, trigo e canhamo, sendo mais tarde abandonadas essas culturas. Diz Van Lede que tambem se deixou de plantar o linho, o que não contesto; entretanto, pergunto como é que se encontra a semente desse vegetal no numero dos artigos que o mesmo escriptor dá como exportados nos annos de 1838 a 1839? Acrescenta Van Lede que o mate (*Ilex Paraguariensis*) nasce espontaneamente nas florestas de S. Catharina. Diz o mesmo autor que se tentara com exito o plantio do chá, e, finalmente, segundo A. J. Ferreira de Brito, ensaiara-se com igual exito a cultura da amoreira (*Col.* 145, 147, 280; *Falla* de 1.º de março de 1844, 37).

pos Geraes. As rezes abatidas no Desterro vêm do Rio Grande, pelo litoral (1820).

Como já tive o ensejo de dizer, os arredores da cidade de Santa Catharina foram desbravados, encontrando-se matta virgem unicamente nas summi-dades dos morros; mas, acredito que nessa parte da ilha ainda não attingam a um decimo as terras aproveitadas na lavoura. De tanto plantarem nos mesmos lugares, sem nunca estrumar-os, enfraqueceram o solo e por toda a parte encontram-se taboleiros de relvas e capoeiras enfezadas. Por isso, os habitantes se queixam de que não haja mais terras na ilha e muitos vão procural-as no continente. Entretanto, como vivem muito perto uns dos outros e mantenham entre si estreitissimas relações, uma familia só se decide a deixar o lugar quando é acompanhada por outras, circumstancia que tende a tornar as emigrações muito mais raras do que em Minas.

Do que acabo de escrever sobre a ilha de Santa Catharina, conclue-se que a mesma cada vez mais se empobrece, visto a sua população augmentar incessantemente; as terras vão diminuindo a sua producção, devido ao rotineiro systema agricola seguido tanto nessa como nas demais regiões do Brasil, e, finalmente, o dinheiro proveniente da exportação logo se consome na acquisição de objectos

de luxo que vêm de fóra e se renovam continuamente, ou na compra de escravos que também se importam e, na maioria, não se multiplicam. O início da decadência de Santa Catharina data já de alguns annos atraz. Antes, existiam em toda a provincia 288 engenhos de assucar; em 1797 havia apenas 256 (28); em 1820, exportava-se muito pouco assucar e hoje esse genero não mais figura entre os que a provincia ainda remette para fóra (29). Muito embora o abandono das armações não tenha exercido grande influencia na economia da provincia, porque a diminuição da pesca já vinha de longo tempo e se foi operando progressivamente, é fóra de duvida, entretanto, que na época em que as mencionadas armações eram florescentes, havia maior riqueza, os habitantes das vizinhanças ganhavam bons salarios e o transporte de azeite de baleia fomentava a cabotagem. Outr'orá extrahia-se e exportava-se para Montevidéo grande quantidade de succo de limão, tendo, quando de minha viagem, desaparecido por completo essa pequena industria. Nestes ultimos annos, a guerra civil que assola a provincia do Rio Grande do Sul veio augmentar a miseria reinante na ilha de Santa

(28) Pizarro. *Mem. hist.*, IX, 283.

(29) A. J. Ferreira de Brito, *Falla* de 1.º de março de 1841, 13.

Catharina, diminuindo as suas relações commerciaes já tão pouco importantes (30).

Os algarismos, porém, são mais significativos que todos esses factos. Em 1820 avaliava-se o valor das mercadorias salidas annualmente pelo porto de Santa Catharina, em 200:000\$000 ou, ao cambio de 160, em 1.250.000 francos.

De 1837 a 1838, a exportação foi de 215:137\$771, ou 687.341 fr. ao cambio de 313.

De 1838 a 1839, foi de 293:252\$968, ou 916.415 francos ao cambio de 320.

Assim, ao passo que, de 1824 a 1840, a população da provincia de Santa Catharina augmentava na proporção de 1 para 1,45, a exportação, mais ou menos no mesmo periodo, diminuia na de 1 para 0,73.

Já em 1822, José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo deplorava que a provincia de Santa Catharina, tão favorecida pela natureza, não se achasse em situação mais florescente e attribuia tanta precariedade ás tres causas seguintes: 1. — á falta de estradas; 2. — ao serviço a que condemnavam os milicianos, obrigando-os constantemente a abandonar as suas roças e as suas familias; 3. — ao habito da administração comprar sem pagar ao

(30) Léonce Aubé, *Not.*, 40.

agricultor os productos da sua lavoura. E' de crêr que, sob o regimen constitucional, esse abuso tenha cessado. Foram projectadas e abertas algumas estradas; mas, até o presente, apesar do interesse tomado pela administração provincial, nenhum melhoramento sensível se observa nesse sentido (31). Quanto ao serviço dos milicianos, é de suppôr que se não tenha tornado menos penoso, visto os rebeldes do sul continuarem a ameaçar as fronteiras da provincia e a prudencia aconselhar que se as mantenham sob vigilancia para qualquer eventualidade. Se não existissem todas essas causas de decadencia, restaria ainda uma, que já assignalei mais acima e é necessario fazer desaparecer, sendo de acreditar que da mesma se não tenha cuidado: — o systema agrícola adoptado pelos brasileiros e do qual até agora Santa Catharina não se desembaraçou. Esse systema, por mais barbaro que seja, não apresenta tão grandes inconvenientes na parte da provincia situada no continente, porque existem ahi enormes tratos de terras incultas e pôde-se, como em Minas, abandonar o terreno que já não produz, para ir mais adiante queimar outra porção de matta virgem. Não acontece o mesmo na ilha de Santa Catharina, da qual particularmente aqui

(31) Léonce Aubé, *Not.*, 37.

nos occupamos e onde o terreno ha muito tempo foi desbravado, sobretudo nos lugares que, pela sua fertilidade, promettiam abundantes colheitas. E' verdade que nessa ilha não se póde utilizar o arado com vantagem, por se acharem as terras muito divididas e o solo ser de natureza montanhosa; a população, porém, é muito densa e podia empregar no preparo da terra a pá ou a enxada, como na Limagne, por exemplo. O essencial, em summa, é que retornem ás terras abandonadas, cujo solo não volta a cobrir-se de florestas; que depois de lavradas ou revolvidas, as fertilizem, e que, para esse fim, fabriquem adubos e estudem o systema dos afolhamentos. A rotina, favorecida por uma indesculpavel indolencia, tem-se opposto até hoje á adopção dessas medidas beneficas; prefere-se emigrar a renunciar ás praticas tomadas ás hordas selvagens. Talvez seja inutil aconselhar; mas, se o governo, instituindo premios, estimulasse os habitantes da ilha de Santa Catharina a adoptar processos de cultura mais racionaes que os seguidos até agora, e a utilizar-se de adubos, indubitavelmente a agricultura prosperaria nessa região e dentro de pouco tempo o Estado seria resarcido, pelo augmento das suas rendas, de pequenos sacrificios que viesse a fazer. Premios offerecidos com o mesmo fim, aos colonos do interior, não produziriam

provavelmente nenhum resultado, pois que, de posse de grandes extensões de terras, elles não têm interesse immediato em mudar de methodo e as sommas que razoavelmente lhes fossem concedidas, não lhes compensariam o sacrificio que teriam de fazer, abandonando os seus habitos e a sua preguiça. Na ilha, onde o premio incitaria o lavrador a renunciar processos nocivos, essa medida produziria desde logo os effeitos desejados.

No tempo em que o seu solo ainda se achava coberto de florestas sombrias, um denso nevoeiro envolvia a ilha de Santa Catharina. Emanações insalubres elevavam-se da terra humida em que apodreciam montões de detricos de innumerous vegetaes. Nuvens de mosquitos obscureciam o ar e os navegantes que aportavam a essa ilha arriscavam-se a contrahir febres e dysenterias (32). A' medida que foram abatendo as mattas, o solo ficou mais secco, as poças d'agua foram desapparecendo e o ar se tornou mais puro (33). Quando de minha viagem, o clima de Santa Catharina era bem saudavel e deverá sel-o agora muito mais, desde que restos de baleias (34) não apodrecem, como

(32) R. Walter, *Voyage Anson*, 42/46.

(33) *Feldner, Reisen*, I, 163.

(34) *Pizarro, Mem. hist.*, IX, 216.

outr'ora, nas angras que recortam o litoral da ilha. Não exaggeremos, entretanto, a salubridade do clima de Santa Catharina; as dysenterias grassam ali com frequencia e parece que não são raros os casos de morphéa (35). E' possível, aliás, que as dysenterias sejam provenientes da grande quantidade de laranjas verdes que os habitantes comem, e nesse caso não devemos accusar o clima, mas a gula, contra a qual aos medicos e aos padres cumpre combater por meio de judiciosos conselhos (36).

(35) A. J. Ferreira de Brito, *Falla* de 1.º de unção de 1847.

(36) O surto frequente das dysenterias está bem comprovado (V. Langsdorff, du Petit-Thouars, Sigaud), para que se possa polo em duvida; mas, não se lhe accrescente o cholera, como o fez Lesson (*Poyage médical*, 8), que parece ter copiado R. Walter, que não merece fé, pois elle passou poucos dias em S. Catharina e provavelmente não conhecia a lingua do paiz. Por outro lado, a informação de H. Blumenau, no seu valiosissimo opusculo já citado, de que a dysenteria é desconhecida no Brasil meridional, é, sem duvida, referente á provincia do Rio Grande do Sul.

CAPITULO V

ESTADA DO AUTOR NA CIDADE DO DESTERRO

O governador João Viera Tovar de Albuquerque; reflexões sobre as capitãncias geraes — O juiz de fôra; leis portuguezas — Um casamento — O batalhão portuguez da guarnição de Santa Catharina — Uma visita ao hospital — Louças de barro — A festa pelo anniversario de el-rei — Optimo acolhimento; o brigadeiro Felix XXX; o marechal Joaquim de Oliveira Alvares.

A O chegar ao Desterro pernoitei, como disse, na residencia do sr. Diogo Duarte da Silva, thesoureiro da junta, a quem, porque tivesse residido muito tempo na America hespanhola, chamavam commummente *dom* Diogo (1). No dia seguinte pela manhã fomos, o meu hospedeiro e eu, á embarcação que me havia conduzido e cujos tripulantes aguardavam impacientes a minha volta.

Dahí, fui, em companhia de d. Diogo, visitar o governador da provincia, sr. João Tovar de Albuquerque, que achou desnecessario examinar os meus

(1) E' habito, no Uruguay, dar-se a todas as pessoas o titulo de *dom*; ninguem o tinha no Brasil e, entre os portuguezes, só os nobres, muito pouco numerosos, podiam usal-o. E', pois, erroneamente que muitos autores dão esse titulo a quasi todos os brasileiros ou portuguezes abastados ou que exerçam um cargo publico. Os que escrevem sobre o Brasil não deviam esquecer-se de que os seus habitantes tem uma nacionalidade propria, nem attribuir-lhes a lingua e os costumes dos seus vizinhos. A população do Rio Grande, por exemplo, ficaria pouco lisonjeada se a confundissem com os castelhanos.

papeis e me recebeu amavelmente (2). Era um homem activo e alegre, mas sem traquejo social. Fôra coronel de cavalaria e servira na Europa contra os francezes e no Rio da Prata contra os hispano-americanos. Tendo perdido um braço em combate, solicitou a sua reforma e deram-lhe em recompensa o governo de Santa Catharina. —

(2) O almirante Roussin tambem se manifestou muito satisfeito com o acolhimento que lhe dispensou Tovar de Albuquerque (*Pilote du Brésil*, 7). — S.-H. — Diz Vasconcellos Drummond nas annotações á sua biographia, que ao tempo de sua estada em Santa Catharina, era governador o coronel João Vieira de Tovar e intendente de marinha o capitão de mar e guerra Miguel de Souza Mello e Alvim. "Tão ignorante, estouvado e brutal era o governador, como intelligente, circumspecto e polido o intendente. Tovar era de uma familia de Portugal, bem nascida. Tinha mais quatro irmãos. Veio para o Brasil na divisão de voluntarios reaes, commandada por Lecór, era então major de cavallaria do regimento n.º 4 de Portugal. Na campanha do sul perdeu o braço direito na batalha da India Morta, parece. Foi então mandado para S. Catharina na qualidade de commandante do deposito que ali se estabeleceu para os doentes do exercito, e se lhe juntou depois o governo da provincia por protecção do mosenhor Miranda, em substituição de d. Luiz Mauricio da Silveira que por muitos annos governou aquella provincia, dando o ordenado do lugar ao Freitas Coreunda, official maior da secretaria de marinha, para o sustentar no emprego, ficando elle com o fructo da corrupção em que governava. A Tovar, porque era incapaz, se lhe ajuntou Miguel de Souza, intendente de marinha e ajudante de ordens do governo, e deu-se instrucção a Tovar para que nada fizesse sem o conselho e approvação de Miguel de Souza. Tovar era limpo de mãos; no exercicio do governo alguns despropositos praticou, mas Miguel de Souza evitou muitos outros e deu uma forma regular ao governo da provincia." — N. do t.

Como perdera um braço na guerra, acharam que seria um bom administrador, dizia alguém maliciosamente. Quando Tovar chegou a Santa Catharina, reinava a maior indisciplina no seio da milicia, corporação de que até ali só se lembravam para obter dinheiro com a venda de patentes e concessão de licenças. Logo de início, o novo governador infligiu aos recalcitrantes penas severissimas e até illegaes, levantando queixas contra si; mas, conseguiu restabelecer a disciplina e formar na provincia quatro mil milicianos decentemente fardados e admiravelmente exercitados.

Sem duvida, Tovar dava grande importancia a tudo que concernia ás coisas militares. Sob o dominio portuguez, o cargo de governador de uma provincia ou capitania investia um mesmo individuo de autoridade simultaneamente militar e civil. Entretanto, como as attribuições de governador, na qualidade de chefe de tropas regulares e da milicia, tinham, as mais das vezes, menos importancia que as que lhe conferiam como administrador, seria mais logico e mais necessario que elle tivesse maiores conhecimentos da administração que da arte da guerra. Mas, sempre acontecia o contrario. Em geral, á frente das capitancias collocavam militares que geriam os negocios publicos com esse espirito absoluto e essa decisão adquiridos por ha-

bito com a disciplina militar. Elles menosprezavam as leis, que, aliás, lhes eram desconhecidas, occupavam-se exclusivamente de uniformes e de revistas, e tratavam os milicianos como soldados, desviando-os dos trabalhos agricolas para empregal-os em serviços inuteis, desgostando-os da terra e provocando com as continuas deserções o afastamento de chefes de familia — de suas mulheres, de seus filhos e de suas propriedades, em prejuizo da lavoura e do augmento da população.

Após a visita ao governador, d. Diogo levou-me á residencia do juiz de fóra (3). Esse magistrado achava-se nos Campos dos Goitacazes quando por ali passei. Reconhecendo-me, teve a gentileza de ceder-me a commoda casa de campo que habitualmente occupava, situada nas proximidades da cidade, num morro perto do mar.

Um dia em que fui visitar o meu hospede, serviu de thema para a nossa palestra a jurisprudencia portugueza. Como todos os que tinham alguma idéa sobre o assumpto, dissera-me elle que não existia coisa mais embrulhada e mais incerta que a legislação em vigor, encontrando-se os juizes constantemente embaraçados diante de uma infinidade

(3) A esse tempo, o dr. Francisco José Nunes, que depois foi nomeado ouvidor da Comarca de S. Catharina. — N. do t.

de leis contradictorias e proferindo, por isso, as suas sentenças de accôrdo com a sua consciencia, quando eram integros, ou com os seus interesses, quando eram corruptos, o que acontecia quasi sempre. O juiz de fóra tambem se queixara da intromissão dos governadores de capitancias nos domínios da autoridade judiciaria, declarando, ao mesmo tempo, que não havia leis que fixassem precisamente os limites dos differentes poderes. Certo era esse um dos mais graves defeitos da organização do paiz.

Além do juiz de fóra encontrei no Desterro outro conhecido — o coronel de engenheiros Antonio José Rodrigues, com quem, por varias vezes, me avistara no Rio de Janeiro. Esse official durante a minha estada na ilha de Santa Catharina, casou uma filha e teve a gentileza de convidar-me para assistir á cerimonia que devia realizar-se domingo, ás quatro horas da tarde. Compareci á casa do coronel minutos antes da hora marcada, surprehendendo-me de que, num paiz catholico, se escolhesse um domingo para a realização de casamentos. Fiquei ainda mais admirado quando, ao entrar no salão, vi um pequeno altar ornamentado com muito gosto, o que denunciava a escolha daquelle local para a celebração da cerimonia. Dentro em pouco, appareciam os noivos acompanhados

dos de alguns amigos intimos e do padre; este logo se parimentou e deu começo á benção nupcial, emquanto os noivos e os assistentes riam-se e conversavam como se estivessem na praça publica. Terminado o acto, retiraram o altar e o salão encheu-se de convidados, dando-se inicio ás dansas que foram assistidas pelo padre que effectuara a cerimonia e por outros ecclesiasticos. Compareceram á festa grande numero de cavalheiros — officiaes e empregados publicos — e cerca de quinze senhoras, todas bem vestidas e sabendo dansar com perfeição (4). Ellas não tinham a rispidez nem o acanhamento das mulheres de Minas. Os homens em gera' tornavam-se timidos na sua presença; mas se por acaso lhes dirigiam a palavra, ellas respondiam com desembaraço e com polidez. Tinham, entretanto, o mesmo defeito que sempre me desagradou nas mineiras — a voz um tanto rouca e aspera, particularidade que attribuo ao habito de mandar escravos.

(4) Barral, autor da importante carta acima citada, e o tenente da marinha russa Kotzebue, contam (*Not. em Les Annales maritimes*, 1833, II. — *Entdeckungs reise*, I, 106) que viram na provincia de S. Catharina dansar-se o *fandango*. Esse termo hespanhol é completamente desconhecido dos brasileiros (?); Barral e Kotzebue queriam, sem duvida, referir-se aos *batuques*, dansa obscena, emprestada aos negros e á qual já tive occasião de referir-me em obras precedentes.

Ao tempo em que estive em Santa Catharina, a ilha era guarnecida por um batalhão de 500 soldados portuguezes do 12.º regimento de linha. Eram todos homens feitos, de comprovada honestidade, e que, pela sua disciplina exemplar, faziam honra ao exercito portuguez. Que differença entre esses bravos militares e os soldados da guarnição do Rio de Janeiro, na sua mór parte composta de gente de cõr, engajada sem escolha, de compleição debil, que nada tinha de guerreira, e se entregava, por dinheiro, á mais vergonhosa devassidão! Todas as vezes que os soldados da guarnição de Santa Catharina obtinham licença, alugavam-se aos lavradores. Muitos delles combateram na França ou aqui estiveram como prisioneiros, fallando do nosso paiz com saudade. Os officiaes eram cortezes, bem educados e sabiam um pouco de francez.

Acompanhado do cirurgião-mór do batalhão, visitei o hospital do Menino Deus, improvisado, no momento, como disse mais acima, em hospital militar. As salas eram claras, mas o edificio tinha o inconveniente de ser muito baixo, e, por isso, em certos casos, não podiam abrir-se as janellas sem perigo para os doentes. Antes do estabelecimento tornar-se militar, todas as salas eram divididas por tabiques em determinado numero de

quartinhos destinados aos doentes; como, porém, o ar difficilmente se renovasse nesses recintos e não pudessem mantel-os bem limpos, o cirurgiãomór mandou retirar essas paredes divisorias. O estabelecimento achava-se bem conservado, nada faltava aos doentes e seguia-se á risca o regulamento interno que me pareceu excellente. Cada doente tinha o seu leito devidamente separado dos outros e sem cortinados, como devia ser-o num paiz de clima tropical. A' cabeceira de cada doente existia um quadro em que se achavam inscriptos o seu nome, o dia da entrada, etc. Feita a visita, o cirurgião prescrevia no respectivo quadro a posição que o doente devia tomar. As receitas eram designadas por numeros correspondentes aos das formulas constantes de um formulario geral. Após a visita, o enfermeiro recolhia os quadros. O almoxarife, ou economo, era quem comprava o necessario para o hospital, exigindo recibos dos commerciantes. Os seus livros deviam estar de accôrdo com as notas do enfermeiro.

Projectara-se a construcção de um hospital militar, afim de restituir aos pobres o estabelecimento que lhes pertencia. Já haviam determinado o local para o novo estabelecimento; mas, não poderiam ter escolhido outro sitio mais inconveniente, pois pretendiam construir o edificio junto da

caserna, na raiz dos morros, numa baixada em que o ar não circulava (5).

Durante a minha permanencia em Santa Catharina, realizei varios passeios. Como se aproximasse o inverno não tirei dessas excursões nenhum proveito para a botanica, visto não se me haver deparado uma unica planta em florescencia que eu já não conhecesse. Tive, porém, o prazer de admirar sitios encantadores.

Existe em Santa Catharina um genero de industria que lhe é peculiar: — o fabrico de vasilhas de barro em que a agua se conserva fresca, e que se exportam para o Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil. Dirigi-me, num dos meus passeios, a um dos lugares em que se fazem essas louças. Ellas são de côr vermelho-escura, lisas, reluzentes e de argilla finissima, sendo as mais communs uma especie de bilhas (moringues) de fórma arredondada, com aza e dois gargalos, um maior para encher-as de agua e outro menor pelo qual se bebe o precioso liquido. A outros vasos destinados ao mesmo fim, costumam dar fórmas mais elegantes, sendo, por isso, tambem utilizados como objectos de adorno. Todas essas louças são

(5) Esse hospital não foi construido e o do Menino Deus voltou ao seu primitivo destino.

feitas ao torno, com argilla côr de azeitona, extrahida do lugar denominado Cubatão (6), na terra firme. Depois de seccas á sombra, passam-lhes com um panno a solução de um barro vermelho tirado das margens do estreito que separa a ilha do continente (7); pulem-nas com uma pedra lisa e levam-nas ao forno.

Durante a minha estada no Desterro, festejaram o anniversario de el-rei d. João VI. Por essa occasião, todos os milicianos do districto foram obrigados a comparecer á cidade, com muitos dias de antecedencia, afim de serem passados em re-

(6) Dá-se tambem o nome de *cubatão* aos valles cujas terras, revestidas de grande quantidade de humus, são fertilissimas. — S.-H. — Segundo Lucas Boiteux (*Notas*), *cubatão* provem do guarany *iby antan* — terra montanhosa, e segundo Ermelino de Leão (*Dict. Hist. e Geogr. do Paraná*, p. 436), de *cu* ou *acu antan* — picô alto, acrescentando este ultimo que "a denominação era geral e applicavel aos rios que, recebendo o influxo das marés até certa altura, desciam das serras". Parece que é nesse sentido que devemos interpretar o alludido vocabulo citado na determinação dos limites ao norte, do districto da ouvidoria de Santa Catharina, criada pela resolução do Conselho Ultramarino, de 20 de jun. de 1749, e onde vem declarado: "...ficasse para o Norte pela barra austral do Rio de S. Francisco, pelo *Cubatão* do mesmo Rio e pelo Rio Negro, etc." Mas, o nosso caboclo emprega a palavra *cubatão* no sentido dado por Saint-Hilaire. Assim é, pois, que para aquelle, *terra de cubatão* significa — *terra fertil, terra boa*. — N. do t.

(7) Não ha, pois, razão para acreditar-se, como acreditou um viajante (*Coquille, hist.*, 68), que as louças de Santa Catharina sejam feitas de barro vermelho. Se ellas não fossem pintadas, to-

vista pelo governador. Assisti á da cavallaria e admirei não só o garbo, como a precisão das suas manobras, tendo-se a impressão de que esses milicianos fossem soldados de linha. A 12 de maio pela manhã, salvas de artilharia annunciaram a festa. O batalhão de infantaria e o de artilharia, assim como a milicia, formaram em torno da praça, sendo cantado na igreja parochial um *Te Deum* a que assistiram os membros do senado da camara, o governador e o estado maior. Após a cerimonia religiosa, o governador foi ao meio da praça com os officiaes mais graduados e, desco-

mariam provavelmente a côr parda após irem ao fogo. E' muito possível que os habitantes de origem caucasica, de S. Catharina, tivessem aprendido dos indios a arte de colorir as louças de barro, pois diz Hans Staden no seu livro publicado em 1557 o seguinte sobre os costumes dos tupinambás: "São as mulheres que fabricam as vasilhas de que necessitam. Preparam com barro uma espécie de pasta: della fazem as vasilhas, dando-lhes as fórmias que querem e sabendo pintal-as muito bem." (*Histoire d'un pays... nommé Amérique*, 261, na *Collection de voyages* publicada por Henri Ternaux). Por assim dizer, já não existem indios na costa do Brasil e não saberemos explicar como elles deixaram traços nos hábitos e na lingua dos seus exterminadores. Parece-me que a carta do veneravel José de Anchieta sobre a historia natural de S. Paulo, vem provar, a despeito da opinião dos sabios Spix e Martius, que os portuguezes devem aos indigenas o conhecimento de muitos remedios. — S.-H. — O livro de Hans Staden, varias vezes citado pelo A., está traduzido para o portuguez em quatro edições, todas brasileiras. A ultima, e a melhor, é a da Academia Brasileira — *Viagem ao Brasil*, versão do texto de Marpurgo, de 1557, por Alberto Lófgrén, revista e annotada por Th. Sampaio. — N. do t.

brindo-se, deu um *viva a el-rei*, grito que foi repetido por todos os militares e pela assistencia. As tropas deram duas descargas de polvora secca, seguidas de uma salva de artilharia, desfilando pouco depois com muita ordem. Os milicianos, todos lavradores, que se achavam já alguns dias na cidade, gastando o seu dinheiro e não trabalhando, apressaram-se em regressar para suas casas assim que a cerimonia terminou, e, durante a tarde, o canal ficou coalhado de canoas, que o atravessavam velozmente. Fui convidado para o baile offerecido pelo governador, e á noite compareci a palacio. Encontrei ali os empregados publicos, os principaes habitantes da cidade e umas trinta senhoras muito bem trajadas. Já em casa do coronel Antonio José Rodrigues, eu havia admirado a aptidão das senhoras de Santa Catharina para a dança; mais admirado fiquei, porém, quando soube que ellas não tiveram professores e que aprenderam a arte choreographica exercitando-se sozinhas.

Os officiaes da fragata franceza *La Bayadère*, assistiram, no anno precedente, á mesma festa e disse-me alguem que, julgando elles o Brasil pelo que viram em Santa Catharina, faziam de todo o imperio o mais lisonjeiro conceito. Se na ilhazinha de Santa Catharina, que só produz farinha de mandioca e azeite de peixe — teriam pensado elles,

certamente — se encontram milicianos tão bem uniformizados e tão bem exercitados, mulheres tão bem vestidas e tão educadas, que juizo se poderá fazer das capitancias do interior, que produzem ouro e diamantes em abundancia? — Mas, devemos considerar que no interior não existem zonas tão povoadas como Santa Catharina, os meios de comunicação são difficéis, grande parte dos generos não pôde ser exportada devido aos embarços de toda ordem e á falta de transportes, e, abandonadas as minas antigas, não se encontram ali outros meios de subsistencia. Demais, é preciso que se saiba que as pessoas de representação em Santa Catharina não são naturaes da ilha e, finalmente, que esse luxo exterior que, á primeira vista, deslumbra o ádvena, quasi sempre encobre a mais desoladora miseria (1820).

Durante a minha permanencia no Desterro, fui cumulado de gentilezas pelos altos funcionarios publicos e pelos officiaes da guarnição. O governador déra o exemplo, convidando-me para jantar e não se cansava de obsequiar-me. Fui igualmente muito bem recebido pelo brigadeiro Felix XXX (S) e pelo marechal Joaquim de Oli-

(S) Felix José de Mattos Pereira de Castro, encarregado do governo das armas e defesa da terra. — N. do r.

veira Alvares, para quem eu levava uma carta de recommendação. Este ultimo offereceu-me um jantar, para o qual foram convidadas todas as autoridades locais, tendo sido para mim de uma excessiva amabilidade. O marechal nascera na Madeira, estudara no collegio inglez de Douai e recebera em Coimbra o grão de doutor em sciencias mathematicas. Depois de servir na marinha passara-se para o exercito e luctara contra os hispano-americanos. Os seus conhecimentos eram varios, fallava bem francez e tinha predilecção pela historia natural. Amavel, alegre e despreoccupado, era um homeni que nada tinha de pretencioso e de arrogante.

CAPITULO VI

VIAGEM DO DESTERRO A' LAGUNA

O autor embarca na ilha de Santa Catharina com destino á armação de Garupava — As duas margens do canal que separa a ilha do continente — Interrompe-se a viagem na freguezia de Nossa Senhora da Lapa; pormenores sobre essa freguezia; imprudencia de Firmiano; arrogancia do liberto Manoel — Passagem da barra do sul — Chegada á armação de Garupava; noite mal dormida — Visita ao sargento-mór Manoel de Souza Guimarães; uma planicie, sua vegetação, a palmeira butiú; o autor tem conhecimento de haver corrido um grande perigo; pormenores sobre o cultivo das terras; aluguel de carroças — O administrador da armação — Descrição desse estabelecimento — Estrada de Garupava ao Encantado; as mulheres; visita a um doente; lavoura — Outra flora — Uma sequencia de lagôas — A enseada da armação de Embituba — Difficuldades em encontrar accommodationação em Villa Nova; lavoura — O litoral.

Logo ao chegar a Santa Catharina pedi a d. Diogo para conseguir-me uma lancha que me conduzisse á armação de Garupava ou Garupaba (tambem se escreve Garopaba), situada no continente, e de onde eu pretendia seguir por terra para a Laguna e dali para a provincia do Rio Grande do Sul. D. Diogo entendera-se com um homem de Garupaba que chegara a Santa Catharina com um carregamento de farinha e me tomaria como passageiro no seu regresso. Apresentei as minhas despedidas ás pessoas que me haviam dispensado o melhor acolhimento e parti a 18 de maio, levando commigo boas cartas de recommendação.

Apenas embarquei, mudou o vento, de modo que navegavamos vagarosamente. Pouco a pouco, porém, a nossa lancha se afastava do Desterro e nos aproximavamos dos morros chamados Serra do Cubatão, que ficam do lado da terra firme, defronte da cidade. Costeando a ilha, passamos

diante de uma enseada profunda e semi-circular, que se denomina Sacco dos Limoeiros (sic) e onde se lança o Rio Tovares (sic). Durante a minha estada em Santa Catharina, frequentemente passeava pelas margens dessa angra, talvez o sitio mais encantador da ilha. Dentro em pouco, avis-tavamos, no continente, a freguezia de S. José (1).

(1) A povoação de S. José, ou S. José da Terra Firme, foi elevada á categoria de freguezia em 1751, e, por acto da assembléa legislativa da provincia, á categoria de villa em 27 de agosto de 1832. Em 1820, a freguezia se compunha de cerca de 400 fogos e 3.649 commungantes, e, em 1841, o total de sua população era de 6.053 homens livres e 1.635 escravos. Uma parte da população, ao que parece, descende de indigenas. S. José fica situada á margem de uma bahia, perto do rio Maruhy (Imaruy), que não é navegavel (Pizarro, *Mem. hist.*, V, 83. — A. J. Ferreira de Brito, *Falla de 1.º de março de 1841.* — Mill. e Lopes de Moura, *Dicc.*, II, 572). Em 1829, fundaram na freguezia de S. José uma colonia allemã denominada S. Pedro de Alcantara e que, ao contrario das que haviam sido fundadas por francezes, sardos e belgas, parece prosperar admiravelmente. Não foi sem interesse que li o que sobre essa colonia escreveu em 1848 o vigario de S. José. Deveria ter causado surpresa a opinião do autor, que diz afigurar-se-lhe terem esses colonos vindo de tão longe para exprobrar com o seu procedimento irreprehensivel a indifferença dos naturaes da terra pela religião, e dar-lhes uma lição de perfeita e fiel observancia dos preceitos religiosos, unicos laços que unem as sociedades humanas (Joaq. Gomes de Oliveira e Paiva, *Mem. hist. sobre a col. de S. Pedro d'Alcantara*, in *Rev. trim.*, 2.ª serie, III, 504). — S.-H. — Segundo Ernesto Feliciano Nunes Pires, citado por J. Boiteux (*Dicc. Hist. e Geogr.* II, 103), a povoação de S. José foi elevada á categoria de freguezia por provisão de 26 de out. de 1756, e á categoria de villa pela resolução do Conselho do Governo, de 1.º de março de 1833, sendo, finalmente, elevada a cidade pelo decret. n.º 415, de 3 de maio de 1856. — N. do L.

Passamos defronte das terras alagadas e cobertas de mangues que, ao sul, orlam o Sacco dos Limoeiros, e dobramos a ponta de Caiacanga (2), onde termina essa angra. Mais adiante, pouco espaço fica entre os morros e o mar. As cumiadas são cobertas de matta virgem e nas encostas fizeram plantações esparsas por entre capoeiras e massas rochosas. Junto dos morros construíram uma igreja, sob a invocação de Nossa Senhora da Lapa, em torno da qual existem algumas casas circundadas de laranjeiras. Aproximando-nos de terra, passamos defronte de muitos sitios localizados á beira-mar, e chegamos á freguezia tambem chamada de Nossa Senhora da Lapa, outr'ora Ribeirão, distante do Desterro cerca de duas leguas. O vento soprava de oeste e, como anoitecia, o patrão da lancha resolveu fundear ali.

Para evitar o aborrecimento de passar a noite toda na lancha, fui visitar o vigario que me recebeu friamente, mas logo se tornou muito amavel ao mostrar-lhe a portaria que me dá o governador da provincia. Após offerecer-me chá, a

(2) Este nome vem do guarany *caicáca*, cabeça de macaco. — S.-H. — Cf. José Boiteux, *Dicc. Hist. e Geogr.*, I, p. 102. Th. Sampaio (*op. cit.*), porém, dá-lhe a significação de — cabeça chamejante ou em labaredas, acrescentando ser este o nome do polvo, em tupy. — N. de t.

seu convite e enquanto aguardavamos a hora da ceia, sahimos a passeio pela freguezia. Fazia um luar magnifico e que me permittia distinguir todos os objectos circumjacentes. Palmilhavamos optimos caminhos, muito planos, ladeados de plantações, e, a pouca distancia umas das outras, encontravamos casas ladeadas de laranjeiras e caféeiros. De um lado, eu via, a alguns passos de nós, as montanhas coroadas de matta virgem, e doutro, de quando em quando, trechos do mar, de que ouviamos o rugido das vagas.

Durante esse passeio encantador, informou-me o vigario que a sua freguezia, recentemente creada, se estendia até a extremidade da ilha e tinha cerca de cinco leguas de comprimento, sendo a sua largura pouco consideravel. A sua população era de 1.900 almas, inclusive 400 escravos do sexo masculino e 100 do sexo feminino (3). Se o numero de escravos em Nossa Senhora da Lapa era

(3) Em 1763 foi construida uma capella, sob a invocação de Nossa Senhora da Lapa, no local em que se acha a freguezia do mesmo nome. Mais tarde, uma igreja de maiores proporções substituiu a capella; mas, foi somente em 1809 que se creou a freguezia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão. Em 1840, a sua população era de 1.571 brancos e 563 escravos, verificando-se um decrescimo sensivel comparada com a população de 1820; possivelmente, a circumscripção da freguezia da Lapa do Ribeirão fôra reduzida, pois no interregno de 1820 a 1840 haviam sido creadas mais duas freguezias na ilha de S. Catharina (Pizarro, *Mem. hist.*, V, 285. -- A. J. Ferreira de Brito, *Falla de 1.º de março de 1841*).

maior que em outras freguezias, isto se explica pelo facto de existirem na primeira muitos engenhos de assucar e uma armação, a da Lagoinha. Aliás, aqui, como em toda a ilha, não havia familias que possuíssem mais de um ou dois escravos; o desejo de todos os lavradores, porém, era obter um numero de escravos que satisfizesse simultaneamente a sua vaidade e a sua indolencia.

Segundo informações prestadas pelo mesmo vigario, as mulheres da sua freguezia dedicam ao seu modo de trajar o mesmo cuidado dispensado pelas mulheres dos arredores da cidade. Accrescentou o meu informante que nos dias de festa quasi nenhuma das suas parochianas ia á missa sem meias de seda e sapatos de damasco. As mulheres que encontrei á minha chegada usavam geralmente vestido de indiana e chale de seda.

Durante a noite que passei na Lapa o tempo conservou-se claro, mas o vento soprava com violencia do quadrante de oeste. Pela manhã, o patrão da lancha avisou-me que não podíamos partir e tive de passar o dia todo dando voltas em torno da igreja.

Como eu já havia verificado quando me aproximava de lancha, essa igreja fica situada ao pé de uma serie de morros, que se estende parallelamente ao canal, ficando um pequeno intervallo en-

tre a sua encosta e a borda do mar. Diante da igreja existe um bello taboleiro de relva pouco acima da praia e em cuja extremidade se encontram alguns rochedos. Dessa especie de plataforma descortinam-se todo o canal que, nessa altura, se estreita; os altos morros da Cambirera (Cambirella) (4), que ficam defronte da igreja e se conservam cobertos de matta virgem, e, finalmente, todas as terras circumvizinhas. A' direita e á esquerda da igreja, entre o mar e os morros, edificaram casas proximas umas das outras e cercaadas de pés de café e de laranjas, achando-se as mesmas em communicção por meio de caminhos que atravessam as plantações.

Ao sentar-me á mesa com o vigario, entra um homem furibundo, na sala em que nos achavamos, e pergunta se era eu o proprietario da lancha ancorada defronte da freguezia. Respondi-lhe que não, mas a bagagem que nella se encontrava era minha. Elle, então, me diz que um dos meus camaradas, que, pela sua descripção, logo percebi

(4) Cambirera (ou Cambirella) provem das palavras da lingua geral, *camby*, leite; *rerú*, vaso — pote de leite. — S.-H. — Montoya dá para *rerú* a significação de — trazer, e L. Boiteux, nas suas *Notas*, define "Cambirera; ou Cambirella, de *cambir-reya* — muitos seios ou dorsos empolados, em allusão talvez ao grande numero de picos da serra do mar." — N. do t.

tratar-se do Firmiano, atirara imprudentemente para o lado de sua casa, indo os grãos de chumbo cahir aos seus pés; e tendo ido reclamar aos homens da lancha, um negro lhe respondera insolentemente e, apontando a espingarda na sua direcção, ameaçara-o de atirar se acaso proseguisse. Segundo o que me acabava de dizer o queixoso, não podia duvidar que o negro em questão fosse o Manoel. Ninguém se igualava em orgulho a esse homem, e ninguém, aliás, se iguala nesse ponto aos negros libertos. Como a sua côr pôde induzir qualquer pessoa a tomal-os por escravos, elles só pensam nos meios de desfazer o engano e recusam-se a fazer diversos serviços que não repugnaria a nenhum branco razoavel executal-os.

O tempo amanhecera calmo; mas, só ás duas horas da tarde o patrão da lancha se decidiu a partir, dando ordem aos negros que tomassem dos remos.

Além de Nossa Senhora da Lapa o canal continúa a ter pouca largura. Os morros que chegam á beira d'agua têm os seus cumes coroados de matta virgem, e quando de minha viagem, as suas encostas estavam cobertas de capoeiras, no meio das quaes plantações de canna se destacavam pelo seu verde claro e suave. De distancia em distancia deparavam-se-nos na raiz dos morros, á borda do

canal, sitios uns mais pittorescos que os outros, sendo alguns, aliás, importantes.

Deixamos para traz, do lado do continente, a freguezia da Enseada, que tem esse nome porque effectivamente fica situada no interior de uma pequena bahia. A sua igreja fôra construida junto de um morro, do qual haviam aproveitado para plantações apenas a parte debaixo, permanecendo o resto coberto de matto (5).

Como começara a ventar, içaram-se as velas, proseguindo-se viagem rumo da barra do sul. Anoitecera e não pude mais distinguir a paisagem. O patrão perguntou-me se eu não tinha receio de transpôr a barra de noite. Fazia um luar esplendido e o vento era favoravel. Respondi-lhe

(5) A freguezia da Enseada, ou Enseada do Brito, foi creada em 1751, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, de onde o uso nos actos officiaes da denominação de Nossa Senhora do Rosario da Enseada do Brito. Compunha-se em 1822 de 170 fogos e tinha cerca de 1.360 habitantes, e, em 1840, 512 fogos, 2.141 homens livres e 590 escravos. E' na freguezia da Enseada, á margem do rio Cubatão, que se encontram as gahadissimas aguas thermaes das Caldas de S. Catharina. Deu-se inicio, no governo de Tovar e Albuquerque, á construeção de um hospital perto das fontes do Cubatão. As obras ficaram interrompidas durante muitos annos; recommçadas mais tarde, o presidente da provincia em 1847 annunciava á assembléa legislativa achar-se concluida a metade do edificio (Pizarro, *Mem. hist.*, IX, 82. — Sigaud, *Climat*, 501. — Mill. e Lopes de Moura, *Dicc.*, I 201. — A. J. Ferreira de Brito, *Fallas* de 1841, 1847).

que confiava na sua prudencia, e elle se decidiu a continuar a viagem. O mar não estava calmo e sabiamos que a sahida do canal é, ás vezes, perigosa, devido aos bancos de areia ali existentes. De subito, sentimos o barco subir na crista de uma onda e cahir rapidamente, sacudindo-nos, como se a embarcação estivesse na imminencia de ser tragada pelas aguas. Tínhamos passado a barra.

Apesar da escuridão, pude distinguir, fóra do canal, diversas ilhotas, numa das quaes existe uma fortaleza. Após havermos transposto a barra, deitei-me e dormi até as duas horas da manhã, quando chegamos á armação de Garupava (do guarany — *ygacupa*, a enseada dos barcos).

Amarrada a lancha ao trapiche, o patrão convidou-me a desembarcar e passar em sua casa o resto da noite. Como o frio era intenso, acceitei o offercimento, tendo sua mulher estendido no chão uma esteira em que me deitei para dormir.

Levantei-me ao romper do dia e mandei desembarcar a minha bagagem. O administrador da armação, a quem eu ia recommendado, estava ausente. O seu substituto installou-me num quarto grande, miserrimo e sem moveis, onde a agua penetrava por todos os lados. Perguntando se as carroças que me deviam transportar á freguezia de Villa Nova e que d. Diogo antecipadamente soli-

citara, já haviam chegado, ninguém me soube responder. Decidi-me, então, a levar uma carta de recommendação ao sargento-mór Manoel de Souza Guimarães, que residia a meia legua de Garupava e estava encarregado de obter-me conducção.

Sahindo da armação para ir á fazenda do sargento-mór, atravesssei primeiramente um areão coberto de relva e de arbustos, e em que abundava a myrtacea denominada *Myrcia Garopabensis* na minha *Flora Brasiliae, etc.*, e uma ericacea vulgarmente chamada *camarinha*, cujos fructos negros, lisos, luzentes, dispostos em cachos, são refrigerantes e de gosto agradável. Em outra época do anno talvez eu tivesse colleccionado nesse areão muitas especies de plantas; mas, havia passado o tempo da floração, da qual existiam sómente alguns vestigios. Apenas, como na estação outonal em França, um reduzido numero de especimens tardios e enfezados tinham ainda algumas flôres.

O mais notavel de todos os vegetaes que se encontram na singular planicie arenosa de Garupava, é uma palmeira anã que eu ainda não conhecia e á qual deram o nome de *butiá* (6). O seu tronco não attinge a mais de cinco pés de altura, é co-

(6) Do guarany *mbutiá*, e sign. fica — coqueiro (Ruiz de Montoya, *Fes. leng. guar.*).

berto na parte superior de escamas curtas que não são outra coisa serão a base de folhas já cahidas, e termina num tufo de folhas novas, aladas, recurvas, com 3 a 4 pés de comprimento, glabras, de um verde glauco. O peciolo dessas folhas é guarnecido, na parte superior, de espinhos separados uns dos outros, e, na parte inferior, de filamentos, restos de uma bainha que, originariamente, envolvia o gomo central. Na pequena concavidade que se encontra na base de cada um dos foliolos da folha, existem algumas escamas seccas arruivadas. As espathas, lineares e agudas, têm a fôrma de uma barquinha. As flôres são paniculadas em ramos simples. Não as vi, mas cheguei a essa conclusão pela disposição dos fructos que, por occasião de minha viagem, amadureciam. Elles têm o tamanho de uma avelã, são carnuos, ovoides, lisos, amarellos, de gosto agradável, e contêm um caroço semelhante ao da azeitona.

Após atravessar o areão que acabo de descrever, penetrei numa floresta virgem, passei por diante de plantações de mandioca e de laranjas perfeitamente alinhadas, o que no Brasil é de causar admiração, e, enfim, cheguei á fazenda do sargento-mór.

El'la ficava situada no altó e dahi se desvendava simultaneamente um trecho do mar e uma vasta

planície coberta de matto, e que é a continuação da que acabei de referir-me. Essa habitação também se me afigurou outra raridade, pois em Minas e Goyaz as fazendas são geralmente construídas em lugares baixos.

O patrão da lancha que me conduzira a Garupaba fôra commigo á casa do sargento-mór e este o censurou acicamente por haver posto em risco a minha vida, passando de noite a barra do canal de Santa Catharina. Entretanto, eu não achava ter corrido tão grande perigo.

Terminada a sua reprehensão, o sargento-mór convidou-me para jantar. Sua mulher foi para a mesa commosco, o que certamente não teria feito uma senhora de Minas ou de Goyaz, e ficou encantada com os elogios que fiz a Santa Catharina, sua terra natal.

Dissera-me o sargento-mór que plantava principalmente mandioca por ser nessa região a cultura mais productiva em virtude da mesma preferir os terrenos arenosos. Accrescentara que após colhida a mandioca plantada em terreno que antes fôra de matta virgem, devia-se deixal-o repousar dois annos; mas, se as terras fossem de capoeira, o tempo de espera seria de quatro a cinco annos, afim de que os arbustos e os espinheiros se achas-

sem novamente em condições de ser cortados e queimados.

O meu hospedeiro promettera-me para o dia seguinte tres carroças para conduzir-me á freguezia de Villa Nova, situada a seis leguas somente de Garupaba. Cada carroça devia custar-me 10 patacas (20 fr.) e o sargento-mór se compromettera a fornecer-me duas. Penso que por esse preço elle não se agastaria em ter recommendados diariamente, embora dando-lhes de jantar. Desde Curitiba, passei a encontrar menor numero de plantas e a despender dez vezes mais que até então. Se eu não tivesse feito grandes economias nas minhas viagens anteriores, ser-me-ia impossivel continuar a que ora realizava.

De volta á armação, fui visitar o administrador geral, que havia regressado na minha ausencia. Apenas entrei na varanda de sua casa, o administrador poz-se a rezar, edificando-me com o seu aspecto devoto e humilde. No dia seguinte, elle ouviu duas missas; na primeira, a que assisti, recitou orações em voz alta e em linguagem vulgar, tomando as mais humildes attitudes. Como já tive o ensejo de dizer, os brasileiros tratam muito superficialmente das praticas, que, por si, são, as mais das vezes, a propria religião. Assim, fiquei

bastante surprehendido com essa ostentação devota que eu, desde que me achava na America, testemunhava pela primeira vez. Penso que ella seja no administrador a expressão das mais altas virtudes; mas, no numero daquellas que tenho o prazer de attribuir a esse homem, não posso incluir a da hospitalidade, porque o acolhimento que elle me dispensou, á minha chegada, foi muito frio, para não dizer desdenhoso. Comquanto estivessemos no inverno, não me convidou a entrar em sua casa nem me distinguiu com o menor gesto de gentileza.

Não podemos dizer que a armação de Garupaba fosse sem importancia; entretanto, as suas construcções não se comparavam com as de Itapocoroia e o seu panorama tambem era menos encantador. A armação ficava no interior de uma bahia estreita e comprida, cercada á direita e á esquerda, de morros cobertos de florestas de um verde sombrio. A monotonia da paisagem é unicamente quebrada por algumas collinas situadas no continente e que por uma singularissima illusão de optica se assemelham a duas ilhas que se elevassem defronte da armação, separadas pelo canal. A igreja, os alojamentos do administrador, do capellão e dos feitores tinham sido construidos á meia encosta de um morro: o engenho de frigir, os reservatorios,

as casas dos negros ficavam situados á margem da enseada.

A 21 de maio parti de Garupaba com as minhas tres carroças.

O caminho era plano, muito bom e atravessava uma zona de matta virgem. Encontrei, porém, nas vizinhanças da armação muitas terras já desbravadas e, a cada passo, diversos sitios e algumas roças de mandioca. Em certa altura, atravessamos um rio denominado de Garupaba, que vae lançar-se na lagôa do mesmo nome, perto do mar. Como era dia de festa, encontrei grande numero de mulheres a cavallo que voltavam da missa. Ellas não usavam chapéos de homem como as de Minas, mas chapéos proprios do sexo, e, tampouco, se esquivavam de olhar para os lados, corresponder aos cumprimentos que eu lhes dirigia e fallar com os passantes.

Uma dellas, vendo-me colher plantas, entendeu que eu era medico e forçou-me a entrar em sua casa para vêr um doente. Era um homem atacado, havia muitos mezes, de paralyisia e os mais habeis talvez tivessem ficado tão embaraçados como eu. Recommendei o doente a Deus, aconselhei-o a ter paciencia e a confiar na sua mocidade, e escapei-me o mais depressa possivel.

Após ter feito cerca de tres leguas, parei num sitiozinho denominado Encantado, pertencente ao dono de uma das carroças que nos conduziam, e ahi passei a noite. Conversando com o meu hospedeiro, perguntei-lhe quanto tempo era necessario, no seu lugar, para deixar a terra em repouso e derrubar as capoeiras. — Nós temos tanta terra, disse-me elle, que depois de aproveitado um lugar, abandona-se-o e vae-se plantar noutro.

Deixando o Encantado, entramos num areão coberto de butiás muito juntos uns dos outros, entremeados de diversos arbustos e sub-arbustos. Para mim era um quadro inteiramente novo o que me offereciam essas palmeiras anãs, cujas folhas glaucas e agudas pareciam doccis sob os quaes cresciam arbustos, quasi todos de folhas verde-gaio. Começava ahi uma flora verdadeiramente extra-tropical; a do Rio de Janeiro que eu ainda encontrara com modificações na ilha de Santa Catharina, tinha desaparecido.

Caminhavamos mais ou menos parallelamente ao mar, que ficava a uma legua ou tres quartos de legua de distancia. Informaram-me que entre o caminho que seguíamos e o Oceano existe uma serie de lagôas, das quaes a primeira, denominada Lagôa Encantada, se communica com a de Araça-

tuba e esta com a Lagôa de Embiraquara, que por sua vez desagua no mar (7).

Segundo me affirmaram, ao sul dessas lagôas existe outra denominada Lagôa do Panema (8), sem comunicação com as primeiras.

(7) *Araçatuba*, palavra guarany formada de *araçá*, nome que se dá a todos os *Psidium* de fructo piriforme, e *tiba*, abundancia — sitio onde ha muito araçá. — Encontrei a etymologia de *Embiraquara*, na lingua geral; *emyra*, arvore, e *caara*, ôco - pão ôco. - - S.-H. — A verdadeira graphia é *Biraquara*, nome que Lucas Bontex (*Notas*) dá como provinulo de *Ibirá*, madeira, arvore, e *cuera*, velho, antigo — arvore velha. Pôde ser tambem uma alteração de *Ibiragara*, de *ibirá-ygara*, o pão de canôa. — N. do t.

(8) *Panema*, na lingua geral, quer dizer — ruim. — S.-H. — O autor estende-se sobre a duvida suscitada entre elle e o principe de Neuwied em torno da graphia da palavra *Saquarema*. O principe escrevera *Saquarema* e persistia no erro, dizendo que Saint-Hilaire poderia ter-se enganado, escrevendo *Saquarema*. Replicando, declarava o sabio francez que não se julgava infallivel; mas, utilisara-se de todas os meios ao seu alcance afim de commetter o menor numero de erros possivel. Um hespanhol, conhecedor profundo do guarany, residente nas Missões, quando de sua viagem, dera-lhe a etymologia de avultado numero de palavras; manuseara diuturnamente o inestimavel *Tesoro de la lengua guarani*, do p. Ruiz de Montoya; consultara a cada passo o *Dicc. portuguez e brasiliense* e a lista de Francisco dos Prazeres Maranhão; recorrera em casos de necessidade á *Arte da grammatica da lingua do Brazil*, do p. Luiz Figueira, ás notas de Francisco José de Lacerda e Almeida, e até ás de Luccock. Afigurava-se-lhe que os que se dedicam ao estudo das etymologias gregas ou arabes não se tenham afadigado mais do que elle a procura da verdade. Admais, durante a sua permanencia ás margens do Uruguay e nas Missões, o seu ouvido se familiarizara com a lingua guarany e continuou a ouvir-a dos dois jovens indios que tivera a infelicidade de levar consigo para a França.

Atravessado o areão de butiás, de que acabei de fallar, passamos perto de um morro coberto de matto e chegamos á margem do Oceano, na enseada de Embituba, ou Embituba, que, conforme me asseguraram, é um optimo ancoradouro (9). Ahi, encontrei na praia, em meio de uma relva finissima, uma composita e a *Verbena Melindres*, de flôres vermelhas, muito lindas, que nesse tempo já se cultivava em S. Paulo e depois se tornou muito commum em nossos jardins.

No interior da enseada de Embituba achava-se a armação do mesmo nome, a mais meridional de todas as que existiam na provincia de Santa Catharina. As suas casas ficavam situadas á beiramar, eram baixas e menos importantes que as de Itapocoroia e Garupaba.

Deixando o litoral, passamos por um posto militar, onde estavam acantonados dois soldados do

(9) Um hispano-americano, versadissimo na lingua guarany, dava *Embituba* como derivado de *yumbetiba*, praia alta. Parece-me, porém, que essa palavra provem de *tombu*, especie de arbusto, e *tiba*, muito. Van Lede, que talvez com razão, escreve *Imbituba*, diz que a referida enseada abrigara uma esquadrilla brasileira a fim de apoiar o exercito imperial, quando este assediara a Laguna, em poder dos revoltosos riograndenses (*Col. du Brésil*, 116). — S. H. — Segundo Th. Sampaio (*op. cit.*), *Embituba*, corr. *mbi-tyba*, alt. *Imbituba*, significa o sitio das embiras, onde ha embira em abundancia. — N. do t.

batalhão da guarnição de Santa Catharina. A' pergunta que lhes fiz — se ainda estávamos muito longe da freguezia de Villa Nova — responderam-me delicadamente, e, reconhecendo a minha nacionalidade, disseram-me que haviam combatido em nosso paiz e convidaram-me a participar do seu repasto.

Continuando a nossa viagem, chegavamos alguns instantes depois á Villa Nova. Perguntei pelo commandante afim de entregar-lhe uma carta do governador da provincia e pedir-lhe que me arranjasse uma casa. Tanto elle como o seu substituto se achavam ausentes. Não sabendo a quem dirigir-me, procurei o vigario, que me enviou ao cabo de esquadra do destacamento acantonado na villa; este, por seu turno, enviou-me ao sargento dos milicianos, que, segundo aquelle me informou, era o substituto legal do commandante. O sargento recusou-se terminantemente a abrir a carta, porque não lhe era endereçada. Começava a perder a paciencia quando um dos soldados do destacamento veio offerecer-me a casa em que se achava alojado. No mesmo momento, a mulher do commandante mandou-me dizer que ella podia ceder uma parte de sua residencia, tendo eu accedido o seu offercimento.

Villa Nova, outr'ora Santa Anna da Laguna, séde de uma freguezia pertencente ao districto da Laguna, é um povoado situado a alguns metros distante do mar, junto de um morro coberto de matto, e constitue-se de uma igreja muito pequena e sem sino, e de algumas casas situadas quasi todas ao redor de uma praça coberta de capim. Pertencendo a lavradores, essas casas, como as das cidadezinhas do interior, somente são habitadas aos domingos, permanecendo o villarejo durante a semana quasi completamente deserto (10).

Se tivessem fundado a séde da freguezia de Villa Nova á margem da enseada de Embitua, ou na extremidade septentrional da lagôa vizinha, denominada Laguna, que se communica com o mar e da qual fallarei mais adiante, possivelmente esse villarejo, com faceis meios de comunicação, teria prosperado. Mas, entre dois pontos pouco distantes e extremamente favoraveis á fundação de uma cidade ou villa, escolheram o peor lugar, pois a costa defronte de Villa Nova é perigosissima.

(10) A população de Villa Nova, em 1840, era de 2.474 homens livres e 400 escravos (A. J. Ferreira de Brito, *Falla* de 1.º de março de 1841).

O commandante regressara á noite e, em palestra, informou-me que nos arredores cultivavam-se principalmente mandioca, arroz, feijão e um pouco de milho e trigo. Alguns lavradores preparavam a terra com arado para plantação de trigo, e outros utilizavam-se da enxada. Aqui, como em todas as regiões do Brasil por onde eu passara até então, lamentava-se a praga da ferrugem.

Antes de chegar a Villa Nova, aluguei por 16 francos (8 patacas) cada um tres carros de bois, afim de transportar-me com a minha bagagem, á villa da Laguna, que ficava apenas a cinco leguas de distancia. Os donos dos carros preveniram-me que eu não podia continuar a viagem no dia seguinte, porque elles precisavam ainda procurâr os bois no matto, oncle se achavam soltos. Demais, chovera quasi todo o dia e passei um tempo enorme a examinar as plantas que na vespera me fornecera uma flora para mim inteiramente desconhecida.

Deixei Villa Nova muito tarde, e até a Laguna, para onde me dirigia, segui com os meus bois e os meus carros, por uma praia dura e de facil caminhada.

A primeira ponta que se nos deparou tem a denominação de Tapiruva, do guarany *tapiú*, tapir, e

tiba, abundancia, sitio onde se encontram tapires em abundancia (11).

Antes de chegar ahi, passamos defronte de uma ilhota deshabitada e que se denomina Ilha das Araras, porque serve de pouso a uma especie de araras muito commum nesta costa e que eu ainda não havia visto em outras regiões. Esses passaros, cuja plumagem é azul-esverdeada, têm ao redor dos olhos um circulo amarello. O unico que eu observei de perto, afigurou-se-me menor que os da especie commum.

Entre a ponta de Embitua que ficara para traz havia alguns dias, e a de Tapirua, o terreno, a pouca distancia do mar, se eleva insensivelmente, encontrando-se ahi uma densa floresta de arbustos verde-escuros.

Após termos passado por traz da ponta do Tapirua, encontramos uma segunda praia muito mais extensa que a primeira, denominada Praia Grande, larguissima, onde na parte de cima existe apenas uma vegetação mirrada, composta principalmente de cardo, cujo caule rasteiro se espalha pela areia, de u'a amarantacea e de cyperaceas.

(11) Th. Sampaio regista *Tapirua*, ou *Tapiruba*, como corr. de *Tapir-ya* e com a significação de — arvore ou páo d'anta. — N. do t.

Só muito adiante é que se elevam morros cobertos de matta.

A ponta situada do lado sul da Praia Grande denomina-se Morro do Igi (12), e como a do Tapiruva, alteia-se um pouco acima do mar e é coberto de relva. Tendo passado por traz do Morro do Igi, fui dar numa terceira praia, tão arida como a segunda.

Em toda essa jornada não colhi uma unica planta. O tempo estava bellissimo, nenhuma nuvem toldava o céo. Mas, o aspecto das coisas era de u'a monotonia fatigante. Por toda a parte areia, só areia, nenhuma casa, nenhum vestigio do homem, vegetação escassissima, sempre o rugido unisono das vagas que vinham extinguir-se aos nossos pés.

Depois dessa praia encontramos uma pequena cadeia de morros chamada Morro da Laguna, que se estende parallelamente ao mar até a villa do mesmo nome. Passamos por traz dessas montanhas e chegamos á Laguna, situada á margem leste da lagôa tambem desse nome.

(12) Talvez tivesse escripto incorrectamente a palavra *igi*, da qual ignoro a significação. — S.-H. — Diz J. Boiteux (*Disc. Hist. e Geogr.*) — "*Igy* — Morro ao N. da barra da Laguna. Apresenta a configuração de um machado; dahi a palavra indigena por que é conhecido." — N. do t.

CAPITULO VII

A VILLA DA LAGUNA

Historico da villa da Laguna — Limites do seu districto — Natureza da população — Producção — A lagôa e a lingua de terra que a separa do Oceano — Posição da villa da Laguna; sua fôrma, ruas, casas, igreja, fonte, praça, casa da camara, a paisagem, commercio — Difficuldades em obter meios de transporte até Porto Alegre — Um canoeiro — Aluguel de uma carroça — Um prestidigitador — Os camaradas do autor.

SEGUNDO Gabriel Soares, foram os tapuyas os primitivos habitantes da paragem em que actualmente se acha situada a Laguna. Essa villa, outr'ora conhecida por *Alagôa*, nome que ainda conservava em 1712 (1), é a mais antiga e foi durante muitos annos a mais importante da provincia de Santa Catharina.

Dominado pela mania dos descobrimentos, que impellira os habitantes de S. Paulo para os sertões, Domingos de Brito Peixoto, natural da villa de S. Vicente, embarca em meados do seculo XVI, com seus dois filhos, Francisco e Sebastião, e vae estabelecer-se no local onde hoje se encontra a villa da Laguna. Foi um dos seus primeiros cuidados construir uma igreja sob a invocação de Santo Antonio dos Anjos e que elle por muitos annos manteve á custa de sua fazenda, sustentando

(1) Gabriel Soares de Souza, *Noticia do Brasil*, in *Not. ultramar.*, III, parte 1.ª, 88. — Frezier, *Voyage*, 21.

tambem com a sua generosidade os colonos que attrahira para o seu estabelecimento. Mas, esse homeni aventureoso, achando muito circumscripto o seu raio de acção na Laguna, parte tempos depois para os campos do Rio Grande, onde inicia a criação de gado, vindo a morrer após ter dado provas da sua intrepidez e da sua perseverança. O seu segundo filho, Sebastião, vergado pelo peso dos annos e combalido pelas enfermidades, retirara-se para S. Vicente e ali começava a fruir de algum repouso quando o governo o nomeia capitão-mór do districto da Laguna que a essa época tinha uma grande extensão. Encarregado das mais importantes missões, entre outras as de abrir um caminho da Laguna ao Rio Grande de S. Pedro, impedir os estrangeiros de manterem relações commerciaes com Santa Catharina, e levar as suas explorações até a antiga colonia portugueza do Sacramento, então abandonada, o capitão-mór Sebastião de Brito Peixoto acabara por perder os seus haveres e arruinar completamente a sua saude nas mais arriscadas expedições, morrendo pobre e abandonado pelo governo, ao qual servira generosa e desinteressadamente (2).

(2) J. F. Fernandes Pinheiro, *Annuaire da provincia de S. Pedro*, 2.^a ed., 398. — S.-H. — Conforme diz Fernandes Pinheiro, na passagem citada pelo A., foi Francisco e não Sebastião de Brito

Por esse tempo, a villa da Laguna dependia da capitania de S. Paulo, e durante muitos annos Santa Catharina esteve subordinada aos seus capitães-móres que enviavam para essa ilha os officiaes encarregados de ali manter a ordem (3). Mais tarde, reconhecida a excepcional posição geographica do Desterro, a Laguna veio a perder a sua antiga supremacia.

Quando os hespanhoes em 1777 occuparam a ilha de Santa Catharina, coube ao capitão Cypriano Cardoso de Barros Lima ir com uma dezena de homens defender dos invasores a villa da Laguna. Elle a encontrou abandonada, tendo os seus habitantes fugido para o matto. Conseguindo reuni-los e encorajal-os, esse official preparou-se para uma vigorosa defesa. Pouco depois, a camara municipal da villa recebia de Zaballos, governador hespanhol de Santa Catharina, intimação para render-se com toda a população e jurar fidelidade ao rei da Hespanha, na praia de Villa Nova, á vista de uma corveta castelhana. Tendo uma parte da guarnição do navio hespanhol desembar-

Peixoto, o nomeado para o cargo de capitão-mór do districto da Laguna e incumbido da importante commissão a que o texto se refere. A esse tempo, o velho Domingos de Brito Peixoto e seu filho Sebastião já eram mortos. — N. do t.

(3) Frezier, *Voyage dans la mer du Sud*, 21. — Southey, *Hist. of Braz.*, III, 859.

cado, o bravo capitão Cardoso investe de surpresa contra os inimigos, cortando-lhes a retirada e obrigando a corveta a levantar ferros. Desde ahí a villa não foi mais importunada pela gente de Zeballos (4).

Durante muito tempo a Laguna compartilhou da mesma sorte do resto da provincia. Em 1839, porém, ella foi occupada sem a menor resistencia, pelos rebeldes do Rio Grande. Com o auxilio de algumas embarcações por estes equipadas, o seu commandante David Canabarro começou a inquietar os habitantes do litoral, apresando muitos navios mercantes, e já ameaçava a ilha de Santa Catharina, quando o capitão de mar e guerra Frederico Mariath, da marinha imperial, fórça a barra da Laguna e, em 15 de novembro, toma a villa, apezar da encarniçada resistencia opposta pelos rebeldes. No mesmo anno as rendas aduaneiras não chegaram a ultrapassar a quinta parte da importancia arrecadada dois annos antes; mas, depois dessa época a Laguna pôde reparar as suas perdas, reconstruir as suas casas e esquecer os seus revezes (5).

(4) J. F. Fernandes Pinheiro, *op. cit.*, 420.

(5) José Ignacio de Abreu e Lima, *Synopsis*, 375. — A. J. Ferreira de Brito *Falla de 1.º de março de 1841*. — Van Lede, *Col.*, 331. — Aubé, *Not.*, 23.

Segundo informações colhidas dos seus principaes habitantes, o districto da Laguna tinha na costa a extensão de 30 leguas, a partir do norte, entre Encantado e Villa Nova, limitando-se por esse lado com o districto de Santa Catharina e ao sul com a provincia do Rio Grande do Sul, pelo rio Mambituba, como actualmente. A oeste, o povoamento não avançara além de duas leguas a partir do mar, exceptuando as margens de alguns rios, como as do Tubarão, que se povoaram até a extensão de dez leguas. Uma das principaes causas que impediram os habitantes do districto de expandir-se para o interior, foi o temor inspirado pelos indios inimigos, que varias vezes atacaram sitios distantes e trucidaram os seus moradores. Ignorava-se a que nação pertenciam esses selvagens, que eram designados pelo nome generico de *bugres*.

A população de todo o districto era de cerca de 9.000 individuos, brancos na sua maioria, existindo tambem alguns mestiços de indios com portuguezes ou de indios com negros. Os mulatos eram muito pouco numerosos. Aliás, não é de admirar que esses ultimos fossem mais raros nesta costa do que no interior de Minas, por exemplo; os aventureiros que povoaram as provincias centraes, nos primeiros tempos só tinham negras em

seus estabelecimentos, pois as mulheres brancas não os acompanhavam nessas arriscadas expedições. O litoral de Santa Catharina, porém, foi, como já tive occasião de dizer, povoado por açorianos que vinham acompanhados de suas famílias, e, a menos que não se trate de um libertino, o homem branco só procura as negras na falta de mulheres brancas.

As terras do districto da Laguna são cobertas de florestas exuberantes e produzem principalmente mandioca, arroz, feijão, milho, favas e algum trigo (6). Foi tentada com exito a cultura do canhamo nas margens do Tubarão; como, porém, os productos dessa planta, quando de minha viagem, só podiam ser vendidos ao governo, que pagava mal, os lavradores passaram a plantar a quantidade rigorosamente necessaria a garantir-lhes certos privilegios conferidos aos que cultivassem essa urticacea.

A lagôa da Laguna, á margem da qual fica situada a cidade do mesmo nome, parece que foi assim denominada por ter sido considerada a mais importante lagôa ou laguna — a lagôa por excel-

(6) Dizem Van Lede, Milliet e Lopes de Moura que, depois que os norte-americanos começaram a exportar farinha para o Brasil, por preço reduzidissimo, foi inteiramente abandonada a cultura do trigo na Laguna (*Col.*, 136. — *Dicc.*, II, 552).

lencia da região, ou porque os primeiros colonos, não conhecendo outra, se habituaram a chama-la simplesmente — *a lagôa*. Tem ella pouquissima largura e cinco leguas de comprimento; as suas margens se aproximam em diversos lugares e cada ponta de terra das que formam essas especies de estreitos, tem a sua denominação. Desaguam ahi muitos rios, sendo o mais volumoso o Rio Tubarão, que muito influe na passagem da barra e que é muito reputado pela fertilidade das suas margens (7). A lagôa fica situada na direcção norte-sul, pouco mais ou menos parallelamente ao oceano,

(7) O rio Tubarão é formado pela junção do rio das Laranjeiras com o rio Passa Dois. E' navegavel por embarcações grandes, da Laguna até a freguezia da Piedade, isto é, numa extensão de 10 a 12 leguas; mas, nas proximidades das suas cabeceiras o seu curso é embaçado por muitas corredeiras, transformando-se mais adiante numa torrente. Elle recebe a agua de avultado numero de affluentes, e, frequentemente, após grandes chuvas, transborda e inunda as terras marginaes. Duas leguas acima de Piedade e um quarto de legua de Tubarão, existe uma fonte de aguas thermaes levemente ferruginosas. Em fins do ultimo seculo, alguns tropeiros descobriram, ás margens do mesmo rio, terrenos carboniferos que Parigot tornou a encontrar em 1840. Pensou-se a principio que se tirariam grandes resultados desses terrenos; mais tarde, porém, reconheceu-se que a sua exploração seria dispendiosissima, e um homem muito culto, Léonce Aubé, achou o seu valor muito problematico. Van Lede, que visitou as minas de carvão de Tubarão, fez uma narrativa circumstanciada e interessante de sua viagem, na qual remontou o Passa Dois até a sua nascente (Parigot, *Minas de Carvão de Pedra*, 12. — Mill. e L. de Moura, *Dicc.*, II, 480. — Van Lede, *Col.*, 108, 315. — Aubé, *Not.*, 20, 28).

com o qual se communica por uma passagem estreita e de pouca extensão.

Além de ser necessario vento favoravel para poder-se franquear o canal, as aguas do mar carregam para ali grande quantidade de areia que o obstróe, e desde que o rio Tubarão não lance no passo um volume de agua bastante consideravel, como acontece quando deixa de chover por muito tempo, as embarcações ficam impedidas de sahir. A barra não dá actualmente entrada a navios de 11 a 14 palmos (2m. 42 a 3m. 08) de calado, tendo sido, entretanto, ha dois seculos passados, accessivel a grandes embarcações. A' sua entrada, dentro da lagôa, existem diversas ilhotas rasas e pantanosas cobertas unicamente de gramineas e que servem de abrigo a garças brancas e outros passaros aquaticos. Dentre essas ilhotas destaca-se u'a mais alta e de fórmula arredondada, onde crescem arbustos em meio de rochedos, e que serve de balisa aos pilotos que transpõem a barra. O fluxo da maré vae até os pontos mais afastados da lagôa, cuja agua é salgada até o lugar denominado Carniça, distante da barra cerca de tres quartos de legua, tornando-se potavel desse local em diante.

A parte septentrional da lingua de terra que separa a lagôa do mar, vista de longe, afigurou-se-

me inteiramente plana; o terreno, porém, se alteia cerca de meia legua a partir da barra, começando ahí o morro chamado da Laguna e que vae terminar abruptamente a algumas centenas de passos distante da entrada da lagôa. Esse intervallo é coberto de areia que os ventos amontoam e dispersam alternativamente. A oeste, os morros estendem-se até a entrada da barra e por entre a vegetação das suas encostas existem algumas choças e terrenos plantados, ou que foram outr'ora cultivados.

A villa da Laguna fica situada na extremidade oriental da lagôa, em terreno plano que se desdobra entre as margens desta e os morros. O seu porto tem um bom ancoradouro e é de fôrma semi-elliptica. A ponta que o limita pelo lado do norte não avança muito para a lagôa e é formado por um morro pouco elevado, o Morro de Nossa Senhora, de cuja summitade se descortina um bellissimo panorama. A ponta opposta, mais extensa, denomina-se Morro do Magalhães.

A villa da Laguna tem a configuração de um quadrilatero cujo lado maior fica paralelo á lagôa. As suas ruas, pouco numerosas, são na mór parte direitas e estreitas. Apesar de não serem calçadas, fôrma-se pouca lama no seu leito, em virtude do terreno, composto de uma mistura de areia, terra preta e cascalho, ser bem batido. As

casas são construídas de pedra e cobertas de telhas; a maior parte é terrea, existindo algumas de um andar e achando-se quasi todas bem conservadas. A Laguna possui apenas uma igreja, bastante grande, e cujos altares estão ornamentados com muito gosto. A agua que se bebe na villa é optima e vem da montanha a uma fonte sem ornamentações, por uma calha de pedra de cerca de quatrocentos passos de comprimento e que se eleva um pouco acima do solo. Numa das extremidades da villa, perto do Morro de Nossa Senhora, existe uma praça triangular coberta de relva, onde se acham o pelourinho e a casa da camara, predio de um andar, de pequenas dimensões e cujo pavimento terreo serve de prisão, segundo o costume. No meio da villa, na parte mais afastada do porto, existiam, quando de minha viagem, terrenos de grande extensão, humidos e baldios, onde os habitantes soltavam o seu gado. O interior da Laguna é quasi deserto, sendo, entretanto, o seu porto muito movimentado. E' ahi que se acham situadas as principaes lojas e armazens de seccos e molhados, geralmente bem sortidos.

O panorama que se descortina do porto da Laguna é infinitamente menos agradavel que o de Santa Catharina e mesmo o de São Francisco. As terras que marginam a parte occidental da lagôa,

defronte da villa, são bastante planas e vistas de longe confundem-se com a superficie da agua. A' esquerda, porém, e para o norte, o terreno se torna montanhoso. Não existe ahí nenhuma casa, nem se divisa um ponto sequer, em que o olhar possa repousar. A paisagem é sem vida e monotona.

Devido á enorme quantidade de productos dos arredores, o pequeno porto da Laguna tornou-se muito commercial, exportando-se por ali farinha de mandioca, feijão, milho, favas e taboas. O peixe secco é tambem um ramo de commercio muito importante da região. A lagôa é muito piscosa e as suas margens são povoadas por homens que fazem da pesca a sua principal occupação; o peixe é a sua unica alimentação e o que sobra do consumo caseiro é salgado e posto a seccar, sendo depois vendido. E' o bagre, classificado pelo sr. Van Lede como pertencendo ao genero siluro, a especie mais abundante. Em novembro e dezembro esses peixes entram na lagôa, naturalmente para desovar, sendo então apanhados em grande quantidade.

Avultado numero de lanchas trafega continuamente entre a Laguna e Santa Catharina, com carregamentos de farinha de mandioca, e durante o anno sae uma vintena de embarcações maiores para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Montevideo, contando-se nesse numero cerca de doze

pertencentes a commerciantes da região (1820). E' principalmente no Rio de Janeiro que estes ultimos compram os differentes artigos com os quaes surtem os seus armazens. O commercio da Laguna certamente adquiriria grande importancia, se não se achasse entravado pelas difficuldades que a barra da lagôa oppõe á navegação.

Quando cheguei, sahiam do porto da Laguna diversas embarcações que havia quatro mezes esperavam occasião favoravel para transpôr a barra. Seria ocioso frisar quanto esses retardamentos prejudicam o commercio.

Durante a minha estada na Laguna fui herborizar nos morros do mesmo nome e, se bem me recorde, nada encontrei ali de notavel. Elles eram outr'ora cobertos de florestas virgens, das quaes ainda se encontravam vestigios em diversos lugares. Aqui e ali, deparavam-se-me roças de mandioca, relvas, rochas e capoeiras de vegetações rachíticas em que predominavam principalmente o *Croton* n.º 1792, o *Stachytapheta Jamaicensis* e o n.º 1792 *quater*.

Eu partira de Villa Nova em companhia de um soldado encarregado de levar a correspondencia official á Laguna. Pouco antes de entrar na villa elle seguira adiante afim de avisar a minha chegada ao commandante, que logo veio ao meu en-

contro acompanhado do sr. Fontoura, sargento-mór do batalhão portuguez de caçadores, e a quem eu levava uma carta de recommendação. Tendo escripto com antecedencia ao commandante da Laguna, encontrei ali una casa muito commoda, preparada para receber-me.

No dia seguinte, logo que me levantei, fui visitar diversas pessoas ás quaes eu ia recommendado. O governador de Santa Catharina havia escripto ao commandante afim de que este me obtivesse meios de transporte para Porto-Alegre, capital da provincia do Rio Grande, distante da Laguna cerca de 58 leguas. Elle se mostrara disposto a servir-me; como, porém, se achasse adoentado, pediu-me para voltar no dia seguinte.

Um furriel posto á minha disposição e que me viera vêr dois dias seguidos, assegurara-me que innumerados obstaculos se oppunham á minha partida. De qualquer maneira, eu não podia continuar a minha viagem antes de doze dias, sendo necessario despende 50\$000 (312 fr. 50 c.) para ir a Porto Alegre, e, talvez, nem mesmo assim encontrasse conducção para essa cidade.

Sahindo á rua mal humorado, encontrei um homem bem vestido, que se me afigurou ser estrangeiro e se dirigiu a mim em francez. Dissera-me elle ser suisso, que viera de Porto-Alegre numa

carroça que alugara por tres dobras (240 fr.) e que o conductor faria optimo negocio se de volta me levasse como passageiro. Aluguei immediatamente uma canôa e fui fallar com o carroceiro que se achava do outro lado da lagôa. O canoeiro estava meio embriagado, apesar de ter vindo á Laguna para confessar-se. A canôa era excessivamente pequena, começara a ventar e me arrependi de não haver ficado em terra. Conversando com o canoeiro, perguntei-lhe de onde era natural. Respondera-me que era de Santa Catharina; mas, tendo praticado um homicidio, fugira para as vizinhanças da Laguna e ali se casara. Encontram-se duas coisas dignas de observação nessa resposta: a facilidade com que esse homem escapara á justiça, sem mesmo ter-se dado ao trabalho de procurar outra provincia, e a ociosa confissão que elle ingenuamente me fazia de seu crime. Não era, aliás, o primeiro que me fallava de um assassinio com tanta leviandade: "*Eu sou um criminoso* (em portuguez, no texto) e estou sendo perseguido pela justiça" — era uma phrase que se me tornara familiar. Na Europa, os homens do povo questionam continuamente, encolerizam-se por qualquer coisa e reconciliam-se com a mesma facilidade. Os brasileiros raramente se irritam uns contra os outros; mas, quando isso acontece, chegam a matar-se,

Chegando ao outro lado da lagôa, encontrei na praia a carroça e seu conductor. E apenas entrara em entendimento com esse ultimo, o canoeiro interrompe-me, censurando-me grosseiramente, sob o pretexto de o haver feito esperar muito tempo. Como o carroceiro quizesse vêr minha bagagem antes de concluir o negocio, tratei de embarcar. Qual não foi, porém, o meu espanto quando vi entrar commigo na canôa aquelle homem agigantado que infallivelmente nos faria naufragar. Declarei ao canoeiro que não partiria se elle conduzisse mais alguém em sua embarcação. O homem tornou-se desaforado. Logo, porém, que eu lhe disse achar-me em missão do governo e que daria queixa do occorrido ao commandante da Laguna, elle instantaneamente mudou de linguagem, desmanchou-se em desculpas, passou a tratar-me de *senhoria* e tornou-se excessivamente cortez.

Na manhã seguinte, o dono da carroça foi á villa e comprometteu-se a levar-me da Laguna a Porto Alegre pela quantia de tres dobras (240 fr.). Combinamos partir dentro de dois a tres dias. Era preciso que eu ainda arranjasse dois cavallos ou duas mulas, visto a carroça dever ir tão carregada que talvez nem encontrasse nella lugar para mim.

O conductor da carroça que eu acabara de alugar era da provincia do Rio Grande e represen-

tava o typo que mais ou menos encontrei em toda a população dessa provincia. Elle era muito joven, bem feito e de estatura elevada. As suas feições eram sympathicas, tinha cabellos castanho-claros, a pelle fina e muito branca, e faces rosadas. Comquanto serena, a sua physionomia indicava que elle tinha consciencia do seu valor; as suas maneiras, muito differentes das de grande numero de mineiros e goyanos de classe inferior, não eram effeminadas e reconhecia-se facilmente que elle não possuia nem por sombra o character inconsistente dos homens do interior.

Durante os poucos dias que ainda passei na Laguna, fiz mais amplo conhecimento com o suíço que me inculcara o meio de transporte de que ia utilizar-me. Esse homem e seu companheiro de viagem vieram de Porto Alegre á Laguna alimentando-se de caças. Ambos se diziam prestidigitadores, o que, aliás, era desmentido pelas suas maneiras, pela sua linguagem e, sobretudo, pela sua falta de dextreza. Logo ao chegarem, annunciaram aos habitantes da Laguna uma sessão recreativa; eu os auxiliei como *compère*. Apesar dos nossos esforços, obtivemos pouco exito; os lagunenses eram mais *avanzados* do que suppunhamos.

Impellido não sei por que instincto, ia começar uma nova viagem que não podia durar menos de

um anno, e entretanto eu suspirava pelo momento em que pudesse ter força bastante para pôr termo a esse exilio voluntario. Já era com aversão que eu via os camaradas que me acompanhavam e que parecia se comprazerem em perturbar o meu socego. Tudo os susceptibilizava, tudo os offendia. Quando eu voltava de algum passeio fatigante, sentindo necessidade de ser encorajado, só via rostos contrafeitos. Eu não podia ter a menor expansão, obrigado, como me achava, a guardar o mais profundo silencio. Imitando José Mariano, o indio (Firmiano) se tornara tão desagradavel como aquelle; eu jamais lhe mandava fazer um serviço sem provocar os seus resmungos; elle me desobedecia algumas vezes, audaciosamente, e comquanto sempre lhe tivesse dado mostras de affeição, estou certo de que elle me odiava. Um dia Firmiano fôra á caça com José Mariano. Este voltara cedo; o outro, porém, regressara á noite. Cheguei a crêr que tivesse fugido e confesso que pouco me molestaría se tal acontecesse.

Durante os oito dias que passei na Laguna, só fui visitado pelas pessoas ás quaes eu havia sido recommendado. Não recebi nenhum convite, e, se a minha permanencia nessa villa se prolongasse por mais algum tempo, ter-me-ia entediado tanto como em S. Francisco.

CAPITULO VIII

FIM DA VIAGEM A' PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

*Partida da Laguna — Uma carroça — Porto da Passagem
— Descrição da praia que se estende até os limites da
provincia de Santa Catharina — Figueirinha — O rio Urus-
sanga — Um lago — O rio Araringuá — O rio Mumbituba
— O autor entra na provincia do Rio Grande do Sul.*

DEIXEI na Laguna, ao cuidado do sargento-mór Fontoura, uma caixa contendo collecções de passaros, e parti a 21 de maio, com minha bagagem, numa canôa grande que me emprestara o loco-tenente França, a quem eu havia sido recommendado.

Após ter atravessado a lagôa, cheguei ao local onde se achava a carroça que eu alugara e onde começa a praia deserta que constitue o caminho do sul.

Quando o viajante não leva bagagem consigo, poderá ir, a pé ou a cavallo, da villa á barra, encontrando ali um canociro que o transportará ao lugar denominado Porto da Passagem. O passo era arrendado pela fazenda real e pagavam-se dois vintens (25 cent.) por pessoa.

O terreno que margeia a lagôa, no Porto da Passagem, é plano, arenoso e coberto de relva. Existiam nesse lugar muitas vendas, todas mal sortidas. Por traz desses casebres alteiam-se mor-

ros que podem ser considerados como prolongamento dos que ficam situados proximos á barra, do lado de leste. Pedi numa das vendas permissão para ahi pernoitar, o que me foi concedido, causando-me admiração de só haver encontrado nessa casa tres crianças, das quaes a mais velha tinha apenas quatorze annos. Disseram-me ellas que seus paes, morando num sitio distante dali, lhes haviam encarregado de tomar conta da taberna. E' lamentavel que se abandonem pobres crianças a si mesmas, num lugar deserto, onde homens ignorantes, grosseiros e viciados são os unicos semelhantes com os quaes ellas poderão estar em contacto!

Apezar de havermos chegado ao calir da tarde ao Porto da Passagem, a minha bagagem foi immediatamente transportada para a carroça, bastante grande para contel-a, não obstante o seu volume. O vehiculo tinha uma coberta de couro e os seus lados estavam guarnecidos de folhas de palmeira (1). Atrelaram-lhe seis juntas de bois e levavamos outros de sobresalente para a muda. A carroça rodeada desses animaes, dos meus camaradas e da gente do conductor, uns a pé, outros

(1) A estampa XVII do atlas da *Voyage d'Azara* representa perfeitamente essa carroça.

a cavallo, emfim todo esse conjunto visto de longe constituia um grupo bem pittoresco.

O taboleiro de relva a que já me referi desdobra-se do Porto da Passagem até a raiz dos morros, numa extensão de mais ou menos um quarto de legua. Dahi em diante, começa a praia triste e deserta, de cerca de 22 leguas de comprimento e que eu percorri até os limites da provincia do Rio Grande. Ella é muito larga e quasi recta, como se fosse traçada a cordel. Linhas parallelas de ondas espumantes, succedendo-se umas ás outras, vagarosas, sempre renascentes, vinham, bramindo, extinguir-se na praia. A alguma distancia do mar, a areia é pardacenta devido á humidade, e, incessantemente batida pelas vagas, tornou-se consistente, offerecendo aos viajantes uma optima estrada, para a qual o homem não contribuiu com o seu trabalho. Mais para cima, a sua superficie já não é tão nivelada, dividendo-se em alguns lugares monticulos e vallezi-nhos, e em toda a sua extensão ligeiras ondulações formadas pelo vento. U'a amarantacea, uma sene-ionidea de longas hastes rasteiras e algumas touceiras de cyperaceas são quasi os unicos vegetaes que se encontram dispersos nesse vasto areal. Entretanto, de longe a longe, avistam-se collinas co-

roadas de arbustos enfezados, cujo verde escuro contrasta com a côr da praia. O céu, a esse tempo — começo de junho de 1820 — estava sem nuvens, mas não ostentava esse azul carregado e esplendoroso que eu tanto admirara nas regiões equinociaes. A sua côr era mais ou menos a do céu do norte da França, na linda época das geadas. Não existia nessas paragens um casebre sequer, nem o mais apagado vestigio da presença do homem. Só os passaros marinhos, dos quaes distingui oito especies, emprestavam algum movimento a essa paisagem triste e despovoada. Innumeras gaivotas de cabeça cinzenta, enfileiradas na areia, quasi immoveis, voltadas para o mar, esperavam o momento em que as ondas, chegando aos seus pés, lhes trouxessem o seu alimento. As *marias velhas*, ou gaivotas grandes, de mistura com as primeiras, mas em menor numero, estavam de espreita aos peixinhos. Os *manoelsinhos*, ou massaricos, de pescoço estendido e com a cabeça collocada na mesma linha do dorso, corriam velozmente na praia, assemelhando-se de longe a pequenos quadrupedes. Muitas especies de andorinhas do mar, ou *trinta reis*, vinham pousar entre as gaivotas, para logo retomarem o seu vôo. Emfim, baiagús, que andam ordinariamente aos pares, mantinham-se a alguma distancia do mar.

Quando sahi do Porto da Passagem, o céu achava-se ligeiramente nublado; a sua côr pallida confundia-se com a da areia e a das ondas do mar, e todas as coisas que nos circumdavam, indistinctas, mal desenhadas, assemelhavam-se a um cháos. Após termos caminhado cerca de cinco leguas e estando a anoitecer, paramos num lugar deserto chamado Figueirinha. Installamo-nos em meio da areia, a algumas centenas de passos afastados do mar. Foi preciso ir-se muito longe buscar agua e só tínhamos para fazer fogo pedaços de madeira trazidos pelo mar e meio enterrados na praia. Uma parte da caravana deitou-se á roda do fogo e a outra na carroça. O meu leito foi preparado nesse vehiculo, por cima das malas. Era ahi tambem que o bom Laruotte (2) collocava as plantas e eu escrevia o meu diario.

Porque as malas, em cima das quaes fôra feita a minha cama, que consistia unicamente do meu *poncho*, do sacco que me servia de lençol e dos meus cobertores, — tivessem diversas alturas, dormi muito mal. Quando acordava, a fadiga logo me fazia readormecer, isto apenas por alguns instantes.

Entre o Porto da Passagem e Figueirinha, passamos por traz de algumas pontas cobertas de

(2) Criado do autor. — N. do t.

abrolhos e de relva enfezadissima. Nada mais existe além de Figueirinha; a praia é inteiramente plana.

O rio Urussanga, á margem do qual chegamos após uma caminhada de mais cinco leguas, é estreito e vadeavel acima da sua foz; mas, disseram-me que as ondas do mar, precipitando-se no seu leito com violencia, já têm por diversas vezes virado carroças.

Perto do Urussanga, acima da praia, existem algumas choças, em torno das quaes as terras, segundo me informaram, são muito fertes. Ao entrar em ajuste com o conductor da carroça que eu alugara, havia manifestado o desejo de parar o mais frequentemente possible nas casas que encontrassemos em caminho. Dirigiamo-nos para uma das que ficavam proximas do Urussanga; apenas, porém, iamos deixar a praia, as rodas do vehiculo enterraram-se profundamente na areia e só a muito custo os bois puderam arrancal-as. O carroceiro, voluntarioso como era, ficara mal humorado, e, comquanto perto da casa, não fomos até lá. Paramos á beira de uma lagôazinha, fizemos fogo, e o meu leito, como no dia anterior, foi preparado na carroça.

No dia seguinte, entediado com a excessiva monotonia da praia em que caminhavamos havia dois dias, deixei a caravana, e, atravessando o areal,

cheguei a um lago de agua salgada, paralelo ao oceano. Durante muito tempo acompanhei as suas margens que ora eram de areia, ora cobertas de relva pouco densa, do meio da qual surgiam tufos de uma cyperacea então em flôr, semelhante ao nosso *Juncus articulatus*. O lago estava coalhado de uma infinidade de biguás e patos, e numerosos passaros aquaticos passeavam á beira d'agua, destacando-se entre outros o colhereiro, o guarápura (sic), o quero-quero (*Vanellus Carianus*), um baiagú (*hoematopus*), garças brancas e cegonhas.

Deparou-se-me no meio dessas aves o maior abutre que me era dado vêr depois que me achava no Brasil. Tinha mais ou menos tres pés de altura. A sua plumagem era pardo-escura mesclada de pennas de côr mais clara: o seu bico parecia-se com o da aguia e tinha por traz da cabeça um penacho comprido e em posição horizontal.

Doutro lado da lagôa onde vi esses passaros, existiam algumas choças de aspecto contristador.

Mais adiante encontramos o Rio Araringuá (3), que, segundo dizem, desce da Serra do Mar, cujos

(3) Casal, J. F. Fernandes Pinheiro e Milliet escreveram *Araranguá* (*Corogr. Braz.*, 1, 184; — *Anuacs da prov. de S. Pedro*, 2.^a ed., 15). Escrevendo *Araringuá*, estou de accôrdo com a pronuncia que ouvi no local. Van Lede, que tambem esteve ali, Léonce Aubé e Villiers de l'Île-Adam, adoptaram a mesma orthographia (*Col.*, 109; — *Not.*, 28; — *Carta topographica da prov. de Santa*

contornos divisavamos ao longe. A direcção desse rio, a partir da sua embocadura, é do sul para o norte; elle atravessa a praia e tem mais ou menos a largura do Marne, na ponte de Alfort. A portagem fôra arrendada a particulares pela fazenda real, devendo, entretanto, ser paga em Torres, situado 10 leguas mais adiante, além dos limites da provincia.

A carroça foi descarregada e a bagagem transportada para o outro lado do rio em diversas viagens, por duas canôas pequenas. Para passar a carroça foi necessario amarrar uma corda comprida ao varal e forçar os animaes, que não tinham sido desatrelados, a entrar nagua, emquanto da margem opposta a minha gente e a do conductor puxavam a corda vigorosamente e os homens en-

Catharina). Nas *Memorias historicas*, de Pizarro, IX, 268, encontra-se *Irringuá*; é essa tambem a graphia constante das minhas notas, sendo de crêr que algumas pessoas pronunciassem dessa maneira. *Araringuá* vem do guarany *araracunguay* e significa — o rio da areia preta. O rio Araringuá nasce na Serra do Mar e collecta a agua de avultado numero de affluentes. É navegavel numa extensão de 6 a 7 leguas; mas, Van Lede observou pessoalmente que a sua barra é perigosissima. Existe carvão de pedra de qualidade inferior, na região banhada pelo Araringuá e seus affluentes (Van Lede, *Col.*, 109; — Aubé, *Not.*, 28). — S.-H. — *Araranguá*, formado das palavras indigenas — *arara-anguá*, significa — o rumor ou barulho dos papagaios grandes (Th. Sampaio). — N. do t.

carregados de dar passagem sustinham em suas canoas a carroça pela trazeira.

Como tivéssemos perdido muito tempo em encontrar dois bois desgarrados, no momento de sairmos de Urussanga, só muito tarde deixamos esse lugar, tendo a noite nos surpreendido após passarmos o Araringuá. Não conseguimos chegar ao local em que o carroceiro pretendia parar e nem sabíamos onde encontrar agua. E' verdade que os canoeiros me haviam indicado uma choupana existente ali perto, mas não conhecíamos a posição exacta em que a mesma ficava. Mandeí o Manoel montar a cavallo afim de ir ver se a descobria, e pouco depois voltava dizendo-me tel-a encontrado; ella, porém, ficava situada num morro e os bois difficilmente chegariam até lá. O Manoel, o conductor e eu tomamos a dianteira para guiar a carroça, mas perdemos o caminho e ficamos por alguns instantes transviados no areal. Por fim, chegamos ao local que procuravamos, fizemos fogo, Larlotte metteu-se na carroça afim de arrumar as plantas e, terminado o seu trabalho, deixou-me o lugar para eu escrever o meu diario.

Ao amanhecer, verifiquei havermos passado a noite num lugar agradabilissimo. O terreno, situado á beira de um lagozinho, era coberto de relva e

contornado de morros escarpados e de fórmias diferentes, num dos quaes existiam algumas choças.

Apenas sahimos dahi, encontramos-nos novamente na praia. Sempre a mesma tristeza e a mesma monotonia: a areia alvacentas, o mar rugidor, passaros marinhos, nenhuma vegetação. Como os bois tivessem encontrado alguma herva no sitio em que pernoitamos, detivemo-nos ahi até o meio-dia, obrigando-nos a viajar durante a noite. Quando chegamos ao Arroio Grande, lugar deserto onde fizemos alto, todos se achavam cansados, de máo humor e mortos de somno, tendo sido preciso procurar lenha e agua nas trevas.

No dia seguinte continuamos a vêr areia e mar. Comtudo, se nos dias precedentes só viamos diante de nós uma praia monotona que no horizonte se confundia com o céu, agora avistavamos os morros chamados das Torres, que avançavam para o mar como duas torres arredondadas.

Cerca de uma legua antes de Torres, encontramos-nos á margem do rio Mambituba (4) que atra-

(4) Estou inclinado a crêr com Casal, que o rio Mambituba é o *Rio Martin Affonso* dos antigos navegadores, e, particularmente, de Gabriel Soares de Souza. O pae da geographia brasileira (Casal), não obstante ter escripto *Mamputuba*, *Manputuba* e *Mombituba*, acceta definitivamente a primeira das tres graphias, rejeitando as demais como erroneas (*Corogr. Braz.*, I, 180, 184, 118,

vessa a praia e vae lançar-se no mar. Transpuzemol-o da mesma maneira que o Araringuá, achando-nos, na outra margem, em terras da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul.

139, 2 da *errata*). José Feliciano Fernandes Pinheiro, que na primeira edição dos seus *Annaes da provincia de S. Pedro do Sul*, adoptara *Mompituba* (I, 22, 23), escreve na segunda, *Mambituba*, *Mombetuba* (15, 383). Pizarro escreveu repetidamente *Mambituba*, encontrando-se tambem no seu livro *Mampituba, Mambituba e Mombituba* (*Mem. hist.*, IX, 268, 323, 327, 299, 279). Segundo Léonce Aubé, Milliet e Lopes de Moura, a fórma correctá seria *Mampituba* (*Dicc.*, 23; — *Not.*, 29), e segundo A. J. Ferreira de Brito, *Mompituba* (*Falla*, de 1.º de março de 1841, 12). A' vista de tanta incerteza, creio que devo escrever esse nome como o ouvi pronunciar no local, e de accôrdo com a fórma que Pizarro empregou com mais frequencia e a que Van Lede, que visitara a região, tambem adoptou (*Col.*, 90, 110). O rio Mambituba tem a extensão de 7 a 8 leguas e cerca de 200 metros de largura na sua foz. A sua corrente é impetuosa; mas, é navegavel por embarcações de pequeno calado até o lugar denominado Forquilha, 4 leguas acima da sua embocadura (Mill. e L. de Moura, *Dicc.*, II, 22; — Aubé, *Not.*, 28). Suppõe-se no local que a palavra *mambituba*, da lingua geral, signifique — *o pne do frio*. Segundo o *Diccionario portuguez e brasileiro*, *mopytuba*, que tem muita semelhança com *mambituba*, significa *intimidar*. Um homem que encontrei nas Missões, profundo conhecedor da lingua guarany, informou-me que *mambituba* era uma palavra dessa lingua e que a mesma não soffreu nenhuma alteração e significa — *mochila*. Penso que a sua verdadeira etymologia é *mbofi*, morcego, e *tiba* — lugar onde se juntam muitos morcegos. — N. B. Devo em parte esta nota ao sr. Joaquim Caetano da Silva, director do Collegio Pedro II. — S.-H. — Regista Th. Sampaio (*op. cit.*) — “*Mompituba*, antigamente *Mboiypatyba*, e, *mboi-ypá* — *tyba*, o brejal das cobras. Nome do rio que faz a divisa, na zona costeira, entre S. Catharina e o Rio Grande do Sul.” — N. do t.

Chegando ao fim desta terceira *relação*, acrescentarei apenas a phrase com a qual Hans Staden, *ce soldat de cœur et de tête* (Ternaux-Compans), que visitara uma parte das regiões que vim a percorrer duzentos annos mais tarde, — termina sua ingenua narrativa: — *Si cui ergo adolescentum hæc mea scripta et testimonia non satisficient, is ut hunc scrupulum animo eximat, divino impetrato auxilio, iter hoc bonis avibus ingrediatur; si quidem indicia ipsi satis manifesta in hoc scripto præbui, quæ tuto investigare possit. Cui enim Deus presto erit, vel totus orbis non erit invius. Soli Deo sit maximo honor, decus et gloria (Americæ tertia pars in Th. de Bry, I, 134) (5).*

(5) "Si agora, alguem houver que não fique contente com este escripto, e para que não continue a alimentar duvida, peça o auxilio de Deus e emprenda a mesma viagem. Dei-lhe já bastante ensino. Siga as pegadas. — A quem Deus ajuda o mundo não está fechado. — Ao Deus todo poderoso, que todo está em tudo, sejam a honra, a gloria e o louvor (de eternidade a eternidade. Amen)." — Hans Staden, *Viagem ao Brasil*, versão do texto de Marpurgo, de 1557, por Alberto Löfgren, ed. da Academia Brasileira. — N. do t.

